

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Bharbara Alves Agnoletto

**CONTESTAÇÃO SOCIAL E RESSENTIMENTO DE CLASSE NO
BRASIL: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO BOLSONARISMO E
DAMOBILIZAÇÃO DO PROTESTO CONSERVADOR EM UMA
REDE SOCIAL DIGITAL (2016-2019)**

Santa Maria, RS
2022

Bharbara Alves Agnoletto

**CONTESTAÇÃO SOCIAL E RESENTIMENTO DE CLASSE NO BRASIL: UMA
ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO BOLSONARISMO E DA MOBILIZAÇÃO DO
PROTESTO CONSERVADOR EM UMA REDE SOCIAL DIGITAL (2016-2019)**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Mayer

Santa Maria, RS
2022

Agnoletto, Bharbara

CONTESTAÇÃO SOCIAL E RESSENTIMENTO DE CLASSE NO
BRASIL: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO BOLSONARISMO E DA
MOBILIZAÇÃO DO PROTESTO CONSERVADOR EM UMA REDE SOCIAL
DIGITAL (2016-2019) / Bharbara Agnoletto.- 2022.

115 p.; 30 cm

Orientador: Ricardo Mayer

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2022

1. bolsonarismo 2. ressentimento 3. conservadorismo
4. sociodicéia 5. habitus de classe I. Mayer, Ricardo
II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Bharbara Alves Agnoletto

CONTESTAÇÃO SOCIAL E RESENTIMENTO DE CLASSE NO BRASIL: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO BOLSONARISMO E DA MOBILIZAÇÃO DO PROTESTO CONSERVADOR EM UMA REDE SOCIAL DIGITAL (2016-2019)

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**.

Aprovada em 29 de setembro de 2022.

Ricardo Mayer, Doutor
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
(Orientador)

Everton Lazzaretti Picolotto, Doutor
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Rosana Pinheiro-Machado, Doutora
University College Dublin (UCD Dublin)

Santa Maria, RS
2022

Dedico este trabalho à memória de Luciano Tagliapietra Esperidião, Gabriella dos Santos Saenger e os demais 240 jovens que tiveram suas vidas ceifadas naquele 27 de janeiro.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria concluído sem a companhia e o apoio de diversas pessoas que foram fundamentais ao longo desses anos. Como não poderia ser diferente, agradeço em primeiro lugar a meu orientador, Ricardo Mayer, por sua paciência com a minha demora, e por manter a aposta neste trabalho e na minha escrita em tantos momentos em que eu mesma duvidei que chegaria ao fim dessa jornada.

Gostaria de agradecer minha analista, Amanda Schreiner Pereira, que me escuta há tanto tempo, que me salva de mim e me levou a posições subjetivas que eu não imaginava possíveis. Por apostar em mim, na minha formação e na construção desse trabalho. Obrigada e Obrigada!

Também agradeço aos meus pacientes, que em 2018 trouxeram para a minha clínica seus questionamentos pelo movimento que percebiam, e foi através da escuta do sofrimento deles, que a vontade de estudar sobre o tema surgiu em mim. Obrigada a cada um de vocês que confiam suas palavras aos meus ouvidos, que me permitem exercer e testemunhar a beleza da psicanálise.

Ser uma mulher pesquisadora em uma área bastante dominada por homens não é muito fácil. Falando sobre um tema tão complexo como o autoritarismo e as novas formas de fascismo é um pouco mais difícil. Nos momentos de solidão da escrita pude contar com o exemplo e a inspiração de mulheres cientistas que estão pelo mundo fazendo a diferença. Em 2009, tive a sorte de ser aluna de uma delas, Rosana Pinheiro-Machado. Rosana é força, é luta, é exemplo de recomeço, é exemplo de trabalho extremamente bem-feito. É conhecimento feito para atravesse os muros da academia e ganhe o mundo, o que faz toda a diferença. Rosana, obrigada por tudo isso. Esse trabalho existe também, por causa de você.

Agradeço minha família, por seu apoio, independente de entenderem o que é uma dissertação, como no caso de minha vó, ou de não concordarem com meus posicionamentos, como no caso de meu pai. Agradeço a todos meus irmãos, especialmente a minha irmã Lorena Shirley, por sua amizade, apoio e amor. A meus tios Fabiana e Jaime, grandes incentivadores da carreira acadêmica e que torcem pelo meu sucesso, o fato de vocês acreditarem em mim faz toda a diferença. Eu amo muito todos vocês.

Ao Richard, pela paciência, pelos almoços, por me ajudar a juntar as referências do trabalho, por estar aqui e me segurar nas muitas vezes em que eu quase desmoronei. Obrigada por sempre me ouvir, por ser tão doce e querido, por me ensinar a amar. Por enxergar coisas boas em mim nas horas mais difíceis. Por insistir em nós. E por entender todas as vezes que eu precisei ficar na frente do computador sem conseguir sair e fazer algo legal. Tu é minha luz, minha casa, minha segurança e minha maior sorte. Te amo muito.

Ao Alberto, por ser o irmão que eu escolhi, pela nossa conexão tão forte, por todos os nossos debates que sempre nos ensinam tantas coisas, pela parceria, por ser a pessoa que eu sei que posso contar para qualquer coisa, e por ser a pessoa pela qual eu faria qualquer coisa. Obrigada por me escutar, por me aconselhar, por vibrar comigo, por chorarmos juntos, enfim, obrigada por ser uma das pessoas mais maravilhosas que eu tenho o prazer de conviver. Eu te amo mais do que cabe e eu também devo a ti a força que tive para terminar esse trabalho.

A todos que fizeram e fazem parte do programa de pós-graduação em ciências sociais, Jane, Rosana, Jurema, Fernando, Francis, Monalisa, Eduardo, Laura, Everton, e demais docentes com os quais não tive tanto contato. Todos vocês impactaram de forma positiva minha formação, transmitiram seus saberes de maneira apaixonada e eu sou muito grata ao tempo que passamos juntos, os laços construídos e aos aprendizados adquiridos. Sigam firmes, queridos, vem tempos difíceis por aí.

A todos os meus colegas de mestrado, em especial meu amigo e filho Rafael. Amigo, você foi a sanidade mental pré, durante e nesse quase pós pandemia. Muito obrigada por todo apoio, por todas as vezes que saímos das aulas juntos para respirar, por me manter atualizada das melhores fofocas e por ser esse ser humano engraçado que alegra meus dias. Que sorte a minha te encontrar, te amo.

Aos meus amigos, Andressa Mayer, Ana Paula e Mauro, Carina, Murilo e agora também o Cícero, Carol Felin (mozão), Silvana, Rogério e Dani, Júlia Trombini, Victória Sgaria, Júlia Souza, Gabrielle Pradebon, Aline e Murilo Souto (melhores vizinhos), que permanecem ao meu lado, mantendo nossa amizade apesar das muitas vezes que eu precisei me ausentar para conseguir escrever esse trabalho.

Ao Gasquito, por transmitir que a história é sempre política e que é preciso ter lados e defender seus ideais. Por me ensinar que é preciso ter um problema para depois se preocupar em como resolver o problema. Que vale a pena ser um pouco insuportável quando se está certo. E por ter construído comigo em 2018 a ideia que gerou essa pesquisa. Assim como eu só cursei psicologia pelo teu incentivo, esse mestrado só aconteceu pelo mesmo motivo, ainda que na tua ausência. Obrigada por tudo.

*“Eu vou ficar nessa cidade, não vou voltar pro sertão
Pois vejo vir vindo no vento o cheiro da nova estação
Eu sei de tudo na ferida viva do meu coração.
Já faz tempo eu vi você na rua, cabelo ao vento, gente jovem
reunida.
Na parede da memória, essa lembrança é o quadro que dói
mais.
Minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo o que
fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos
pais.”*

(Como nossos pais – Elis Regina)

RESUMO

CONTESTAÇÃO SOCIAL E RESSENTIMENTO DE CLASSE NO BRASIL: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO BOLSONARISMO E DA MOBILIZAÇÃO DO PROTESTO CONSERVADOR EM UMA REDE SOCIAL DIGITAL (2016-2019)

AUTORA: Bharbara Alves Agnoletto
ORIENTADOR: Prof Dr. Ricardo Mayer

Este trabalho teve como objetivo realizar uma análise sociológica sobre a contestação social e o ressentimento de classe presente nas mobilizações e protestos de conservadores e bolsonaristas na rede social Twitter, entre os anos 2016 e 2019. Para isso foram realizadas buscas nesta rede social através de sua ferramenta de buscas avançada, a partir de categorias pré-definidas. Foram selecionadas 1615 publicações, que foram armazenadas e classificadas mediante a utilização do pacote para análise de dados qualitativos RQDA da linguagem de programação R e do software RStudio. Foi percebida a reprodução de um certo *habitus* de classe que perpetua formas de aporofobia na sociedade brasileira, acirrando um conflito de classes catalisado pela pequena mobilidade social ascendente nos governos petistas e resultando em diferentes tipos de mobilizações das camadas médias. Além disso, as postagens na rede social revelam uma visão de mundo nitidamente conservadora e suscetível à manipulação e polarização político-ideológica através de conteúdos com forte apelo emocional. Da mesma forma, o Presidente Jair Bolsonaro é tratado nas postagens analisadas como um líder carismático que mobiliza através da rede social em questão, um determinado conjunto de sentimentos morais, dos quais se notabiliza o ressentimento, mediante uma estratégia de propaganda e agitação política de caráter “neofascista”, o que representa, na atualidade do conflito sociopolítico do país, a emergência de um posicionamento político situado na extrema-direita do espectro político-ideológico. Por fim, foi percebido no material analisado uma forma de justificação da desigualdade capaz de se configurar em uma sociodicéia conservadora que fornece a métrica dos valores para as comparações que ensejam o receio da privação relativa de privilégios de classe.

Palavras-chave: bolsonarismo; ressentimento; conservadorismo; sociodicéia; *habitus* de classe.

ABSTRACT

SOCIAL CONTESTATION AND CLASS RESENTMENT IN BRAZIL: A SOCIOLOGICAL ANALYSIS OF BOLSONARISM AND THE MOBILIZATION OF CONSERVATIVE PROTEST IN A DIGITAL SOCIAL NETWORK (2016-2019)

AUTHOR: Bharbara Alves Agnoletto

ADVISOR: Prof Dr. Ricardo Mayer

This work aimed to carry out a sociological analysis of the social contestation and class resentment present in the mobilizations and protests of conservatives and bolsonaristas on the social network Twitter, between 2016 and 2019. With their advanced search tool, from pre-defined categories. A total of 1615 publications were selected, which were stored and classified using the RQDA package for qualitative data analysis of the R programming language and the RStudio software. The reproduction of a certain class habitus that perpetuates forms of aporophobia in Brazilian society was perceived, as inciting a class conflict catalyzed by the small upward social mobility in PT governments and resulting in distinct types of mobilization of the middle classes. In addition, the posts on the social network reveal a conservative worldview that is susceptible to manipulation and political-ideological polarization through content with a strong emotional appeal. In the same way, Jair Bolsonaro is treated in the posts as a charismatic leader who mobilizes through the social network in question, a certain set of moral feelings, of which resentment is notable, through a strategy of propaganda and political agitation of a character "neo-fascist", which represents, in the current sociopolitical conflict of the country, the emergence of a political position situated on the extreme right of the political-ideological spectrum. Finally, a form of justification for inequality was perceived in the analyzed material, capable of being configured in a conservative sociodicy that provides the metric of values for comparisons that give rise to the fear of relative deprivation of class privileges.

Keywords: Bolsonarism; resentment; conservatism; sociology; sociodicy; class habitus

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	20
Figura 2	20
Figura 3	20
Figura 4	21
Figura 5	21
Figura 6	39
Figura 7	41
Figura 8	41
Figura 9	90

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	11
1.1 Apresentação e contextualização da temática de investigação	11
1.2 Problema de Investigação.....	12
1.3 Discussão Metodológica	15
1.3.2 Porque o <i>twitter</i> ? Ação conectiva como repertório de ação coletiva do protesto social conservador	18
1.3.3 Descrição do material empírico	19
1.4 Sinopse dos capítulos da dissertação.....	22
2. ESTRUTURA DE CLASSES DA SOCIEDADE BRASILEIRA: a prevalência da desigualdade em suas dimensões materiais e simbólicas	24
2.1 Introdução.....	24
2.2 Classes sociais: questões de definição conceitual	25
2.3 As classes sociais no brasil: persistência e inércia social.....	29
2.4 A dimensão simbólica das diferenças de classe: critérios de justiça e justificação moral da desigualdade	31
2.5 Conclusão.....	43
3. CONSERVADORISMO NO BRASIL	46
3.1 Introdução.....	46
3.2 O que é conservadorismo?.....	47
3.3 O conservadorismo e a direita brasileira.....	51
3.3.1 O <i>impeachment</i> de Dilma Rousseff.....	53
3.3.2 A manipulação midiática dos acontecimentos.....	57
3.4 O Bolsonarismo e as classes populares	60
3.4.1 A Mentalidade Autoritária	68
3.4.2 A propaganda e agitação neofascista no séc. XXI	71
3.5 Conclusão.....	75
4. RESSENTIMENTO E SUAS DIMENSÕES	77
4.1 Introdução.....	77
4.2 O ressentimento como sentimento moral	78
4.2 Uma dimensão simbólica da desigualdade: o ressentimento	86
4.3 Distinção conceitual entre <i>Ressentiment</i> e <i>Resentment</i>	94
4.4 Conclusão.....	96
5. CONCLUSÃO	98
REFERÊNCIAS	102

I. INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação e contextualização da temática de investigação

Nos últimos anos, o Brasil tem passado por uma série de crises políticas, econômicas e sociais. A mídia clássica, composta por jornais, redes de televisão e rádio, seguem tendo grande influência nos atores sociais, quando estão no papel de interpretadores da realidade. Na atualidade, para além do tradicional e com o crescimento e maior democratização da internet, a mídia conquistou espaço no mundo virtual exercendo ainda importante influência sobre a percepção do mundo social por parte de amplas camadas da população no país. Além disso, a difusão da internet, traz consigo novas configurações de comunicação e protesto social que serão abordadas nesse trabalho.

Em 2013, centenas de milhares de brasileiros foram às ruas em protesto. Havia uma variedade de grupos presentes em cada ação coletiva, com suas respectivas demandas. Desde o processo de redemocratização do Brasil, essa foi a primeira vez que os brasileiros (re)tomavam às ruas, entretanto, com a novidade de a organização os protestos terem sido convocados e organizados através das redes sociais digitais na internet. Sakamoto (2014) aponta que diversos grupos conservadores se organizaram na internet a sua participação nas manifestações de 2013, formando um grupo pequeno, com características próprias e bastante dissonante dos demais.

A força dessa nova forma de comunicação direta e rápida que são características das redes sociais virtuais, alinhada à construção narrativa da mídia tradicional sobre fatos da política como o escândalo do Mensalão e mais recentemente da investigação da Lava-Jato, resultaram nos protestos de 2015, onde um grupo específico, nomeado por Ângela Alonso (2019) como “os patriotas”, começam a se destacar e a expor de forma clara suas opiniões e sentimentos em relação aos acontecimentos do país. Esse grupo já estava presente nas manifestações dos anos anteriores, entretanto, segundo a autora, nesta nova onda de protestos eles tornaram-se maioria.

Este grupo pode ser identificado a partir daquilo que escrevem em seus perfis pessoais, já que, embora variem termos, ortografia, e até mesmo forma discursiva, o conteúdo exposto é sempre o mesmo. Nacionalismo autoritário e conservador, antipetismo, ojeriza aos direitos humanos, anticomunismo, anti feminismo, culto à

violência, defesa do capitalismo são apenas algumas das palavras de ordem encontradas nessas manifestações, sejam elas virtuais ou não, e podem caracterizar, como aponta Michael Löwy (2019), aspectos ideológicos da emergência de movimentos com inclinações potencialmente neofascistas e de caráter autoritário no Brasil.

No ano de 2016 aconteceram inúmeros protestos contra a então presidente Dilma Rousseff, nomeados como “panelaços”. Esses protestos eram constituídos de pessoas batendo em panelas nas janelas e sacadas de suas residências, em sua maior parte durante os pronunciamentos televisionados da presidente. Essa forma de manifestação era combinada nas redes sociais e deram o tom ao processo de impeachment, que foi concluído em agosto do mesmo ano. O impedimento da presidente foi amplamente discutido nas redes sociais, lamentado pelos apoiadores e comemorado pelos conservadores. Em 2018, outros dois acontecimentos exemplificam a relação de proximidade que os brasileiros mantêm com a internet e suas redes sociais, como na prisão do presidente Luís Inácio Lula da Silva e é claro, durante o pleito eleitoral, que elegeu Jair Messias Bolsonaro como 38º presidente do país. O Twitter foi durante as eleições e ainda é um dos principais canais de comunicação de Bolsonaro. As respostas às suas postagens contêm o mesmo teor conservador, de negação da alteridade, de ódio ao diferente, e demais posições e valores situados no lado esquerdo do espectro político-ideológico, como será demonstrado nesse trabalho.

1.2 Problema de Investigação

As novas possibilidades de comunicação proporcionam, então, uma necessidade e vontade de expressar opiniões sobre todos os temas e um novo repertório de protesto social. É possível entender que esta seria uma nova forma de ação coletiva. Tufekci (2017) utiliza os termos “esfera pública em rede digital” ou “esfera pública em rede”, para facilitar a maneira de nomear essas formas de interação bastante complexas. Dessa forma entende-se que: “Networked public sphere,” like the terms “digitally networked movements” or “networked movements,” does not mean “online-only” or even “online-primarily” (pág 39), uma noção que coincide com a definição de Bennett e Segerberg (2013) chamada ação conectiva, que será utilizada no presente trabalho. A escolha desse termo justifica-se por ser o que melhor compreende o objeto

de pesquisa, que se trata das postagens em si, seu conteúdo e intencionalidade e não apenas o espaço onde elas estão inseridas. A ação conectiva segundo os autores, trata-se de uma nova forma de ativismo digital, que mantém em sua estrutura alguns elementos das formas clássicas de ação coletiva ao mesmo tempo em que possui uma lógica própria, com alguns elementos bastante efetivos e outros nem tanto. Com efeito, a ação conectiva, dada a importância que assume como um meio fundamental para a veiculação do protesto social contemporâneo, converteu-se também em um novo repertório da ação coletiva, tal como teorizado por Charles Tilly (2006).

Polleta et al, (2013), demonstram que a internet auxiliou a criar uma necessidade de protestos ao mesmo tempo em que desenvolveu a disseminar novas formas de movimentos. Eles argumentam que a internet e as inovações tecnológicas do mundo digital enfraqueceram a fronteira entre aquilo que é público e o que é privado. A consequência desse fato atinge diretamente as formas de protesto, já que novas demandas surgem, criando novos protestos além de aumentar a sua quantidade e também, atingir um novo público. Para Polleta et al (2013), essa não deixa de ser uma integração em um mercado tornando lazer e consumo formas de ação política. Esse novo público por diversas vezes se conecta a partir da comunhão de valores e opiniões que são expressas online. Esse fato produziu diversas consequências, como por exemplo, a criação de uma forma de comunicação própria, a disseminação de ideais antes não tão acessíveis e até mesmo a divulgação de notícias e fatos falsos.

Uma das redes sociais mais utilizadas por esses atores sociais é o Twitter. Essa rede social permite a veiculação de uma protestação social de natureza extremamente virulenta em sua forma e conteúdo notabilizando-se como uma ação conectiva (BENNETT; SEGERBERG, 2013). Um protesto social impulsionado e catalisado por algoritmos que promovem a aproximação das postagens caracterizadas pela ruminação rancorosa do ódio, pela destilação furibunda de preconceitos indexados pela classe social, pelo gênero e pela raça, pela busca de bodes expiatórios para as frustrações relacionadas à percepção receosa por parte das camadas médias mais favorecidas economicamente de que suas expectativas de classe em termos de manutenção de status e privilégios sociais estiveram, em algum momento, em risco por conta da implementação de políticas redistributivas e de ação afirmativa. Um protesto social configurado como um empreendimento moral coletivo das camadas

médias capaz de sanear a nação dos males da corrupção e da impunidade, conforme a retórica beligerante que o instila. Uma contestação social que percebia as instituições políticas, o parlamento e os partidos políticos como a fonte de todo mal. Enfim, uma contestação social marcada pela adesão irrefletida e inconsciente a um complexo de sentimentos morais, valores e visão de mundo capaz de compor uma sociodicéia (DENORD, 2020), ou seja, uma espécie de justificação social do êxito e do sucesso de uns e da desgraça e do destino desfavorecido de muitos, uma espécie de explicação oriunda de um certo senso comum compartilhado por um dado grupo social para a origem das mazelas sociais.

Mais especificamente, uma sociodicéia de natureza conservadora que comporta as hierarquias axiológicas que serão mobilizadas para a emissão de juízos de valor transsubstanciados em juízo de fato para a comparação e avaliação das coisas e seres do mundo como dignos ou indignos tendo em vista o acesso à direitos sociais, bem como a própria circulação no espaço público. Noutras palavras, da justificação ideológica da persistência crônica de uma condição de sub cidadania para amplas parcelas da população brasileira. Com efeito, nestes termos, indagamos: como uma rede social virtual como o Twitter configurou-se em um novo repertório de ação coletiva para o protesto social de cariz conservador? Qual a natureza dos conteúdos veiculados nas mensagens postadas nesta rede social virtual tendo em vista a contestação social contra os governos de esquerda, bem como contra a política e seus principais atores? Considerando que os sentimentos de injustiça traduzem uma espécie de reação emocional subjacente ao protesto social em tela, de que tipo de sentimento moral estamos tratando? Como podemos qualificar sociologicamente um sentimento moral, tal como o ressentimento considerando a relação entre estrutura social e comportamento político? Em que medida, um sentimento moral, como o ressentimento pode se traduzir em uma reação emocional assentada em uma dada hierarquia de valor que recusa a ideia igualdade? Ou seja, de que modo o receio de uma sociedade menos desigual por parte de indivíduos pertencentes aos estratos mais favorecidos das classes médias é capaz de suscitar um sentimento de injustiça pela perda de status e distinção social provocada pela mobilidade ascendente, ainda que pequena, de uma parcela das classes populares? De que modo, o ressentimento de classe foi instrumentalizado pelo populismo reacionário encarnado pelo bolsonarismo? Como podemos definir o bolsonarismo?

1.3 Discussão Metodológica

Para responder as questões expostas, realizou-se a análise de postagens recolhidas, e que haviam sido publicadas entre 2016 e 2019. Dessa forma, foi possível perceber a presença de hierarquias de valor e a expressão de uma constelação de sentimentos morais como raiva, cólera, indignação e inveja, além de inúmeros preconceitos. Muitas dessas publicações podem ser identificadas como uma forma de ressentimento. O ressentimento surge a partir da atribuição da responsabilidade do próprio sofrimento a um outro. Por outro lado, quando existem menções ou notícias em relação a acontecimentos negativos ou problemáticos, é possível perceber a presença de um outro sentimento moral, cunhado em alemão como “*schadenfreude*”. Segundo Dijk e Ouwerkerk (2014) “*schadenfreude*” é uma forma de alegria atípica que se manifesta quando o sujeito se sente feliz com um acontecimento ruim ou que se presume ruim, na vida de um outro, ou seja, que se regozija com a desgraça alheia. Segundo os autores esse sentimento está baseado em crenças sobre merecimento, autoimagem de superioridade e inveja. Por esse motivo, também pode ser entendido como um sentimento de aspecto moral.

A partir da divulgação midiática de um fato, é possível perceber nas postagens, algumas categorias de julgamento que são mobilizadas pelos atores, além de como a mídia pode colaborar, dependendo do tom de sua narrativa, para a incitação sentimentos como aprovação, carinho, afeição ou então, desaprovação, ódio, rancor, ressentimento, entre outros. As redes sociais costumam ser o ambiente onde as pessoas dão vazão a esses afetos através da palavra. É possível entender esta catarse na internet como uma forma de reação socialmente construída (BENNET e SEGERBERG, 2013; TUFEKCI, 2017). A reação que os atores expuseram em suas redes sociais durante as manifestações de 2013 e 2015, em relação à operação Lava-Jato e a consequente prisão do político Luis Inácio Lula da Silva, ao impeachment da presidente Dilma Rousseff e à eleição de Jair Bolsonaro, são alguns dos exemplos de como mídia e ação conectiva estão interligadas.

Quando o Twitter foi criado e lançado (2006), tinha como intuito ser um microblog que promovia a expressão dos usuários disponibilizando até 140 caracteres. Recentemente esse número foi ampliado para 208 caracteres. Para Morgan et. all, (2018), o Twitter, por sua maneira de funcionamento e por seus

usuários, pode ser bastante efetivo para comunicações de cunho ideológico, independentemente da posição política, mas apenas quando o conteúdo das postagens contém linguagem simples e incitações de aspectos que são ideológicos. Mais do que isso, o processo hoje chamado de “datificação”, explora o uso dos dados dos usuários das redes sociais de modo que é possível para as grandes corporações realizarem uma análise das mídias sociais em tempo real, fornecendo essas informações para campanhas políticas e ativistas, informações precisas sobre preferências pessoais e sentimentos públicos dos usuários. Essas comercializações de informações permite que o agente manipule o usuário trazendo as mensagens corretas para envolvê-lo nas diferentes narrativas (VAN-DIJCK; MARTIN; WAAL, 2018).

Neste aspecto, compreendemos o conceito de ideologia a partir de sua acepção negativa elaborada na forma de crítica primeiramente por Marx e Engels (1845/1982). Não obstante, para efeito de uma economia do argumento, ou seja, sem examinar a copiosa literatura existente sobre o tema, nos valem para o momento das elaborações críticas de Slavoj Žižek (1992) sobre a questão. Em sua acepção negativa, o fenômeno ideológico implica no desconhecimento de suas condições de possibilidade, isto é, na não percepção das condições materiais de sua produção, bem como de seus pressupostos de valor. Neste sentido, para além da universalização de interesses particulares encobertos sob o manto de narrativas e discursos de cariz ideológicos que favorecem, por seu turno, a reprodução da dominação de classe concorrendo para a fabricação do consentimento das classes e grupos sociais subalternos, salientamos um aspecto do fenômeno ideológico contemporâneo bem analisado por Žižek (1992), qual seja, o caráter cínico assumido pela ideologia. O autor aponta que a ideologia não é fundamentalmente uma construção imaginária que maquia a realidade social. Para ele, no sentido sintomático a ilusão fica do lado do saber, enquanto a fantasia, por sua vez, funciona como uma ilusão ou um erro que vai estruturar a realidade do sujeito e por consequência determinar sua ação.

Estes pontos são interessantes por serem características possíveis de constatar nas posturas anti sistêmicas subjacentes a muitas manifestações de natureza conservadora postadas no Twitter. Muito embora, inicialmente isso possa parecer um tanto paradoxal, ou seja, manifestações conservadoras de cunho antissistêmico, estamos nos referindo aqui a manifestações de uma variante particular

do conservadorismo, ou seja, o conservadorismo radical, conforme a tipificação do conservadorismo proposta por O’Sullivan (2003). Mais especificamente, trata-se de manifestações conservadoras com acentuada rejeição aos sistemas político e jurídico, percebidos como instituições corrompidas, bem como contra os processos de globalização econômica e política e, especialmente, contra instituições multilaterais, tais como, por exemplo, ONU e OMS.

Assim, Marx (1845/1982) ao organizar sua crítica ao idealismo Hegeliano vigente em sua época, entende que esse pensamento estava desarticulado da realidade, e esclarece que “não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência” (pág, 14). É dessa forma que a ideologia se coloca a serviço da preservação do *status quo*, legitimando a vontade das classes dominantes. Bourdieu (1974) reelabora essa perspectiva quando propõe que as classes dominantes possuem uma "sociodicéia de seus próprios privilégios"¹. Em seu “*Séminaires sur le concept de champ*”, Bourdieu (1975), tensiona essa perspectiva ampliando o entendimento de classe dominante.

“Se uma classe dominante é um conjunto de frações de classe caracterizadas tanto pela quantidade de seu capital quanto pela distribuição segundo os tipos de capital, podemos postular, como hipótese, que a ideologia dominante será necessariamente diferente de acordo com os tipos, embora em sua função genérica esteja sempre orientado para a justificação do que é. Os membros das classes dominantes terão todos em comum, de fato, querer fazer sua ideologia dizer que é bom ser o que são, que a sociedade que lhes permita ser o que são é ela que deveria ser. Mas a função de legitimação se cumprirá de diferentes maneiras, dependendo do que há para legitimar, ou seja, de acordo com os fundamentos específicos dessa proposição genérica que é pertencer à classe dominante.” (pág, 24, tradução nossa)²

Essa proposição de Bourdieu estabelece uma dialética entre quem detêm o poder propriamente dito e a sociedade que provê esse poder através do estado de direito. Dessa forma é possível entender por que o conservadorismo não é uma forma de pensamento exclusiva da classe dominante, mas justamente se insere no tecido social a partir dessa relação dos sistemas reprodutivos. Partindo desse entendimento,

¹ Para uma discussão sobre o conceito de sociodicéia, ver também Giner (2015).

² Texto original: “*Si une classe dirigeante est un ensemble de fractions de classe caractérisées à la fois par la quantité de leur capital et par la distribution selon les espèces de capital, on peut poser, comme hypothèse, que l'idéologie dominante sera nécessairement différente selon les fractions, bien que dans sa fonction générique elle soit toujours orientée vers la justification de ce qui est. Les membres des classes dominantes auront tous en commun, en effet, de vouloir faire dire à leur idéologie qu'il est bien d'être ce qu'ils sont, que la société qui leur permet d'être ce qu'ils sont est ce qu'elle doit être. Mais la fonction de légitimation s'accomplira de façon différente selon ce qu'il y a à légitimer, c'est-à-dire selon les fondements spécifiques à l'intérieur de cette proposition générique qui est d'appartenir à la classe dirigeante.*”

a análise do que está escrito nas postagens que foram analisadas, não se dirigiram para qual classe pertence o “internauta”, mas sim, que pensamento ele reproduziu em seus *tweets*.

Além disso, outro aspecto identificado por Mariella et. all, (2018) na comunicação do twitter, é o incentivo para escrever mensagens provocadoras, onde os argumentos são emocionais e moralmente perturbadores, o que resulta em uma resposta bastante visceral. Os autores estão relatando a realidade americana, entretanto, entende-se que um fenômeno bastante similar acontece no Brasil. A necessidade de mais estudos entendendo esses processos no país são extremamente importantes e demonstram a relevância dessa pesquisa.

1.3.2. Porque o *twitter*? Ação conectiva como repertório de ação coletiva do protesto social conservador

O Twitter está entre as dez redes sociais mais usadas no mundo segundo pesquisa da *We Are Social* em parceria com a *Hootsuite* divulgado em janeiro de 2019. Segundo essa pesquisa, o Brasil tem o total de 149.1 milhões de usuários de internet ativos, o que equivale a 70% da população³. 140 milhões estão nas redes sociais disponíveis, o que corresponde a 66% da população total⁴. O Twitter aparece no 6º lugar do ranking das redes sociais mais utilizadas, correspondendo a 43% dos usuários da internet⁵. É sabido que o Twitter é a rede social escolhida pelo presidente eleito em 2018, Jair Bolsonaro, como forma de comunicação com seus eleitores e base de apoio. O grupo que se identifica com o conservadorismo responde às suas mensagens e postagens, além de construírem uma lógica própria de comunicação nesta rede. Mariella et. all, (2018) entendem que Twitter possui um aspecto particular na sua forma de comunicação. A maneira como ele se constitui proporciona a existência e de alguma forma incentiva seus usuários a escreverem mensagens provocadoras, onde os argumentos são emocionais e moralmente perturbadores, resultando em respostas bastante viscerais nos destinatários diretos e indiretos.

³ Na pesquisa da Hootsuite divulgada em janeiro de 2020 esse número havia aumentado para 150.4 milhões de usuários, o que equivale a um aumento de 6% no número de usuários entre os anos.

⁴Na pesquisa da Hootsuite divulgada em janeiro de 2020 houve o aumento de aproximadamente 8,2% nos usuários de redes sociais.

⁵O número atualizado em 2020 corresponde a 48%.

Apesar de os autores estarem relatando a realidade americana, entende-se que um fenômeno bastante similar acontece no Brasil.

Neste sentido, Bennett e Segerberg (2013), explicam que a internet produziu novas formas de ação coletiva as quais eles chamam de ação conectiva. Em um desses casos, as redes sociais são utilizadas como organizadoras de formas de ação política, em outro a ação conectiva acontece dentro da internet e é dessa forma que constrói o objeto de estudo deste trabalho.

1.3.3. Descrição do material empírico

Dessa maneira a pesquisa foi realizada utilizando um perfil na rede social Twitter criado com esse propósito. Essa ação foi realizada na tentativa de moldar o algoritmo, de modo que quando as categorias fossem buscadas, os tweets desse público aparecessem primeiro e em maior quantidade. Para alimentar o algoritmo de modo a aparecerem nas pesquisas postagens do público em questão foram seguidos perfis que tinham em sua descrição a categoria conservador(a). Van Djick, Poell e Waal (2018), esclarecem que cada rede social tem algoritmos, ou seja, uma lógica própria, que por sua vez, dará mais ou menos relevância a um conteúdo segundo sua adequação aos parâmetros que definem a elaboração do algoritmo. Dessa maneira, um assunto pode estar sendo amplamente discutido no Facebook e não aparecer a quase nenhum usuário no Twitter, ainda que os usuários estejam fazendo postagens em ambos os lugares. Isso quer dizer que não há neutralidade no destaque das postagens e salienta a necessidade de haver sido criado um perfil para a pesquisa. Além disso, é importante ressaltar que os mecanismos das plataformas variam segundo uma complexa variação entre tecnologia utilizada, modelos econômicos vigentes e práticas específicas.

O próprio site possui um mecanismo de busca avançada bastante amplo, e foi a partir dele que a busca pelas postagens foi realizada. É possível procurar por palavras, separando-as com aspas ou então uma frase inteira. Também é possível excluir palavras de uma busca e procurar por *hashtags* (#), como é possível ver na figura 1. A pesquisa teve dois momentos de busca. No primeiro foi utilizada a busca “all of these words”, uma de cada vez, as palavras “comunismo”, “pt”, “conservadorismo”, “esquerda”, “Marielle”, “pobre”, “petralhas”, “quadrilha do pt”, “mimimi”, “mortadelas” e “mamata”. Também foi utilizada a busca de *hashatgs*, uma

de cada vez, sendo elas: #somostodosgolpitas, lançada em 2016 para comemorar o impeachment de Dilma Rousseff e apoiar Michel Temer, #foradilma, #foraPT, #vempraru, #imaginaseadilma, #tchaudilma, #bolsonaro2018, #bolsomito e #apoiequemteprotege. Ao mesmo tempo, foi utilizada a delimitação temporal também disponível na busca avançada, conforme figura 2. Na busca por palavras, foi delimitado o tempo de um mês para cada busca. Por exemplo, a palavra comunismo teve ao todo 48 buscas, janeiro de 2016, depois fevereiro de 2016, e assim sucessivamente. As *hashtags*, por sua vez tiveram a delimitação temporal de 1 ano, resultando em 4 buscas para cada uma.

Figura 1

Figura 2

Essa escolha se justifica pelo fato de o twitter proporcionar 5 abas de resultado: top, onde aparecem os que o algoritmo entende que são mais relevantes para a conta em questão; *latest*, que são todos os *tweets* encontrados e que aparecem em ordem decrescente (dos últimos aos primeiros em relação as datas delimitadas); e as abas people, fotos e vídeos, que não foram utilizados na pesquisa (figura 3).

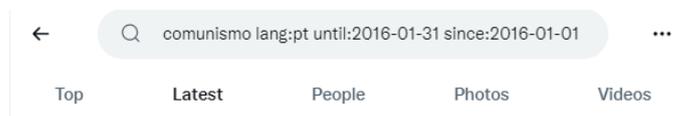


Figura 3

Além disso, foi delimitado o idioma português nas buscas, para evitar postagens que não fossem brasileiras. No segundo momento da pesquisa foram observados os *tweets* e respostas à *tweets* de Jair Bolsonaro. Então foi buscado pela sua conta (figura 4), com a delimitação temporal de mês. Quando uma postagem dele participava da lógica do agitador, como será exposto no subcapítulo 3.4, essa

postagem era aberta e eram observadas as respostas que existiam. Para isso, dentro da busca avançada, na parte de filtros, ficavam selecionadas para aparecerem respostas e possíveis links publicados (figura 5).

Language
Any language

Accounts

From these accounts
Example: @Twitter - sent from @Twitter

To these accounts
Example: @Twitter - sent in reply to @Twitter

Mentioning these accounts
Example: @SFBART @Caltrain - mentions @SFBART or mentions @Caltrain

Figura 4

Filters

Replies

Include replies and original Tweets
Only show replies

Links

Include Tweets with links
Only show Tweets with links

Figura 5

Ao todo, foram encontrados 1615 tweets que foram arquivados e categorizados com a utilização do pacote de análise de dados qualitativos RQDA (HUANG, 2018) da linguagem de programação R. A linguagem R é uma forma de programação desenvolvida por estatísticos australianos, para o desenvolvimento e armazenamento de dados de diferentes tipos de pesquisa. O código está disponível no site da “*R Foundation*”, bem como diferentes pacotes desenvolvidos pela comunidade acadêmica para uma ampla gama de investigações de natureza quantitativa e qualitativa. O recurso ao RQDA para a realização da análise qualitativa foi feito através da utilização do software RStudio (RSTUDIO, 2020). Através do RQDA os tweets foram classificados com categorias como “machismo e misoginia”, “ideologia”, “antipetismo”, “anticomunismo”, “discurso de ódio”, “teorias da conspiração”, “ressentimento”, “bolsonarismo”, “ultranacionalismo”. Além disso, é importante ressaltar que os usuários do Twitter podem escolher duas maneiras de estarem na rede social no que diz respeito à privacidade. Uma das opções é o perfil privado, que permite que apenas os seguidores desse usuário vejam suas postagens. A outra opção é um perfil público, onde as postagens podem ser vistas nas buscas.

As postagens encontradas e utilizadas no trabalho são todas de perfis públicos e aparecem aqui sem os dados de quem as publicou. Isso se dá pela grande quantidade de postagens encontradas, o que tornaria inviável pedir autorização do uso a cada um. Mais do que isso, esse trabalho não avalia as postagens do sujeito, nem os categoriza de forma individual. Há o propósito de analisar as hierarquias de valor, a presença de sentimentos morais e explorar a lógica conservadora e

bolsonarista como um todo, desfocando o usuário e centrando-se na forma de pensamento disseminado. Além disso, foram escolhidas publicações que demonstrassem serem de pessoas reais e não de robôs. Foi possível perceber a diferença não apenas pelo fato de que nos perfis reais geralmente há identificação maior do que nos perfis falsos, mas também porque as publicações feitas por robôs são completamente iguais. Então ao pesquisar uma categoria, em um espaço de tempo, era fácil perceber um montante considerável de postagens completamente iguais e elas foram ignoradas. Por fim, os *tweets* expostos nesse trabalho estão exatamente iguais a sua publicação, apenas sem símbolos interativos (*emojis*) caso tivessem. Mas foram respeitados os erros ortográficos e de sintaxe e também o formato com o qual foram publicados.

1.4. Sinopse dos capítulos da dissertação

Para alcançar um entendimento completo da situação brasileira entre os anos 2016 e 2019, foi necessário recorrer à história da formação do país, mais especificamente o que diz respeito as mobilizações das classes médias em momentos de crise. Por esse motivo, o capítulo 2 do trabalho retoma o conceito de classe, desde Marx até Bourdieu. Para versar sobre o Brasil, retomamos a discussão sobre estratificação social a partir dos estudos de Florestan Fernandes, Adalberto Cardoso de Oliveira e Jessé Souza. No capítulo 2 também foi explorada a dimensão simbólica das diferenças de classe com o intuito de entender os critérios de justiça e justificação moral da desigualdade, mobilizando conceitos como “*habitus*”, entendendo a aporofobia e fazendo uma breve interlocução com a psicanálise de modo a introduzir a temática acerca da identificação a um líder. No capítulo 3 foi realizada uma revisão do conceito de conservadorismo de modo a identificar a forma de pensamento que aparece nas publicações recolhidas. Além disso, exploramos a intrínseca relação entre conservadorismo e a direita brasileira, sua organização para constituir o golpe de 2016 e a influência da mídia em tudo isso. Por fim, foi feito um estudo sobre o bolsonarismo, sua raiz autoritária e o quanto há a utilização da lógica de uma propaganda e agitação política de natureza “neofascista” explorada por Adorno (1950) e por Lowenthal e Guterman (1949). Já no capítulo 4, retomamos o conceito de ressentimento para os principais autores sobre o tema, ao mesmo tempo em que

realizamos interlocuções com o saber psicanalítico. Por fim, discorreremos sobre a sociodicéia e o ressentimento de classe, que sustentam a mobilização conservadora.

2. ESTRUTURA DE CLASSES DA SOCIEDADE BRASILEIRA: a prevalência da desigualdade em suas dimensões materiais e simbólicas

*“Fragmentos de realidade, estilo mundo cão;
Tem gente que desanda por falta de opção.
E toda fé que eu tenho, eu tô ligado que ainda é pouco.
Os bandido de verdade tão em Brasília, tudo solto.”
Charlie Brown Jr.*

2.1. Introdução

A deflagração dos protestos de junho de 2013 foi marcada pelo surgimento de pautas de natureza ‘antissistêmica’ que expressavam de forma difusa, emocional e irrefletida uma contestação social que reverberava um sentimento de ‘frustração relativa’ em relação à efetividade dos direitos sociais. Outra questão em comum foi o fato de esses protestos terem sido articulados e organizados nas redes sociais digitais. Mantendo essa forma de organização, em 2015 novos protestos aconteceram. Dessa vez, um grupo diferenciado se uniu e foi às ruas manifestarem-se diretamente contra a presidente Dilma Rousseff e o partido dos trabalhadores. Para Alonso (2019) esse grupo identificado como “nacionalistas” já estava presente em 2013, mas uniu-se e organizou-se de modo a participarem ativamente do processo de impeachment de Dilma. Para a autora, esse grupo constitui-se de membros das classes médias brasileira. Mais do que nesse momento, as chamadas classes médias têm se constituído como um grupo de atores sociais ativos tanto no mundo virtual, como fora dele, exercendo notável influência sobre o sistema político.

Sustentamos a tese de que a atividade política, a contestação e protesto social das camadas médias estão assentadas em um ressentimento de classe, ora latente, ora manifesto, que emergiu com maior virulência no país em período recente. Entretanto, antes de continuar desenvolvendo esse argumento, foi feita uma breve revisão sobre o conceito de classe social, incluindo Marx e Weber até pensadores contemporâneos como Pierre Bourdieu. Também foi escrita uma revisão histórica e social da constituição de classes no Brasil para que seja possível entender as peculiaridades desse grupo social no país e como a dinâmica político social se desenvolveu até a atualidade. Por fim, foi realizado um estudo acerca da dimensão simbólica das diferenças de classe, de modo a promover entendimento sobre os

critérios de justiça e as justificações morais para a desigualdade. Como já escrito anteriormente, este trabalho propõe uma aproximação entre a ciência sociológica e a psicanálise. Por esse motivo são mobilizados autores que conversam entre si como Norbert Elias, Bernard Lahire, Sigmund Freud, dentre outros.

2.2 Classes sociais: questões de definição conceitual

O debate acerca do conceito de classe é bastante conhecido nas ciências sociais, ainda assim, é um tema que não se esgota e que não deixa de promover questionamentos e avanços. Isso acontece por diversos motivos, um deles é o fato de um dos primeiros teóricos a dissertar sobre a temática, o alemão Karl Marx não empregou esse termo com um sentido único e fechado. Ainda hoje os marxistas não conseguem chegar em um acordo sobre esse conceito. Ainda assim, é possível historizar o uso do termo durante a construção e aplicação do materialismo histórico-dialético. É possível encontrar dois sentidos gerais no emprego do termo. O sentido “genérico-abstrato” que enfoca de maneira geral e que está presente em todas as épocas e o sentido “específico-particular”, o qual trata dos grupos humanos e da dinâmica da luta de classes, que por sua vez, cria relações de dominação uns com os outros em busca do capital que excede a necessidade básica (HIRANO, 1974).

Ridenti (2001) relembra que só se pode falar em classes sociais após a revolução industrial, quando surge a burguesia que concentrará nela o domínio dos meios de produção, o que por consequência estabelece um grupo de trabalhadores que são obrigados a vender sua força de trabalho para produzirem sua própria subsistência. Fausto (1987 apud RIDENTI, 2001) conclui a existência de três classes principais na obra de Marx: a classe dos capitalistas, a dos proprietários fundiários e a dos trabalhadores assalariados. Cada uma dessas grandes classes teria seu rendimento específico que seriam respectivamente o lucro, a renda da terra e o salário. Essa é na verdade uma divisão geral que contém em si outras subdivisões de maior complexidade já que para além das questões econômicas e de rendimentos, classe diz respeito também as relações humanas, suas lógicas de dominação e à consciência de classe.

Os trabalhadores assalariados, por exemplo, estariam divididos em produtivos (aqueles que produzem a mais valia) e os improdutivos (aqueles que vendem sua força de trabalho) que por esse motivo fazem parte dela tanto os assalariados quanto

os proletários propriamente ditos. Marx (apud RICALDI, 2001) define proletário como aqueles trabalhadores sem qualificação ou pouco qualificados. A questão é que o trabalhador que elevasse sua qualificação, subisse na hierarquia e/ou obtivesse um aumento de salário perderia as características que o tornavam pertencentes à classe criando classes intermediárias. O foco nesse ponto seria, portanto, o movimento do agente e o significado deste movimento. No seguir da história, Marx observou a absorção dos pequenos produtores pelo proletariado, tendo como consequência a polarização da burguesia e a centralização do capital. Ao mesmo tempo, o autor percebeu o desenvolvimento da classe dos capitalistas e dos trabalhadores assalariados. Giannotti (apud RICALDI, 2001) entende que das três classes restaram duas, em decorrência do movimento dissertado acima, entretanto, essas classes só aparecem claramente quando há o momento revolucionário. Nos demais momentos as classes se tornam várias devido a contradição entre trabalho e capital e às polarizações causadas pelos processos de concorrência.

Isto posto faz com que o termo classe seja mais abrangente e menos rigoroso, sendo considerado a síntese de um estrato, grupo social ou uma espécie de fração de classe. Diz-se “espécie de fração de classe” porque não se trata de um simples estrato na pirâmide social, mas sim o movimento em si, que também é contraditório, mas no qual um conflito pode se tornar uma aliança (RICALDI, 2001). Giannotti (apud RICALDI, 2001) esclarece que a existência da classe não encerra em seu significado os agrupamentos humanos. Por exemplo, a classe operária não é formada única e exclusivamente por todos os proletários. O que entra em questão é além da inserção nos meios de produção o modo como o agente social construirá sua consciência.

Para Marx e Engels (1845/1982) a consciência tem como ponto de partida a realidade concreta e suas condições materiais, a natureza em si, as relações humanas e o nível de desenvolvimento das organizações sociais. Esses pontos de partida são considerados objetos que existem independentemente da consciência, mas que mantêm uma relação direta com ela. Essa independência é chamada de “ser-em-si”. Somente quando algo dessa realidade é abstraído e produzido pelo sujeito, que haverá um “para-si” atual. É justamente nessa dinâmica que a consciência de classe aparece como reprodutora da realidade e que produz acontecimentos como o retratado no clássico 18 Brumário de Luís Bonaparte (1852/2011) onde Marx trata diretamente da questão de classe sob o nome de “agrupamentos”, quando ele entende que Luís

Bonaparte só ficou tantos anos no poder porque a maior classe era também a com menor grau de consciência sobre si. É justamente na união entre o conceito de classe e da consciência de classe desta que geraria a capacidade de luta da classe trabalhadora em prol da ruptura com a exploração. Por fim, Marx (apud RICALDI, 2001) entende a realidade social “como uma totalidade em movimento, composta por inúmeras contradições que colocam a todo momento a possibilidade de superação da ordem vigente” (pág 29). Há para este autor uma tríade indissociável entre o político, o econômico e o ideológico. Essa é uma visão que auxilia a compreensão total da realidade sem fracionar ou isolar os fatos.

Max Weber foi outro teórico que se debruçou sobre o estudo do conceito de classe. Para o autor, “classe” são bases de ação comum e não necessariamente comunidades. Ela vai ser determinada por mais fatores do que unicamente a renda, como oportunidades de vida e interesses econômicos em comum que são representados pelas condições do sujeito no mercado de produtos ou de trabalho. Ou seja, a situação de uma classe está relacionada com a possibilidade de obter bens, alcançar posições na vida e um certo bem-estar. Os membros de uma classe teriam condições de vida semelhantes que são distribuídas pelas lógicas de mercado segundo os recursos que os sujeitos possuem. Entra também em questão a relação que cada um estabelece com os meios de produção e que valor cada interação tem no mercado econômico. Isso torna a situação de classe uma situação de mercado, mas também com outros aspectos sociais (WEBER, 1978, apud RIBEIRO, 2007).

Segundo Ribeiro (2007) Weber define classe como “recursos e ativos que as pessoas trazem para o mercado e que levam a diferentes chances de vida” (pág 101). Lopes (2008) explica que o sociólogo não entende classe e status como estruturas concretas e independentes, mas sim consequências interdependentes advindas do fenômeno da desigualdade social. Para Weber existem quatro classes: os empreendedores e proprietários, a pequena burguesia, a classe média e a classe trabalhadora. Além disso, ele entende que as classes não são a única forma de distribuição de poder nas sociedades, mas também os grupos de *status* e partidos, que por sua vez, influenciarão os atores sociais e na sua capacidade de agência e resistência nas relações sociais. Dessa maneira para o sociólogo a classe não tem uma relevância tão grande quanto para Marx, e ele vai entender ainda, a consciência de classe como uma contingência histórica, sem ação efetiva do sujeito e que não

influencia nem explica os padrões de mudança social (WEBER, 1978). Além disso, apesar de não negar a luta de classes, ele apenas não a considera parte central na dinâmica social.

Mais recentemente Pierre Bourdieu ampliou o conceito de classe a partir de uma síntese multidimensional. Uma das ideias centrais apresentadas em “A Distinção” (2011) consiste na incorporação da dimensão simbólica para a caracterização dos processos de mobilidade social tendo em vista que a diferenciação entre as classes sociais não está baseada apenas na dimensão material de reprodução das classes sociais. Desse modo, para Bourdieu (2007) estratificação social e cultural são similares. Esta noção vai ao encontro do conceito de “*habitus*” cunhado pelo sociólogo francês que também é central na obra, podendo ser considerado como consequência ou indicador de classe.

Entretanto, embora a noção de classe de Bourdieu ser bastante ampla e complexa, Riley (2019) identifica na obra a existência de três agrupamentos: classe popular, classe média e classe dominante. Segundo o autor, na classe média estariam incluídos pequenos trabalhadores e a nova burguesia, e na classe dominante empresários, profissões liberais e professores. De qualquer maneira, o *habitus* torna-se um fator determinante para o autor, principalmente naquilo que concerne a luta de classes. Apesar de ser considerado uma questão inconsciente, o *habitus* tem relação direta com as práticas sociais, além das individuais, como por exemplo o consumo eleito por um indivíduo. Ou seja, é a partir de uma estrutura de classe que se desenvolverá um estilo de vida específico ainda que economicamente as classes seriam opostas. Existe uma ordem simbólica que inclui a disputa entre as classes sociais e o pertencimento em uma classe não se dará considerando os aspectos econômicos, mas sim a “estrutura de relações entre todas as propriedades pertinentes que dá a cada uma delas seu valor específico e os efeitos que elas exercem nas práticas.” (BOURDIEU, 2007, pág. 105). Isso quer dizer que o pertencimento a uma classe se dá naquilo que um sujeito reproduz em seu *habitus*.

O conceito de *habitus* como estrutura estruturada que opera como uma estrutura estruturante das percepções e representações sobre a realidade social também comporta formas de classificação do mundo social e hierarquias de valor sobre as coisas e pessoas deste mundo que podem se traduzir, por exemplo, na conformação de um *habitus* conservador. Esse *habitus* conservador hostil e refratário

à mudança social, mais especificamente, à uma mobilidade social ascendente das classes sociais subalternas, destilaria em suas práticas um preconceito de classe informado por um sentimento moral, que na sociologia também tem sido qualificado por diferentes autores (BOURDIEU, 2007, pp.134-151; BOUDON, 1982, pp. 122-145; DUBET, 2020, pp.46-48), como “frustrações relativas”: ou seja, uma frustração relacionada à perda de status e prestígio social, bem como o receio derivado da estimativa de uma desvalorização social de um conjunto de capitais acumulados (para além do capital econômico) que em outro momento, asseguravam não apenas a distinção social, mas também mantinham a reprodução de sua classe social. Por fim, a noção de frustração relativa é mais uma forma existente na teoria sociológica para se conceitualizar o ressentimento de classe.

2.3 As classes sociais no Brasil: persistência e inércia social

Ainda que se tenha diferentes concepções no conceito de classe quando é realizada uma revisão ancorada na sociologia clássica e contemporânea, é preciso considerar que a questão das classes no Brasil tem suas características e peculiaridades específicas que se aproximam e se afastam dos autores supracitados. Florestan Fernandes (1975) por exemplo, propõe três entendimentos principais no debate sobre as classes, um que faz uma equivalência entre classes e camadas sociais, um segundo que trata de estratos sociais que possuem características em comum, sejam elas políticas e/ou sociais. E por fim, uma última que considera as classes como uma produção inerente ao modo de produção capitalista. Desse modo contém não apenas características econômicas, mas também sociais e de poder que são afetadas por mudanças sociais. Além disso, o autor faz uma diferenciação entre sociedades de classe plenamente constituídas e as que estão em formação. Essa última pode estar mais suscetível a tensões e crises que eclodem justamente nas relações de classe. Para ele, as classes sociais na América Latina possuem uma manifestação histórico-social típica causadas diretamente pela forma como foi institucionalizado o capitalismo.

Jessé Souza (2019) por sua vez, faz uma severa crítica ao que ele chama de “visões culturalistas” de autores como Sérgio Buarque de Holanda, Roberto DaMatta, entre outros. Essa crítica se dá porque o autor entende classe da mesma maneira como Bourdieu, localizando aspectos subjetivos e sociais além dos econômicos. Mais

do que isso, o que está em jogo é a relação de dominação entre as classes, e um aprendizado necessário sobre o pertencimento a uma classe, que leva em consideração a ocupação e o lugar ocupado nas produções. Esse aprendizado influencia, junto a questões subjetivas, no sucesso ou fracasso social. O que entra em questão na discussão de classes é a conjunção dos capitais econômicos, sociais e culturais, pois são eles que de alguma forma determinam quem pertence a qual classe. Além disso, o autor entende que a luta de classes está centralizada na busca por acesso ao capital cultural (SOUZA, 2019).

Entretanto, a formação das classes no Brasil percorre um caminho próprio onde é preciso considerar desde a sua condição de colônia de Portugal, os governos imperiais e também uma questão que se insere dentro desses contextos: a escravidão. Cardoso (2019) entende que estudar a escravidão e como se deu o processo para a sua abolição contribui para o estudo da formação das classes e sua relação com as desigualdades. Já aí parte-se do entendimento que a lei de abolição da escravatura não resolveu a questão, pois muitos negros seguiram sendo escravos e a elite do país parece ser tomada por uma inércia geral. Além disso, cada estado do Brasil tem suas características, como por exemplo no Nordeste, no Sul e em Minas Gerais, os camponeses foram sendo expropriados de forma violenta ao mesmo tempo em que os escravos iam para São Paulo trabalhar na indústria do café. No Rio de Janeiro, por exemplo, os escravos conseguiram uma liberdade relativa de ir e vir em consequência da característica do seu trabalho, conseguindo até mesmo comprar a sua alforria. Pode-se entender, de qualquer forma, que havia até o início dos anos 1970 duas classes principais (escravos e senhores de terra) que coexistiam com classes menores como comerciantes de diferentes negócios, artesãos, criadores de animais, milicianos, construtores e etc. (CARDOSO, 2019)

As diferentes formas de trabalho livres e a escravidão existiram ao mesmo tempo em que outras formas de trabalho da lógica capitalista, e o ponto principal de mudança foi a lei que proibiu o tráfico negreiro em 1850. O Brasil meridional passa a ser muito atrativo para diferentes populações que migram até essa parte do estado e configuram uma classe localizada nas margens da estrutura social e que por consequência fica sujeita a mecanismos de sujeição (CARDOSO, 2019). Cardoso (2019) elenca alguns desdobramentos importantes dessas movimentações para o entendimento da nossa divisão de classes. Uma delas, é a escolha dos latifundiários

paulistas em adquirir a mão de obra de imigrantes, em resposta a lei de Terras de 1850. Como articulação para obrigar a elite a aceitar os brasileiros e escravos libertos para o trabalho nas lavouras de café e ao mesmo tempo que obrigar essas pessoas a trabalharem em condições ruins como assalariados, foi desenvolvida uma lei que obrigaria os “vadios” a trabalharem, ampliando a noção de vadiagem de modo a incluir todos aqueles que pudessem trabalhar nas lavouras. A resistência da elite foi enorme.

A resistência combinava preconceito racial e desprezo pelo trabalhador livre nacional, visto como preguiçoso, não confiável e privado de mentalidade moderna (burguesa, acumulativa), já que se satisfazia com muito pouco e, portanto, não podia ser submetido ou disciplinado por incentivos pecuniários. Ademais, boa parte do elemento nacional tinha cor, e homem de cor, imaginava a mesma elite paulista, só se submete pela força e o látigo. Parecia impensável tentar sua adesão voluntária ao trabalho. (pág 51)

Estas questões se relacionam com o estudo das classes porque é a partir desses desdobramentos que o trabalho manual vai ser considerado como indigno e reservado a uma classe mais baixa. É uma desvalorização do trabalho que o autor considera ter durado muitas décadas. Pode-se entender que muito desse pensamento permanece vigente na reprodução das lógicas de opressão da elite brasileira. Esse período também gera uma outra consequência quando se considera os imigrantes europeus. Embora eles tenham sido mais bem aceitos por serem brancos e, portanto, civilizados, ao serem ouvidos foram ojerizados e situados no mesmo lugar social dos negros. Isso se dá por muitos aparecerem com ideais que não encontraram lugar na sociedade brasileira, como por exemplo sua consciência de classe e entendimento da luta que existe na dinâmica social. É aí que o estrangeiro socialista ou anarquista passa a ser considerado um inimigo.

2.4. A dimensão simbólica das diferenças de classe: critérios de justiça e justificação moral da desigualdade

Considerando a ideia marxista de os homens se diferenciam a partir da produção dos seus meios de subsistência, pode-se entender que a luta de classes está relacionada a posição que cada um ocupa na divisão do trabalho, embora o autor não fale disso diretamente. É sabido que essas questões se fizeram presentes em diversos momentos da história. Para Marx e Engels (1845/1982) apesar de rudimentar, a divisão do trabalho aparece nas sociedades tribais, onde já é possível perceber o patriarcado, uma classe subordinada a eles que seriam os membros da tribo e mais abaixo os escravos. O aparecimento seguinte remete as propriedades

comunais, formas antigas de cidades, onde a propriedade privada aparece com mais clareza e com uma dualidade entre campo e cidade, desenvolve-se uma relação entre as classes dos cidadãos ativos e dos escravos, sendo que os cidadãos podem associar-se livremente entre si. Há ainda a nobreza, ou elite que com os seus imperadores passa a modificar e estratificar ainda mais essa sociedade, transformando camponeses plebeus em uma forma de proletariado, mas mantendo cidadãos mais pobres e escravos abaixo dessa categoria. Já na idade média, estabelecer-se-á a vida no campo com uma organização social parecida com a das propriedades comunais, entretanto, um pouco mais complexa. Havia os senhores feudais e grandes proprietários, vassalos armados que garantiam o poder à nobreza, pequenos camponeses servos que têm diferentes condições de produção, mas que se estabelecem como uma classe inferior. No meio termo estavam o clero, os mestres e seus aprendizes além de alguns jornaleiros sem lugar na cidade. O fim da idade média e a reconstrução das cidades inaugura uma divisão social do trabalho ainda maior. Considerando a revolução industrial e as modificações feita por ela na organização social, chegamos à contemporaneidade com modificações importantes, mas que mantêm uma divisão entre campo e cidade e grande desigualdade social que tem relação direta com a luta de classes. O sentimento de pertencimento a uma classe ou outra, independente da realidade econômica do sujeito, está estabelecido por uma dimensão simbólica e identificatória.

Alves e Maciel (2017) entendem que no geral, a sociologia compreende a vida social a partir de identificações das lógicas grupais inseridas nos processos estruturais e de noções clássicas como classe social, civilização, entre outras. Isto aparece no pensamento marxista clássico e conversa com Weber, no sentido de entender a intrínseca relação entre fenômenos ideológicos e interesses políticos e econômicos. De forma sintética, o pensamento de Pierre Bourdieu, por exemplo, parte do princípio de que a posição ocupada por um sujeito no espaço social determinará sua conduta. Jean-Claude Kaufmann e Bernard Lahire *apud* Assis (2021), produziram uma crítica a essa perspectiva entendendo os atores sociais como resultado de processos socializantes, resultando em uma transmissão de disposições múltiplas e plurais. Norbert Elias (1990/2010), por sua vez, também propõe uma visão do social inserida em processos que podem ser individuais utilizando conceitos constituídos por Sigmund Freud em sua metapsicologia, hoje também chamada de psicanálise.

No sentido de aproximar psicanálise e sociologia, como ciências que embora tenham objetos diferentes podem dialogar, e ainda, produzindo um diálogo possível entre as sociologias, trabalhar-se-á com a noção de identificação na obra freudiana. Para Freud (1921/2019) identificação é um processo psíquico que atua na ligação afetiva das massas e, portanto, em sua coesão social. Voltar-se-á a esse tópico mais adiante, entretanto, o conceito de massas utilizado por Freud, é compreensível e necessário em sua metapsicologia, já neste trabalho que apesar de propor interlocuções com a psicanálise trata-se de um trabalho sociológico utilizaremos o conceito “grupos sociais” onde o psicanalista escreve sobre massa⁶. O processo identificatório do qual trata Freud, aparece ilustrado na obra de Max Weber segundo Gerth e Mills (1946) quando o sociólogo descreve que nas diferentes épocas surgem líderes que:

“antecipam o padrão moral de uma época posterior, lançam conceitos de virtude desinteressada, de filantropia, desprendimento, que parecem não ter relação com o espírito de sua época, inculcam deveres e surgem motivos de ação que parecem à maioria dos homens completamente quiméricos.” (pág 71).

A possibilidade de articulação entre alguns conceitos desenvolvidos pelo criador da psicanálise com a ciência sociológica, sustentam-se no fato de que apesar de Freud priorizar a realidade psíquica individual em sua obra, muitos conceitos contém uma articulação com o social, o que fez o próprio psicanalista escrever que toda psicologia individual é ao mesmo tempo social, já que há uma relação indissociável entre o homem, a dinâmica pulsional e o social. Além disso, ele mesmo acreditava que seu texto apontava o caminho de compreensão tanto da análise de

⁶ Essa opção em utilizar outro conceito justifica-se pelo fato de entendermos que a noção de massa não abarca a dimensão sociológica das entidades coletivas, entretanto, esses conceitos não estão sendo mobilizados a partir da perspectiva de que são as ações individuais que influenciam ou produzem os fenômenos sociais, mas sim, no entendimento de que essa aproximação auxilia a produzir um aparato conceitual que explora a natureza das relações sociais. Além disso, o conceito de grupos sociais incorpora a “massa” freudiana, podendo assim ampliar essa questão, explorando as dimensões culturais, estrutura e agência para além da lógica psíquica explorada por Freud. Entretanto é importante ressaltar que na obra de Max Weber aparece a noção de “ação de massa” quando o sociólogo está tratando de movimentos mais ou menos homogêneos que constituem uma ação conjunta como no caso dos sindicatos. Ou seja, a partir de uma identificação pela chamada “situação de classe”, é formada uma massa que pode se organizar e formar diferentes ações comunitárias e/ou societárias de modo a defender seus interesses.

cada um mas também da sociedade (ROUDINESCO; PLON, 1998; GUIMARÃES; CELES, 2007).

Lahire (2013), assevera que Elias considerava Freud o autor que mais avançou em relação ao funcionamento do psiquismo, entretanto, há uma crítica sobre a naturalização por parte do psicanalista, em relação a questões que deveriam ser consideradas produtos históricos. São críticas que fazem avançar o estudo freudiano. Se não há disposição natural, conforme pensa Elias, os desejos e disposições de um sujeito são socialmente determinados construindo uma relação com aquilo do supereu que tem contato com o Outro. Elias apud Lahire (2013) constrói o entendimento de que as instâncias psíquicas descobertas e nomeadas por Freud, isso, eu e supereu, trata-se de funções psíquicas e são decisivas para um sujeito conforme se relacionam entre si, em conflito ou não. Além disso, seriam controladas pela estrutura e agência social que mudam conforme o processo civilizador. Por esse motivo Turner (2014) considera que a obra de Elias produz interlocuções entre uma sociogênese e uma psicogênese, mantendo a primazia do social. Elias explicita ainda mais essa ideia quando argumenta que diversas sensações e comportamentos socialmente aceitos pelos nossos antepassados passam a ser considerados irrelevantes ou insuportáveis em nossos dias (LAHIRE, 2013; TURNER, 2014).

Outro autor que produziu interessantes interlocuções com a psicanálise foi Pierre Bourdieu. Segundo Pontes (2011), é a partir do refinamento do conceito de *habitus* que o sociólogo começa a fazer referências a obra freudiana. Ao longo das obras a presença da psicanálise torna-se maior, e o sujeito bourdieusiano desenvolve-se a partir de um processo entre o *habitus* na sua forma libidinal e as estruturas sociais e o permeiam. Pretende-se aqui aproximar o conceito de *habitus*, mais especificamente o conceito de *habitus* de classe, com o entendimento freudiano dos processos identificatórios. Assim, o *habitus*, como escrito anteriormente, seria a maneira como se dá a incorporação de elementos do espaço social o processo de adaptação e reestruturação das suas condições de existência de cada um que reflete na agência. O *habitus* é formado por processos psicossociais e subjetivos, pela experiência individual e coletiva, de acontecimentos e elementos que vão sendo percebidos e absorvidos ao longo do tempo.

O “*habitus* de classe”, por sua vez, funciona como o denominador comum das diferentes práticas de um mesmo agente, mas é também a matriz comum das práticas

de todos os agentes que viveram (e, portanto, interiorizaram) condições semelhantes de existência ligadas à sua condição de classe, fração de classe social ou grupo social. Assim, para muitos apoiadores mais entusiasmados, que podemos qualificar como “bolsonaristas” há o compartilhamento de um “*habitus* de classe” semelhante. Esse “*habitus* de classe” operará um princípio de divisão e classificação do mundo social em estado objetivado, funcionando como princípio gerador de categorias de percepção, pensamento e ação que ensejam identificação. O que irá implicar no reconhecimento social daqueles que trazem consigo as mesmas disposições de classe e no reconhecimento denegado daqueles que não possuem a mesma forma de ser e agir, bem como apetências sociais semelhantes. Como princípio de visão e divisão do espaço social, o “*habitus* de classe” concorre para determinar, sem que percebamos, as pessoas com as quais nos identificaremos (pela forma de pensar, de agir, se portar, de andar, de falar, de vestir, pelo conhecimento incorporado etc.), ou seja, engendrará uma noção compartilhada de dignidade e uma rede específica de solidariedade que não é outra coisa senão um dado senso de pertencimento de classe, fração de classe ou grupo social.

Freud (1921/2019) elenca três pontos importantes no que diz respeito à identificação. Ela é a forma mais primordial de ligação afetiva a um objeto; em sua forma regressiva ela se torna o substituto de uma ligação investida de libido fazendo uma introjeção do objeto no Eu e o terceiro ponto seria a percepção imaginária de que há algo em comum com uma pessoa que não é objeto da pulsão sexual. No caso dos grupos sociais, a identificação se consolida assim como nos três pontos supracitados e conta com um adicional: a presença do líder. A partir disso, Freud retoma um conceito já apresentado em sua obra: “ideal de Eu” para falar do que faz um grupo sentir-se ligado a um líder específico e entre si. O ideal de Eu corresponde a uma parte do Eu, mantida inconsciente, que entra em conflito. Ela possui funções como auto-observação, consciência moral entre outras não relevantes para esse trabalho. O líder, portanto, ocupa um lugar privilegiado no ideal de eu de cada sujeito, que identificando-se a ele o incorpora e permite construir laços com outros sujeitos formando um grupo social. O ponto onde Bourdieu e Freud conversam, está justamente no que liga o grupo a um líder, ou seja, o desejo de reconhecimento e pertencimento a um lugar suposto. Jacques Lacan (1971/2009) ao comentar sobre o fascismo em seu ensino, compartilha das posições de Freud e Bourdieu, quando ele

descreve que na dimensão de que quando uma fala é dirigida a um Outro buscando fazer sentido como “Tu”, há como consequência o desenvolvimento da identificação e é nesse processo, por sua vez, que aparece um ídolo humano, ou então, um mito.

Observando a história brasileira pode-se perceber diversos momentos em que as classes médias aparecem como agente social e ativo na luta de classes e na estrutura, identificada a um líder, ou justamente por seu descontentamento com ele. Desde seu surgimento certamente ligado à chegada da corte real portuguesa que estava fugindo das invasões Napoleônicas, o desenvolvimento durante o segundo império e na sua ausência durante a Proclamação da República, movimento orquestrado pela elite de então. Há, entretanto, um ponto chave na história, onde as classes médias aparecem mais organizadas e ativas, de certa forma antecipando características importantes que se percebe na contemporaneidade. Este momento são os governos de Getúlio Vargas, mais especificamente seu fim trágico, onde um grupo social define-se como conservador e anticomunista. É este grupo, identificado com a direita liberal que anos mais tarde elege Jânio Quadros como presidente. Oliveira (2020) entende que a renúncia de Jânio foi considerada uma forma de traição pelas classes médias. Durante o governo de Jango, é possível perceber, segundo o autor, uma ampla ambiguidade desse grupo, que considerava o presidente populista e “vermelho”. Oliveira (2020) demonstra que o golpe militar de 1964 foi apoiado em grande medida pela imprensa e também pelas classes médias. O motivo para o apoio do segundo grupo está ainda na falta de identificação deles com o “trabalhismo” e reformas propostas pelo novo presidente. O apoio ao novo regime, como demonstra o autor a partir do resultado de pesquisas do Ibope da época, incluem opiniões favoráveis à prisão de sindicalistas comunistas, à supressão de direitos políticos, e cassações. Fica claro também que eram chamados de comunistas, qualquer pessoa ou personalidade pública que tivesse relação com políticas de esquerda. O veemente combate às esquerdas parece estar permeado de sentimentos morais despertados por mais questões do que unicamente a econômica. Vai dizer Oliveira (2020):

O radicalismo das classes médias já não teria a ver com a ansiedade com que procura se distanciar das classes subalternas, associada à frustração por não conseguir atingir a posição de classe dominante (como em Parkin, 1968), mas sim com o controle dos meios sociais de realização de identidade e com a demarcação de espaços identitários de exclusão dos outros, que podem ser segmentos das próprias classes médias que não compartilhem interesses, normas e valores daquele coletivo assim constituído. Resulta disso uma estrutura de identidades culturais referenciadas umas nas outras, irredutíveis entre si e dispostas hierarquicamente, já que as diferenças de

poder “se referem ao modo como a oportunidade de realizar identidade é definida e seus ativos são desigualmente distribuídos”. (pág 55)

Atualmente, o mesmo mecanismo pode ser percebido em algumas das postagens recolhidas que comprovam essa tese: “*O povo tá cansado de mentiras, então, o povo quer mudança, e acho que ela tá vindo!*”; “*2018 se Deus quiser é @DepBolsonaro presidente para salvar o Brasil e foda-se os refugos do país*”; “*Vamos juntos varrer essa escória nojenta que destrói o Brasil!!! Rumo a 2018 com Bolsonaro Presidente - o mito*”; “*Bom dia Dep.Bolsonaro e patriotas. A verdade é que desde o final do governo militar, começou as corrupções no Brasil.*”; “*bolsomito a nossa bandeira jamais sera vermelha.*” Nas postagens acima podemos perceber uma forte identificação dos usuários da rede social com o então deputado Jair Bolsonaro. Fica claro que eles o consideram seu líder, capaz de defender os “valores” desse grupo. Esses “valores” a serem defendidos contém em si uma ordem moral que permeia o discurso. O anticomunismo, por exemplo, é um dos elementos mais gritantes nos textos, bem como o entendimento de que na ditadura militar não havia corrupção. Além disso, é possível tencionar quem seriam os refugos e a escória do país. Todos os *tweets* acima foram realizados em 2016, um momento político importante do país e anteriores ao *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Pode-se entender que a oposição não se dá apenas contra o governo vigente, mas também com seus apoiadores e pessoas consideradas agraciadas ou privilegiadas injustamente por tal gestão governamental.

Desta maneira a asserção freudiana de que o espírito comunitário pode ter em sua origem, uma certa relação com a inveja pode ser considerada empiricamente comprovada. Escreve o psicanalista que isso se dá pela transmissão da ideia de que não pode haver alguém que se destaque em relação aos outros. Para ele, justiça social está na negação a si mesmo de algumas coisas para que os outros também possam renunciá-las ou nem as querer. Portanto seria a exigência de igualdade que faz surgir a consciência social e o sentimento de dever. Essa é uma questão fundamental por também ser a contrapartida necessária para o ressentimento, que foi abordado no capítulo 4 deste trabalho. Diz Freud que “o sentimento social repousa, portanto, na inversão de um sentimento hostil em um laço de tom positivo, da natureza de uma identificação.” Este conceito psicanalítico auxilia a sustentação da tese que as classes médias desde os anos 30, tem se identificado com líderes e projetos de governo que a sua maneira reproduz o mesmo ideal conservador e anticomunista.

Cavaletto (2007) apresenta uma leitura do texto “Futuro de uma ilusão”, que entende uma elaboração freudiana a respeito da sociedade ocidental “as undeserving of “the prospect of a lasting existence”” (pág 5), e posteriormente situa a relação entre o supereu (instância psíquica) e a moralidade ditada pela sociedade que se impõe sobre o homem. De uma maneira menos superficial, pode-se entender que este texto trata, nas palavras de seu autor:

(...) muito menos das fontes mais profundas do sentimento religioso e muito mais daquilo que o homem comum entende por sua religião, do sistema de doutrinas e promessas que, por um lado, lhe esclarece os enigmas deste mundo com invejável completude e, por outro, lhe assegura que uma Providência cuidadosa zelará por sua vida e, numa existência no além, compensará eventuais frustrações. (FREUD, 1930, pág 59)

Ele vai ser importante e possível de conversar com a sociologia pelo entendimento proporcionado a respeito da influência da moralidade cristã na cultura ocidental fazendo uma nova costura no laço social, influenciando a maneira como as pessoas se relacionam e produzindo novos discursos. O que Freud vai tratar no ensaio “O mal-estar na cultura” inclui a ideia de Cavaletto (2007) acerca da “batalha psíquica entre *Eros* e *Thanatos*”, mas ele também aprofunda as relações do homem e da cultura, repensa a relação entre homem, ciência e natureza. O último traço de uma cultura que temos de considerar, decerto não o menos importante, é o modo como são regulamentadas as relações dos seres humanos entre si, as relações sociais que dizem respeito ao ser humano na condição de vizinho, de ajudante, de objeto sexual de outro, de membro de uma família, de um Estado. Neste ponto é particularmente difícil livrar-se de determinadas exigências ideais e apreender aquilo que é propriamente cultural.

(...) A substituição do poder do indivíduo pelo poder da comunidade é o passo cultural decisivo. Sua essência consiste no fato de que os membros da comunidade se restringem em suas possibilidades de satisfação, enquanto o indivíduo não conhecia tais restrições. (FREUD, 1930, pág 99-100)

Daí a formulação freudiana de que a renúncia aos instintos primitivos causa uma forma de “frustração cultural” que tem como consequência uma hostilidade à cultura e a produção de um mal-estar específico de cada uma. Esta é uma das formulações que possibilitou a Theodor Adorno desenvolver seu estudo sobre a personalidade autoritária, pois enlaça com a noção de que a ordem social pode ter um caráter opressor. Então para Adorno (1950) a ordem social é o elemento que determina o desenvolvimento psíquico fazendo entender que uma mudança na estrutura social tem como produto uma mudança psíquica. Desde a identificação

produtora de um *habitus* de classe, e a identificação a um líder autoritário, a um mal-estar e o ressentimento de classe, anteriormente trabalhados nesse capítulo, são encontrados em forma de postagem no Twitter:.. “Essa é a maneira Comunista de governar. #FechadoComBolsonaro #eulutopelomeubrasil”. Há a seguinte imagem na postagem:



Figura 6

A imagem divulgada demonstra a existência de uma espécie de sofisma extremamente divulgado pelo pensamento da direita conservadora. Há um homem “comunista”, pois está acompanhado do símbolo do comunismo. Ele diz ao operário que deve dar metade do que tem ao homem que está sentado à sua frente. Este homem, negro, não tem além da cor da pele, nenhum outro atributo que possa identificá-lo como um trabalhador. A ideia de que o comunismo é a divisão pela metade dos pertencentes e posses de alguém é uma indução simplista e reducionista da teoria marxista. Na segunda parte da imagem o homem comunista volta-se ao vestido de forma mais simples e diz que o operário quer que ele siga sendo pobre, e que por esse motivo ele deve tomar seus pertences através da força. Essa imagem produz então, a ideia de que o “pobre” quer tomar à força os frutos do trabalho de outrem. Parece demonstrar que no comunismo quem tem alguma coisa precisa perder parte disso para que o outro consiga se desenvolver, ao mesmo tempo que quem não possui tais bens deve tirar de alguém, como uma espécie de vingança. Neste sentido, é como se o pensamento da direita desenvolvesse uma noção de igualdade e justiça

social que se baseia na impossibilidade de haver uma diferença, e mais do que isso, fixa-se em uma renúncia de algo para que o outro também não tenha (FREUD, 1927/2020). O que também interessa é o fato de o sujeito que realizou a postagem entendeu que isso só aconteceria no comunismo e considerando a *hashtag* “Fechado com Bolsonaro”, mantém-se a ideia de que este “líder” encarna o ideal de eu deste grupo social, assim como em outras postagens como: *“quem fala mal de bolsonaro só pode ser bandido, comunista ou retardado mental”*; *“Vamos juntos varrer essa escória nojenta que destrói o Brasil!!! Rumo a 2018 com Bolsonaro Presidente - o mito.”* Além disso, Bolsonaro se estabeleceu como a pessoa que traria a mudança para “o que estava aí”. Quando se observa as postagens que tratam desse tema fica claro que o voto em Bolsonaro, ao contrário de buscar mudança, tem como plano de fundo o desejo por uma volta, um antagonismo a qualquer ideia progressista: *“precisamos de mudança para resgatar o dignidade da nação, perdemos vlrs e só Bolsonaro nos salvará.”*; *“O povo tá cansado de mentiras, então, o povo quer mudança, e acho que ela tá vindo!”*; *“Bolsonaro é assim, quando se fala a verdade incomoda e muito”*; *“Bolsonaro presidente têm que processar esse professor de esquerda”*

Algumas outras postagens que serão apresentadas em seguida, continuam comprovando a tese acima, além de demonstrarem que há um pensamento em comum anticomunista, que se articula com o fenômeno do bolsonarismo, do qual trata o capítulo 3 e a intrínseca relação entre conservadorismo e religiosidade no país. *“Bolsonaro não veio para fazer amizade e sim salvar o Brasil do comunismo.”* *“No comunismo o povo torna-se igual, todos pobres e os ditadores e seus filhos bilionários arrotando pobreza.”* *“O comunismo e a igreja são muito parecidos em sua estrutura. Ambos prometem o paraíso e deixem o inferno. Morador de Havana.”* *“O comunismo mata! Precisamos acabar com o comunismo neste país. Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor. Ele não permitirá que o mal prevaleça.”* *“Não é vontade ou interesse da esquerda defender o bem, defender as pessoas que batalham a luta diária de quem trabalha, cuida de casa e busca um futuro digno e justo pra sua família. Pra eles só interessam o próprio umbigo, custe o que ou quem custar. #Bolsonaro2018”*

Ainda considerando o pensamento norteador desta direita conservadora encontra-se um *tweet* de maio de 2016 feito por Carlos Bolsonaro que diz: *“Menina defende Capitalismo em questão de prova, leva nota zero e mãe questiona: 'Escola*

sem partido?”, há um link nessa postagem que direciona para uma reportagem do jornal Extra que pertence ao grupo Globo. O título da reportagem é praticamente o mesmo escrito por Carlos. Essa postagem foi respondida por Jair Bolsonaro que escreve: “*Ainda podemos virar uma Venezuela.*” Na reportagem está a foto da pergunta da prova e a resposta da menina à questão:

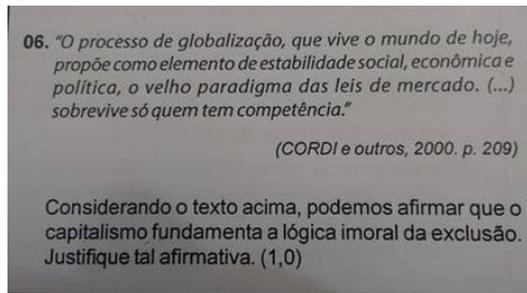


Figura 7

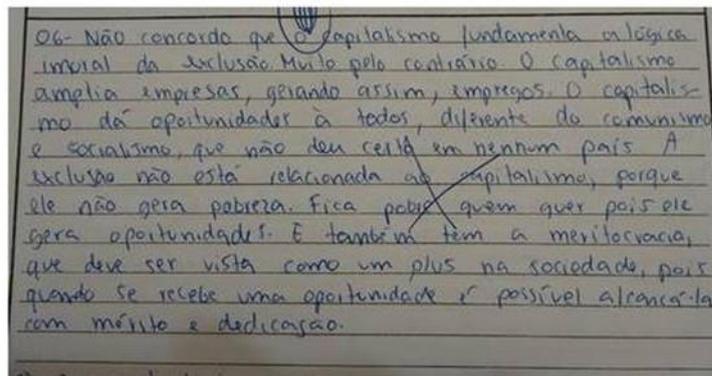


Figura 8

O que fica claro, tanto na reportagem, quanto na postagem de Carlos, é a noção de que a resposta foi considerada errada por uma tentativa de “doutrinação comunista” por parte do professor que ministra a disciplina. Da mesma maneira, o que escreve Jair Bolsonaro é uma forma de responsabilização dos professores e da educação em si, em transformar o Brasil em uma Venezuela, quer dizer, em uma ditadura comunista. Em nenhum momento é questionada a capacidade argumentativa apresentada na resposta dada ou mesmo o fato de que a resposta em si não responde à questão da prova, e isso é entendido como uma correção tendenciosa do professor. É possível perceber ainda, que a resposta construída pela menina reproduz o discurso conservador e neoliberal no qual se insere Bolsonaro. É uma ideia de que “é pobre quem quer” e de que a meritocracia pode ser entendida como algo positivo na sociedade. Jones (2011) considera a luta de classes britânica e a chegada ao poder

de Margaret Thatcher em 1979 marcas do início da transformação de problemas sociais como a pobreza e o desemprego como formas de injustiça para consequências do comportamento individual, escolhas e defeitos pessoais. Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida por Adela Cortina (2020) complementa o estudo de Jones sobre esse sentimento chamado “**aporofobia**” que também se trata de uma forma contemporânea de discriminação.

Aporofobia trata-se de uma modalidade de ódio, repugnância ou aversão contra o fato de alguém ser pobre, no sentido socioeconômico do termo e que resulta em algum ato de violência contra essas pessoas. Para a autora o ódio surgira justamente de quem odeia, podendo ser feita uma analogia ao antissemitismo. Quem odeia é o antissemita e não o judeu. Por se tratar de um sentimento moral, acreditamos ser válida novamente a interlocução com a psicanálise, em seus entendimentos produzidos acerca do ódio. Para Freud (1915/2018) o ódio é um elemento separador no psiquismo humano e parte fundamental no processo de estruturação psíquica de cada sujeito, dessa maneira, é o ódio que proporciona à criança, diferenciar-se de seus primeiros cuidadores. O amor aparece então como um complemento ao ódio, tamponando-o e possibilitando a cada um construir seus laços. É por isso que o ódio está em cada sujeito em questão, ainda que seja um sentimento compartilhado contra um grupo específico. Roudinesco (1999) entende que houve uma mudança na estrutura social vigente que faz parecer que:

“(...)todo indivíduo tem o direito e, portanto, o dever de não mais manifestar seu sofrimento, de não mais se entusiasmar com o menor ideal que não seja o do pacifismo ou o da moral humanitária. Em consequência disso, o ódio ao outro tornou-se sub-reptício, perverso e ainda mais temível, por assumir a máscara da dedicação à vítima. Se o ódio pelo outro é, inicialmente, o ódio a si mesmo, ele repousa, como todo masoquismo, na negação imaginária da alteridade. O outro passa então a ser sempre uma vítima, e é por isso que se gera a intolerância, pela vontade de instaurar no outro a coerência soberana de um eu narcísico, cujo ideal seria destruí-lo antes mesmo que ele pudesse existir.”

O ódio do qual trata Cortina (2020), parte dessa mesma lógica psíquica individual, pois considera o ódio originário em um sujeito, mas passa a dirigir-se contra um grupo minoritário que produz a sensação de uma desigualdade estrutural onde a vítima é vista como inferior, ou seja, a ideia “é pobre quem quer”, passa a fazer sentido dentro dessa lógica. Jones (2011) entende que a demonização das classes mais baixas tem sido uma estratégia conveniente utilizada para justificar a desigualdade social ao longo dos últimos anos. No twitter, esse ódio aparece de diferentes formas,

por exemplo, um indivíduo postou a seguinte pergunta acompanhado do link para a reportagem: “QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE ESSA MATÉRIA? <https://oantagonista.com/brasil/pt-vai-a-justica-para-proibir-faixas-que-chamam-lula-de-cachaceiro-e-ladrao/>”, ao que um outro usuário da rede social respondeu “São uns argumentos cheio buracos, tipo a Marielle Franco”. A vereadora Marielle Franco foi executada no Rio de Janeiro em 14 de março de 2018, de forma brutal. Ela foi uma mulher negra, filiada ao PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) que defendia as mulheres, os direitos humanos, e se posicionava veementemente contra a intervenção federal no Rio, inclusive denunciando diversos abusos policiais que estavam acontecendo naquele momento. Apesar de não ser possível descrever as motivações de quem escreveu essa resposta, podemos inferir que essa espécie de *schadenfreud* com a morte de Marielle pode existir por ela defender os menos favorecidos e ser quem era. O anticomunismo e a aporofobia também aparecem juntos e cerceados de ódio: “os militantes comunistas só vão se tocar quando eles estiverem comendo bosta um do outro”, “Deve-se educar o povo. Discurso social é bonito, mas inviável na prática. #SemMassaDeManobra #BoraTrabalhar”, “adoro ver a comunalha estrebuchando de desespero. Perderam a boquinha. Acabou a mamata. As ofensas deles são elogios para os bons”. Uma pessoa publicou uma notícia sobre a vigilância sanitária carioca: “vigilância sanitária encontra coliformes fecais em restaurante carioca. Entenda:” e obteve como resposta: “eles se alojam no cérebro e o primeiro sintoma é comunismo.”

2.5. Conclusão

Ainda que se considere a escrita e publicação dos comentários expostos no capítulo acima, tenham relação com a dinâmica criada pela internet e pelas redes sociais digitais, é inevitável perceber que se trata de um discurso que é reproduzido massivamente por grupos específicos. Nesse sentido, essas contestações sociais estão elencadas em uma forma de protesto que exclui toda e qualquer alteridade. Falou-se em *habitus* conservador que pode ser verificado nas postagens que se colocam contra mudanças sócio estruturais, fossem elas em relação ao campo econômico, como a mobilidade social alcançada, ainda que minimamente, ojeriza a pautas progressistas como feminismo, legalização do aborto e da maconha, bem como veemente oposição aos direitos humanos. Além disso, o Partido dos

Trabalhadores aparece como a fonte de todos os males, criando uma corrente “antipetista”, que aparenta incluir todos que estiverem politicamente afinados com pautas de esquerda.

Dessa maneira, a luta de classes aparece como uma atualidade da sociedade brasileira, ainda que seja constantemente negada. Essa negação, parece estar a serviço de um ideal neoliberal que pretende considerar apenas o indivíduo e não o social. É nesta política ainda em ascensão que surge como consequência da formação da sociedade brasileira e dos movimentos das camadas médias, que a aporofobia, o *schadenfreude*, o ódio e o anticomunismo aparecem unidos nas postagens estudadas. Pode-se perceber que esses elementos presentes na sociedade brasileira hoje têm origem estrutural e histórica que por sua vez, influenciaram em elementos psíquicos dos sujeitos em questão.

O político Jair Bolsonaro encerra em suas postagens o ideal conservador e se estabeleceu como representante de um *habitus* de classe que reproduz suas principais ideias. Suas postagens são sempre simples, com imagens de si mesmo, algumas frases sem comprovação de fatos em questão e/ou sem comprovação científica de dados e que na maior parte das vezes não parece ter outro propósito que não seja o de insuflar seus seguidores e opositores em uma briga virtual infrutífera, e após sua eleição como presidente, que distrai todos de acontecimentos e decisões que seriam de interesse geral. Seu populismo e popularidade tem intrínseca relação com as postagens em suas redes sociais, já que é a partir delas que ele se constituiu como “mito”. O anticomunismo delirante, os posicionamentos contra os direitos humanos, o machismo descarado e perverso, a aporofobia, a homofobia são parte do dia a dia de postagens do “presidente”. Como consequência, seus eleitores e seguidores costumam apoiar, reproduzir e muitas vezes defendê-lo nas respostas de suas publicações quando Jair é atacado por alguém. Não se trata aqui de entendê-lo como um líder político no sentido sociológico que se esperaria, mas perceber que a partir de seus posicionamentos tanto na mídia clássica, como em suas *lives* que não são objeto de estudo, e em seus *tweets*, ele se estabeleceu como uma espécie de líder ou então porta-voz dos pensamentos e anseios de um grupo em sua maioria composta de um conservadorismo ressentido que nos últimos anos tomou conta do país e do mundo.

Por fim, a luta de classes brasileira existe e as camadas médias são reprodutoras de sentimentos como aporofobia, que em resumo trata-se do ódio aos mais pobres. Esse sentimento manifestado na rede social estudada aumenta consideravelmente com a pequena mobilidade social conquistada nos anos de governo do presidente Luis Inácio Lula da Silva, e demonstram os sentimentos morais e o ressentimento presentes nesse grupo, e como sua mobilização dentro e fora da internet interferiu diretamente no destino do país.

3. CONSERVADORISMO NO BRASIL

*“Meus heróis morreram de overdose.
Meus inimigos estão no poder.”
Cazuza*

3.1 Introdução

No capítulo anterior procuramos qualificar teoricamente o conceito de classe social, bem como as relações entre as classes sociais considerando especialmente suas dimensões simbólicas e valorativas no que se refere às concepções de justiça e moralidade. Considerando o cenário sociopolítico do país torna-se inevitável abordar, junto com o tema das classes sociais, o conservadorismo presente nesses grupos e em especial nas camadas médias. Sabe-se que os aspectos que integram o chamado conservadorismo são múltiplos e amplos, que quando vistos como ideologia têm variados processos de reprodução social. Dentre essas características estão questões teóricas, sociais, culturais, religiosas, políticas entre outras, que se relacionam diretamente com a formação do Estado propriamente dito, as diferentes maneiras de exercer o poder ao longo dos anos e a postura da camada dominante perante os demais indivíduos de diferentes classes.

No Brasil, não conhecemos um tempo em que o conservadorismo não estivesse presente, ainda que não declaradamente em evidência como na atualidade. De qualquer maneira, a naturalização das desigualdades sociais, a influência das forças militares, e a visão de mundo preconceituosa e que busca a subserviência das classes subalternas sempre foram o ponto de transmissão e reprodução dessa ideologia. Esse capítulo tratará sobre o conservadorismo, partindo de um autor fundamental para essa discussão como Edmund Burke, até os conservadores da atualidade. Falar-se-á sobre a tendência neofascista que tem se alastrado pelo país ao mesmo tempo que incorpora o fenômeno recentemente nomeado como bolsonarismo. Além disso, sustentaremos a tese de que o anticomunismo presente no discurso de Jair Bolsonaro, que insufla as massas desde antes de sua eleição, já poderia ser percebido em anos anteriores, especialmente durante a ditadura militar. Dissertaremos também acerca do impeachment realizado contra a presidente Dilma Rousseff e o posicionamento das mídias clássicas que insuflaram as críticas a pessoa

da presidente, causando a perda de apoio de muitos eleitores, e fomentando ainda mais o ressentimento já presente nas camadas médias conservadoras do país.

3.2 O que é conservadorismo?

O conservadorismo consolidou-se como uma das ideologias mais disseminadas na atualidade. A tarefa de definir o que é conservadorismo só pode ser executada considerando-se algumas de suas variações, seu caráter ideológico e também econômico, embora esse não seja o foco. É mais interessante considerar o conservadorismo no plural ao mesmo tempo em que entendemos que sua definição se dá a partir da reprodução de seus ideais simbólicos. Partindo de um entendimento geral conservadorismo significa:

“preferir o familiar ao desconhecido, preferir o tentado ao não tentado, o facto ao mistério, o real ao possível, o limitado ao ilimitado, o próximo ao distante, o suficiente ao superabundante, o conveniente ao perfeito, a felicidade presente à utópica.” (OAKESHOTT, 2020, pág 5)

Por esse motivo os conservadores são conhecidos por se posicionarem politicamente contra pautas que preconizam a mudança social do *status quo*, ou seja, as pautas defendidas pela esquerda progressista. É uma posição alinhada com a ideologia de mercado que muitas vezes se confunde com o liberalismo. Edmund Burke (1729-1797) é considerado o fundador do conservadorismo, tendo se posicionado veementemente contra a Revolução Francesa, por exemplo. O filósofo foi disseminador de uma forma de pensamento teleológica, que considera a causalidade de diferentes questões em uma suposta ordem natural e divina, que por sua vez, influencia no Estado e na sociedade, como nas questões relacionadas à desigualdade social e à propriedade privada. É dessa maneira que ele defende a ideia de que apenas a nobreza, a elite e os proprietários deveriam estar inseridos na política, e que por terem uma tendência “natural” a conservar a ordem e manter a sociedade tal como está, seriam os responsáveis legítimos para as ações de governo. Alinhado a isso está a noção do autor de que as revoluções deveriam existir para conservar e preservar as instituições britânicas, portanto, revoluções como a comunista proposta por Marx, é considerada por Burke um momento de degradação e decadência, sem ordem e de destruição das tradições. (BURKE, 1790/2014; SOUZA, 2016)

Também é importante ressaltar que essa visão naturalista, faz com que o pensamento dos conservadores influenciados por Burke renuncie os ideais democráticos e de justiça social, por entenderem a desigualdade como algo natural e positivamente construída. Nesse sentido, o pensamento conservador pode guardar alguma afinidade eletiva com as lógicas geradoras do ressentimento abordadas em capítulo anterior. Além disso, o irlandês foi um dos percussores da ideia de que os pobres invejam os ricos, que auxiliou no desenvolvimento da aporofobia, também tratada no capítulo anterior. Dessa maneira a ideóloga antidemocrática, antirrepublicana, de negação da razão e exaltação do pragmatismo cunhados por ele, seguem vigentes e influenciando o pensamento dos conservadores desde então, até a atualidade. (BURKE, 1790/2014; SOUZA, 2016)

Dessa maneira, o pensamento do autor é marcado por um antirracionalismo onde o imediatismo tem primazia sobre o racional. Ao mesmo tempo há o endosso pela ação irrefletida, baseada em instintos e sentimentos. Desde a defesa pela monarquia constitucional onde o monarca tem sua autoridade garantida a partir da concepção de que ele seria um agraciado por Deus, até o entendimento teleológico da causalidade como escrito anteriormente. O pensamento de Burke também contém o enaltecimento de preconceitos como forma de ação em situações classificadas por ele como “emergências”.

Muitos de nossos filósofos, em vez de desacreditarem os preconceitos gerais, empregam sua sagacidade em descobrir a sabedoria latente que eles encerram. Se encontram o que buscam (e raramente falham), consideram mais sensato continuar com o preconceito, juntamente com razão que o envolve, do que, prescindindo desta capa, deixar a razão nua; porque o preconceito torna a razão ativa; e pela afeição que lhe inspira, confere-lhe permanência. O preconceito é de aplicação imediata em casos de emergência; dispõe previamente a mente a um curso constante de sabedoria e de virtude, não permitindo que o homem, no momento da decisão, fique hesitante, cético, confuso e indeciso. (BURKE, 1790/2014, p. 106)

Ao analisarmos as produções de pensadores conservadores mais recentes, fica clara, a massiva influência deste pensador. Um de seus discípulos Michael Oakeshott, em seu “Ser Conservador” (2016), define o conservadorismo como sendo uma visão de mundo, ou em suas palavras “uma inclinação a pensar e a comportar-se de determinada forma” (pág 4), mais do que isso seria:

“(...) preferir o familiar ao desconhecido, preferir o tentado ao não tentado, o facto ao mistério, o real ao possível, o limitado ao ilimitado, o próximo ao distante, o suficiente ao superabundante, o conveniente ao perfeito, a felicidade presente à utópica. As relações e lealdades familiares serão

preferíveis ao fascínio de vínculos mais proveitosos; comprar e expandir será menos importante que conservar, cultivar e desfrutar; a dor da perda será maior que a excitação da novidade ou da promessa.” (pág 5)

Em seu estudo sobre conservadorismo, Mannheim (1974) esclarece que o surgimento da linha conservadora de pensamento acontece no momento em que há uma movimentação sociopolítica na Europa, onde esse grupo sente-se convocado a posicionar-se contra a revolução burguesa em curso naquele momento. Dessa maneira “O agir conservador depende sempre de um conjunto concreto de circunstâncias” e:

“Só é possível determinar de modo aproximado a ação ou comportamento de um conservador ou de alguém que age de acordo com o conservadorismo político de uma determinada época se tivermos “conhecimento da natureza e da estrutura do ‘movimento conservador’ no país e no período em questão” (Mannheim *apud* WELLER; BASSALO, 2020, pág 392).

Outro conservador contemporâneo que se destacou foi Roger Scruton (1944-2020). Teve grande influência de Edmund Burke, dividindo o pensamento conservador em três eixos: o tradicionalismo, o organicismo e o ceticismo. O tradicionalismo e o organicismo dizem respeito a uma ideia contrária à filosofia de Platão sobre a *tábula rasa*, considerando a sociedade consequência de uma continuidade de tradições, e elenca o passado a condição de herança preciosa. Considera, portanto, o pensamento conservador um resultado pela integração de várias questões, em especial as instituições. O ceticismo, por sua vez, diz respeito a uma rejeição a ideias novas, partindo-se sempre do conhecimento dos costumes, hábitos e tradições sociais, que o autor nomeia como “sabedoria prática”. Daí a rejeitar a ciência e as descobertas científicas modernas e contemporâneas é apenas um passo (SCRUTON, 2015).

Partindo de uma abordagem estrutural, torna-se necessário considerar a existência de conservadorismos, em detrimento de um conservadorismo homogêneo no singular. Para conseguirmos constituir uma definição unívoca desse tipo de pensamento, seria necessário um estudo sistemático de todas suas variações, estruturas e campos em que o conservadorismo foi desenvolvido, focando onde ele não varia (BOURDIEU, 1972). Segundo o sociólogo francês, Pierre Bourdieu, tanto a análise sobre o conservadorismo de Mannheim quanto de Simone de Beauvoir têm em comum um certo historicismo que considera a existência de aspectos invariantes na ideologia conservadora além de essa ideologia ser um aspecto comum à classe

dominante. O que entra em questão é que não existe uma disposição biológica que faz com as classes dominantes sejam conservadoras, mas sim uma chamada “sociodicéia” que tem como função legitimar a ordem estabelecida e garantir a permanência de seus privilégios. Além disso, a classe dominante não terá como definição apenas o capital que possui, mas justamente a legitimação desta forma de pensamento (BOURDIEU, 1972).

Nesse sentido, é possível produzir aproximações entre a direita brasileira e a direita europeia. A direita conservadora estava em crescimento em diversos países da Europa como França e Grécia, além é claro, da América do Norte, dos anos 2012 em diante. Löwy (2015) demonstra que o enfraquecimento da esquerda na Europa tem se dado desde os anos 1930, ao mesmo tempo em que as políticas de direita se manifestam de diferentes maneiras. Embora cada país tenha as suas características e complexidades, existem ações em comum como manifestações xenofóbicas contra imigrantes e minorias religiosas como mulçumanos e judeus, extremo nacionalismo, racismo, fundamentalismo religioso, bem como expressões de ressentimento à esquerda, ao feminismo e aos homossexuais. (LÖWY, 2015)

Portanto, há em comum entre o continente europeu e o Brasil os sentimentos morais e a reprodução das opressões às minorias, ou seja, as ideias conservadoras. Jones (2011) chama a atenção por exemplo, para o fato de que não foram Benjamin Netanyahu ou Bin Laden que causaram racismo e xenofobia em relação ao Oriente Médio, mas sim, o uso o e a manipulação pela extrema-direita das consequências negativas resultantes de suas ações para promover uma determinada agenda política. Fazendo conexões entre a direita conservadora europeia e a brasileira o autor aproxima alguns pontos, dentre eles os elementos mais gritantes do conservadorismo reacionário como o incentivo à violência policial, o desejo pelo estabelecimento da pena de morte, portanto, ojeriza aos direitos humanos, e por fim, intolerância com minorias, principalmente os homossexuais. O diferencial do brasileiro conservador estaria no apelo aos militares como resposta e solução às questões dessas pessoas. Além disso, o conservadorismo passa a ser entendido por seus principais representantes no Brasil como uma forma de resistência às transformações da idade moderna e uma forma de resistência às transformações desencadeadas pelos processos de modernização trazidos pelo advento da modernidade e um retorno à tradição (JONES, 2011; MESSENBURG, 2017).

3.3 O conservadorismo e a direita brasileira

São muitos os elementos e já muito repetidos em diferentes trabalhos que demonstram a reemergência do conservadorismo nos últimos anos, especialmente a partir de 2013. Pinto (2019) acompanha o deslocamento discursivo em direção ao conservadorismo a partir de três momentos de mobilização popular: os protestos em junho de 2013, os protestos contra a copa do mundo de 2014, e por fim, os movimentos pró *impeachment* da presidente Dilma. A autora demonstra que os protestos em 2013, apesar de começarem em Porto Alegre, em função do aumento das passagens do transporte urbano, se alastraram pelo país com mais pautas, como por exemplo contra a corrupção e contra o governo enquanto instituição, ainda que em São Paulo o “Movimento Passe Livre (MPL)” tenha organizado as manifestações. Uma demonstração das demandas difusas que apareceram nesses protestos se dá em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, onde muitos cartazes pediam por justiça pela tragédia de 27 de Janeiro de 2013, na boate Kiss, onde 242 jovens foram mortos e mais de 600 pessoas ficaram feridas. De qualquer maneira, o público presente nessas manifestações tem como característica sua diversidade ao mesmo tempo que foi composto de jovens, sem histórico de militância política anterior. Para Pinheiro-Machado (2019) as manifestações de 20 de junho de 2013 foram as últimas onde pessoas de diferentes ideologias, inclusive antagônicas, andaram lado a lado. Há uma evidente retórica utilizada pelos grupos conservadores nos protestos em 2013, e posteriormente, seja nos protestos que seguiram ocorrendo até a finalização do *impeachment* de Dilma, seja nas postagens no Twitter encontradas nesta pesquisa de 2016 a 2019 (PINTO, 2019; SOLANO; ORTELLADO; RIBEIRO, 2016).

Já os protestos que antecederam a Copa do Mundo de 2014, ainda que em menor número de participantes, começa a demonstrar uma certa mudança discursiva dos protestos. Esse foi um dos momentos chaves onde corrupção, Dilma e Partido dos Trabalhadores passam a ser sinônimos, por gerarem na população sentimento de frustração em relação as obras que foram realizadas para o evento, o alto preço dos ingressos que impediram que a população em geral chegasse aos estádios, como também, as consequências de um evento dessa magnitude tais como a “limpeza” da cidade com intuito de esconder a desigualdade dos turistas e o aumento do turismo sexual no país (TELLES, 2015; PINTO, 2019; MESSEMBERG, 2017). Além disso, os

grupos de esquerda que participaram desses protestos manifestavam contra a lotação do transporte público, educação, melhores condições de moradia, entre outros. Considera-se então que há um discurso antigoverno ainda em oposição às pautas conservadoras, já que se colocam a favor da construção de políticas públicas (PINTO, 2019)⁷.

Dessa maneira, as manifestações que aconteceram em 2015, tinham como pauta principal o pedido por *impeachment*, as ruas ficaram cheias de pessoas com a camisa verde e amarela da seleção brasileira. Também é necessário perceber que as ruas onde foram realizadas as manifestações não foram as usuais dos anos anteriores nem mesmo a de períodos importantes da história como nas Diretas Já. Foram ocupadas ruas de bairros de classe média alta correspondendo ao grupo para o qual essas manifestações eram direcionadas. Há nesse momento um apelo considerável às forças armadas brasileiras e o retorno mais contundente do “medo do comunismo”, tal como podia ser visto em 1964, antes do golpe militar (PINTO, 2019). O que chama a atenção de Solano, Ortellado e Ribeiro (2016) é o fato de que esses manifestantes o qual as cores verde e amarelo tornam-se símbolos, definem sua identificação à direita e ao conservadorismo, não pelas pautas mobilizadas por estes atores, mas sim pelo sentimento antipetista e anticomunismo.

Dessa maneira, seguimos sustentando a hipótese de que há um sentimento de “frustração relativa” das classes médias e da elite brasileira, decorrente da leve mitigação de problemas sociais crônicos relacionados à desigualdade social sob seus múltiplos aspectos através de políticas públicas, políticas de transferência de renda e pequena mobilidade social conquistada durante os governos petistas. Ao mesmo tempo, a mídia influenciou a opinião pública a partir da maneira discursiva com a qual expuseram os chamados “escândalos de corrupção”, ao longo dos anos. Não se trata

⁷ O primeiro jogo da Copa do Mundo foi marcado pelas vaias direcionadas a pessoa da Presidente Dilma Rousseff, e que foi mobilizada inicialmente pela área VIP do estádio, onde os ingressos custavam aproximadamente 450 dólares. Pinto (2019) relembra os chamados “panelaços” que aconteceram de 2014 em diante, a cada aparição da presidente na televisão, em grande maioria localizados em bairros de classe média. Ainda em 2014, durante o pleito eleitoral foi possível observar nas ruas os manifestantes e eleitores do candidato da oposição, Aécio Neves, eram militantes conservadores, de classe média alta e que já manifestavam uma agressiva campanha anti partido dos trabalhadores e anti Dilma. Sabe-se que a vitória de Dilma se deu por uma pequena margem de 3,28% dos votos e os protestos deixam de ser contra o governo como um todo e passam a ser direcionados à presidente sendo uma intensificação ao que já vinha acontecendo na abertura da Copa (PINTO, 2019).

de colocar os atores sociais como simples massa de manobra da mídia, mas entender a dimensão e o lugar dela, questões que serão tratadas na seção 3.3.2 deste capítulo.

3.3.1 O *impeachment* de Dilma Rousseff

É nesse clima de antipetismo crescente e de ojeriza à Presidente Dilma Rousseff, que o ano de 2016 vai caminhando para o *impeachment*. Solano; Ortellado; Ribeiro (2016), em sua pesquisa nas redes sociais determinaram que as pessoas que assumiam como identidade política de direita e conservadora não se identificavam com marcadores políticos gerais, como por exemplo, liberalismo, bancada evangélica, entre outros, mas seu traço marcante era justamente o antipetismo, que se tornou um organizador político. Além das circunstâncias já escritas anteriormente, Bastos (2017), indica que as medidas tomadas pelo governo no segundo mandato, começaram a visar o apoio empresarial, tendo um resultado completamente diferente: afastou o empresariado, alienou a população e aumentou a recessão. Todas essas questões alinhadas com as divulgações feitas pela operação Lava-Jato, enfraqueceu a base parlamentar do governo e a sua governabilidade como um todo.

STRECK e CARVALHO (2021) demonstram que a operação Lava-Jato consistia em um movimento de perseguição política promovido por grupos ultraconservadores do Poder Judiciário com forte cariz autoritário. Os autores sustentam essa tese a partir de diversos elementos que são de conhecimento público, como a falta de imparcialidade do Juiz Sérgio Moro, onde ele até mesmo atuou em favor da acusação, a existência de uma relação entre o magistrado e membros do Ministério Público, além de diversas violações do processo penal as quais não entraremos em questão por não dizerem respeito ao objetivo deste trabalho.

De qualquer maneira, a operação Lava Jato contribuiu para que as pessoas fossem as ruas em protesto pedindo pelo impeachment de Dilma. Souza (2019) demonstra que há no Brasil a conjugação de ideias patrimonialistas que estruturam a elite conservadora e que é disseminada não só pela grande mídia, mas também por boa parte dos pensadores contemporâneos. Dentre essas ideias está a construção do chamado “jeitinho brasileiro”, já citado nesse trabalho. Para o sociólogo, essa é uma maneira de legitimar o protofascismo disseminando a ideia de que o brasileiro tem um problema desde a concepção da pátria. Dessa maneira, os interesses do mercado

ficam escondidos e são disfarçados de princípios morais, o que contribui para que qualquer liderança popular seja um alvo de ressentimento. Nesse sentido, é preciso considerar novamente, os lugares que as camadas mais baixas da população alcançaram durante os governos petistas, como por exemplo, o maior acesso às universidades do país. O sentimento de frustração relativa dos protestantes não apareceu, então, como o que ele era, mas a partir da construção narrativa patrimonialista da grande mídia, na aparência de protestos contra corrupção. Foi dessa maneira, portanto, que o golpe de 2016 pode acontecer. Recentemente em entrevista o Ministro do STF, Luís Roberto Barroso reconheceu que o dito *impeachment* não possuía fundamento jurídico⁸.

Embora a população nesses protestos não fosse unânime, nem tivesse as mesmas reivindicações, fortaleceram a iniciativa contra o governo Dilma, legitimando o processo que resultou em seu impeachment. Souza (2019) o patrimonialismo da elite econômica foi o grande responsável pelo sucesso da manipulação midiática da grande mídia e da execução do golpe.

É possível perceber que os sentimentos morais e questões sociais que movimentam a direita e as classes médias brasileiras existem a longo prazo e aparecem no tecido social de forma mais ou menos aparente segundo uma complexa teia de acontecimentos. Dentre elas, a reemergência do conservadorismo, neofascismo e do bolsonarismo atualmente estão alinhadas com as modificações de renda já citadas anteriormente e também com a campanha midiática feita contra o partido dos trabalhadores e também o modo como os atores disseminam as informações na internet e dessa forma, movimentam mais pessoas.

Swidler (2001), assevera que quando as posições sociais permanecem as mesmas, o sujeito possui uma certa conformidade, entretanto, quando algumas mudanças sociais acontecem, deslocando recursos e poder entre outras representações de distinção, é criado um inconveniente e esse grupo que anteriormente ocupava uma posição plácida, passa a participar da vida política mais ativamente. Um fenômeno próximo a esse aconteceu durante o breve governo de João Goulart, onde as classes médias demonstraram a separação existente dentro de si mesmas, aparecendo com clareza uma polarização política do país. Por um lado,

⁸<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/02/4982430-barroso-admite-que-impeachment-de-dilma-ocorreu-por-motivacoes-politicas.html>

estavam os apoiadores de Jango e das reformas de base propostas por ele e que estão longe de qualquer ideia que se relacione com o tipo de ruptura institucional com o modo de produção capitalista. Do outro lado, estavam situados os partidários do anticomunismo. Ou seja, ainda que as reformas de base propostas pelo presidente da época ainda estivessem em campo hipotético, isso mobilizou as elites que instrumentalizaram uma parcela das classes médias contra essas medidas que não deixam de ser ferramentas por melhor distribuição de renda e diminuição da desigualdade social (CARDOSO, 2020).

Amparando essa hipótese, Arretche (2017) demonstra que o crescimento econômico e social, assim como a diminuição da desigualdade começaram a acontecer com maior ênfase na década de 1990, tendo seu auge nos anos do governo do presidente Lula. Segundo a autora, maior igualdade econômica reverbera em outros aspectos da vida do cidadão, como por exemplo aquilo que ele passa a consumir, suas opções de lazer, saúde, qualidade das interações sociais entre outros aspectos subjetivos importantes. Alonso (2019) contribui com esse argumento quando apresenta três eixos onde as mudanças citadas por Arretche aparecem, sendo eles: renda, escolaridade e raça. Gethin e Morgan (2018), asseveram que as políticas de bem-estar social dos governos petistas, principalmente do presidente Lula, beneficiaram diretamente as camadas mais pobres da população, ao mesmo tempo em que indiretamente beneficiou a elite brasileira. Alguns tweets encontrados colaboram com essa hipótese: *“Direitos Humanos? Onde? No Brasil? Aqui esse negócio tem outro nome - “direito de esquerda””*; *“o legado do PT é a grande dívida pública em prol de programas sociais. Tudo p/ garantir voto.”*; O tweet a seguir foi feito em resposta a uma notícia divulgada por Carlos Bolsonaro em relação ao assassinato de um casal de policiais militares. Junto com a legenda: *“Essa realidade a Globo, a ONU, o PSOL, as feministas e toda esquerda continuarão ignorando.”* Havia um vídeo divulgado, provavelmente produzido por ele mesmo, onde aparecem fotos do casal de policiais militares ao som de uma música triste e depois os dizeres: *“Casal PM de Santa Catarina de férias em Natal - RN é vítima de assalto em pizzaria. Ao serem reconhecidos como policiais militares os assaltantes colocaram os dois PMS de joelhos E ATIRARAM. É possível ouvir um barulho de tiro seguido por barulho de sirene. A mensagem continua com: A SD Caroline não resistiu e faleceu a caminho do hospital. #APOIEQUEMTEPROTEGE (em vermelho: Mesmo com o risco da própria vida)”*. As respostas a esta postagem seguem a mesma temática. Uma

comparação entre a falta de divulgação dessa tragédia em mídia nacional em relação a massiva cobertura do assassinato de Marielle. *“Não é vontade ou interesse da esquerda defender o bem, defender as pessoas que batalham a luta diária de quem trabalha, cuida de casa e busca um futuro digno e justo pra sua família. Pra eles só interessam o próprio umbigo, custe o que ou quem custar. #Bolsonaro2018”*; *“Não estão falando dela por que ela não é lésbica, abortista, esquedopata... Era uma mulher hetero, tradicional”*; *“Eles não eram nem negros e nem favelados e por isso não serão lembrados!”*; *“Tomara que ele se recupere logo e mate todos os envolvidos nesse crime ediondo. Bandido bom é morto! Se não houvesse tanta impunidade as coisas eram diferentes por aqui, a lei não é justa, e a justiça tem que prevalecer de um jeito ou de outro, estes malditos têm que pagar (havia um emoji de arma ao lado da última palavra)”*. *“Escutei hoje um absurdo na GLOBONEWS: A viúva de Marielle. Pelo amor de Deus, VIÚVA??? Rsrtrs”*. E ainda: *“os pobres pedem sol, mas não tem dinheiro para ir a praia! ai fica reclamando do calor no facebook! Aff”*; *“JN fazendo reportagem sobre preço de passagens de avião em 2013, pobres no avião não engolem”*; *“Entenderam golpistas? Vocês não poderão com o peso da verdade. Estar d lado d pobre é evangelho, não comunismo”*; *“adoro ver a comunalha estrebuchando de desespero. Perderam a boquinha. Acabou a mamata. As ofensas deles são elogios para os bons.”*; *“bando de canalhas! Os governos militares deviam ter extinguido essa corja!”*

Alinhado a esse desconforto está o que Polleta et al., (2013) chamam de campanha midiática nacional contra o Partido dos Trabalhadores (PT). Os autores relatam que em uma pesquisa realizada em 2017, os motivos mais importantes para a escolha do candidato pelos participantes, incluíam a existência de soluções em seus programas de governo para questões como saúde (32%) e educação (16%), enquanto o combate à corrupção apareceu em 18% das respostas. Neste sentido, eles apontam que o slogan de combate à corrupção de Bolsonaro não poderia ser considerado como fator decisivo em sua eleição. Pode-se inferir, portanto, que a narrativa construída pela mídia em relação à esquerda e seus governos, opera a função catalisadora do ressentimento das classes mais altas, mascaradas pelo discurso de combate à corrupção.

É essa conjuntura que sustenta a execução de um golpe parlamentar contra a Presidente Dilma Rousseff em 2016, onde pode-se perceber, seja pelas reportagens

nos maiores jornais do país, seja pelas postagens da internet, e a presença de protestantes nas ruas, que há uma polarização nas classes médias. Há nesse ponto um processo identificatório em relação ao poder do Estado, e que produz nos agentes uma identificação sustentada na imagem de que o outro se constitui da mesma luta política contra um inimigo comum. Quando as classes médias se identificam então como iguais, não há espaço para a alteridade, abrindo espaço para um neofascismo autoritário, ressurgimento do anticomunismo, do racismo de classe, moralismo, movimentos em favor de uma volta da ditadura militar e também o bolsonarismo enquanto fenômeno (CARDOSO, 2020).

Souza (2016) retoma o chamado “racismo de classe”, existente na sociedade brasileira desde sua origem e que tem direcionado os rumos da nação por diversas vezes. Ela aponta o escândalo do Mensalão como o expoente do golpe de 2016, que terminou o mandato da presidente Dilma Rousseff. O que há em comum nos autores citados é a percepção de que as políticas de transferência de renda, a inclusão pelo consumo, o aumento do número e de acesso às universidades e também o aumento real do salário-mínimo, causaram um incômodo nas classes médias e nas elites, resultando em uma reação conservadora intensa. (POLETTA et al, 2013; SOUZA, 2016; SOUZA, 2019; PINHEIRO-MACHADO, 2019; ALONSO, 2019).

3.3.2 A manipulação midiática dos acontecimentos

Nelson Sodré (1966) localiza no período regencial a existência de um jornalismo ideológico e militante. Havia um posicionamento político que buscava mobilizar os leitores em diferentes causas. Nesse sentido, a imprensa passou a ser um fator determinante na luta política e executava a função de uma tribuna ampliada. O espaço temporal entre o período regencial e o golpe de 64, foi o momento de industrialização do jornalismo brasileiro, conforme esclarece o autor. É preciso ressaltar que durante o Estado Novo a imprensa sofreu diversas censuras e foi apenas com o fim desse regime que a m dia brasileira teve um novo respiro. Jornais foram fundados e o jornalismo pode ser feito com a liberdade que deve existir em um regime democrático. Entretanto, como alerta Sodré (1966), houve uma grande articulação entre os jornalistas da época e os interesses imperialistas norte-americanos tendo efeitos devastadores no país.

A liberdade deveria ter estado em consonância com o divulgar os fatos tal qual eles ocorrem, de modo a informar a população, sem juízo de valor, sobre o que acontece. Dantas (2014) demonstra que desde 1951 a imprensa brasileira se mobilizou com ofensivas planejadas e desenvolvidas com o intuito de liquidar o governo de Getúlio Vargas. Com o suicídio do presidente, os planos não foram continuados, pois a comoção nacional em relação à tragédia não permitiu o golpe. Segundo o autor, foi esse mesmo grupo que tentou impedir Juscelino e Jango de assumirem a presidência do país após sua eleição e seguiu até conseguirem efetivar o golpe em 1964.

Em um trabalho de observação das capas do jornal “A folha de São Paulo” realizado por Mayer e Agnoletto (2019), fica claro que as publicações do jornal, principalmente as reportagens de capa contribuíram para a convulsão social existente na época. A posição do jornal passa de simpatizante do presidente, entre março e abril de 1963, em relação às medidas de controle da inflação e postura democrática. Entretanto, em agosto do mesmo ano, o editorial versa contra as reformas de base propostas por Jango publicando que “as forças que apoiam o presidente da república outra coisa não tem feito, senão manter aceso, em todo país, um clima de inquietação”. Nessa mesma época diversos pronunciamentos de pessoas públicas como por exemplo o então deputado Carlos Lacerda, disseminaram a ideia de que Jânio Quadros estava preparando um golpe comunista.

Em setembro de 1963 a manchete do jornal dizia: “O governo federal responde pelo caos, diz Ademar”. Em dezembro o mesmo general declarou ao jornal que “A democracia é flexível”, e aparece também como manchete e alternativa esperançosa para o povo brasileiro contra o temido “golpe comunista”. O resultado disso foram os fatos publicados em 02 de abril de 1964, com o anúncio de que a presidência está vaga sem mencionar o golpe militar. Em um outro jornal importante do país, O Globo, é anunciado Mazzilli como presidente interino aliado à manchete “Ressurge a democracia”.

O que se torna comprovado ao unir os jornais da época, é que ainda que tenha ocorrido um golpe militar em 1964, a mídia impressa do país manipulou as informações de modo a influenciar a opinião popular. Na história recente do país, o caminho seguido pela “Folha de São Paulo”, foi o mesmo. Em novembro de 2010, o jornal produziu uma breve biografia da presidente Dilma Rousseff sem aparente juízo

de valor. Porém, de 2013 em diante a campanha contra o Partido dos Trabalhadores é clara não apenas nos jornais impressos, mas também na mídia televisiva. Jessé Souza (2016) entende que as chamadas “Jornadas de Junho” estabelecem um ponto de virada para a imprensa brasileira. Isso pôde ser percebido através da mudança de tom realizada por um dos principais jornais brasileiros, o Jornal Nacional, que tem como editor e apresentador, William Bonner. É somente depois dos protestos ocorridos em junho de 2013 que eles passam a nomear os protestantes não mais como expressões de vandalismo, mas sim como meios democráticos de protesto contra a corrupção, contra os gastos da copa do mundo e a PEC 37. Além disso, a chamada operação Lava-Jato tem apoio midiático desde o início.

Boltanski (2004) assevera que as narrativas midiáticas podem estimular a indignação moral dependendo da maneira como noticiam os fatos e os acontecimentos que tenham relação com registros emocionais. O posicionamento contra corrupção está inserido nessa lógica porque os objetos de análise citados acima contêm a exposição de uma denúncia que associa a indignação moral do espectador à uma acusação e culpabilização por um crime cometido contra o patrimônio público, e que é construído na forma de escândalo político. Também une a existências de sentimentos inconscientes como frustração, ressentimento e rancor ao mesmo tempo que gera uma sensação de impotência frente ao causador do incômodo, e que por sua vez, gera reações como por exemplo, declarações de pessoas ofendidas pelos políticos corruptos e sem aparentes valores morais. Além disso, há a formulação de uma estética que dramatiza o tratamento dado aos fatos políticos e a espetacularização do processo penal, transformando-os em uma trama novelesca e sensacionalista. A cobertura jornalística passa a ter como consequência, não apenas um público informado, mas escandalizado e capturado por essa história inventada (BOLTANSKI, 2004).

Bourdieu (1981) constrói a noção de que a realidade com seus fatos e acontecimentos não pode ser descrita de forma pura, ou seja, cada descrição traz consigo juízos de valor e preconceitos, ainda que inconscientes e podem depreciar, condenar, demonizar adversários políticos. Isso quer dizer que uma ação sistemática realizada por setores importantes da mídia estará intervindo na conjuntura política, na sua interpretação e representação. Se a perspectiva editorial utilizada estiver mobilizada para desabonar e desqualificar atores, projetos e visões de mundo

contrárias a uma ordem específica, no caso do Brasil, contra a ordem liberal, a realidade passa a ser transformada de modo a produzir culpados pelas mazelas nacionais.

É nesse sentido que se considera o tratamento dado ao fenômeno do escândalo político não como uma representação objetiva da realidade, mas sim como uma construção ideológica que representa a realidade construída, a partir de um ângulo editorial politicamente posicionado com ampla divulgação midiática e que por sua vez, implica segmentos da população a mobilizarem-se com forte conteúdo moral e/ou emocional na maneira como um fato ou acontecimento político é descrito.

O ano de 2018, com seu processo eleitoral, expõe a polarização crítica o qual vivenciou o Brasil e a eleição de Jair Bolsonaro, bem como as manifestações dos internautas nas redes sociais, demonstram a vigência do discurso conservador como norteador da atuação política desses sujeitos em questão. Souza (2020) esclarece que aqui conservadorismo se tornou sinônimo de intolerância e agressividade, ao mesmo tempo em que não existe possibilidade de diálogo, homofobia e diferentes formas de violência a diversos grupos minoritários. O autor considera a falta de empatia outra característica desse grupo, e podemos acrescentar aqui o sentimento bem caracterizado pela palavra alemã *schadenfreud*, que consiste em uma forma de alegria e satisfação com a desgraça alheia o qual tratamos com mais detalhes no capítulo a seguir.

3.4 O Bolsonarismo e as classes populares

Jair Messias Bolsonaro, é um capitão reformado do exército, que começou sua vida pública em 1988 no cargo de vereador da cidade do Rio de Janeiro. Foi deputado estadual por sete vezes entre 1991 e 2018, somando mais de 30 anos de atividade política. Sempre foi conhecido por suas ideias à extrema direita, de caráter populista e conservador. Neste sentido, o estudo realizado por Pinheiro-Machado e Scalco (2018), auxilia a compreender esses fenômenos. As antropólogas conduziram uma etnografia ao longo de dez anos no Morro Santa Cruz em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Interessadas nos chamados “rolezinhos”, as etnógrafas vivenciaram e testemunharam as mudanças provocadas pela política do então presidente Luis Inácio Lula da Silva. Na primeira fase da pesquisa, entre 2013 e 2014, elas perceberam que

mudanças como conquistas de direitos trabalhistas para as empregadas domésticas e a criação do Programa Bolsa Família, influenciaram diretamente na subjetividade dos moradores daquele espaço. O programa de transferência de renda, por exemplo, além de garantir a presença escolar de crianças e adolescentes, empoderava mulheres por serem as gerenciadoras desse dinheiro. Houve, portanto, o crescimento de uma classe emergente, incluída na vida social através do consumo, e que obteve como reação, por exemplo, o controle do ingresso em alguns shoppings para impedir que esses jovens, periféricos adentrassem espaços comumente considerados da elite. Para as antropólogas o movimento de fechar os shoppings para esse grupo demonstrava em ato a real exclusão destes, no chamado sistema. Certamente uma forma de violência simbólica e de ressentimento de classe, já tratado nesse trabalho.

As autoras voltaram ao Morro onde aconteceu a pesquisa no final do ano de 2016, onde puderam ver de perto a consequência de acontecimentos como a crise econômica que atingiu o país, o aumento considerável da insegurança e violência na cidade de Porto Alegre e o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Elas puderam constatar que aqueles jovens que participavam dos rolezinhos e que foram excluídos sistematicamente daquele lugar, tornaram-se fãs do então deputado Jair Bolsonaro. Segundo elas, Bolsonaro passou a ocupar um lugar de uma espécie de totem identificatório da masculinidade.

Bolsonaro construiu uma imagem, ao longo dos anos, de ser aquele que fala o que ninguém quer ouvir. Seu movimento nas redes sociais, principalmente no twitter, caminha justamente nesse sentido, em postagens como: *“Ainda existem “INOCENTES” que acreditam em ESQUERDA DEMOCRÁTICA e que houve uma DITADURA MILITAR NO BRASIL. <http://twixar.me/84R>”*. O link em questão direciona o leitor para um vídeo de uma entrevista realizada em 2011 inserido na plataforma de vídeos *Youtube* no canal de Carlos Bolsonaro, onde Jair, ao ser questionado sobre o “nazifascismo” diz que o nazismo havia matado dez milhões de pessoas, e que o comunismo, por sua vez havia matado cem milhões de pessoas, mas que as pessoas não dizem nada sobre isso. Além disso, chama Cesare Battisti de *“cabloco terrorista”*, que segundo ele é defendido por Francisco Alencar, político filiado ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).⁹ *“Nunca houve “ditadura militar” no Brasil! Mentiram*

⁹ Os termos estão entre aspas porque foram transcritos tal qual como aparecem em postagens na internet ou em vídeo.

pra vc jovem! Entenda:” há um link para um vídeo de uma entrevista de Marco Antonio Villa sobre o livro escrito pelo entrevistado: “Ditadura à brasileira (1964-1985). A democracia golpeada à direita e à esquerda.”¹⁰ “@BolsonaroSP *protocola Mandado d Segurança contra emenda q criminaliza juízes e MP por "abusos de autoridade". Saiba.*”, no link há um vídeo publicado na rede social Facebook, onde Eduardo Bolsonaro fala sobre esse mandado de segurança feito na tentativa de não permitir a responsabilização de juízes quando estes cometem abuso de autoridade. No vídeo se relata que essa é uma medida para proteger a operação Lava-Jato, e o então juiz Sérgio Moro. Em outro *tweet* ainda, ele escreve: “*Cuidado para não morrer de rir. O "cuspidor" está uma "ferinha".*” Há um vídeo no próprio *twitter*, onde Bolsonaro repete a legenda e em seguida aparece a gravação do deputado Jean Willys relatando à câmara legislativa as violências que ele sofreu advindas de Bolsonaro. As respostas no geral seguem um mesmo formato e a mesma sequência de ideias: “*Engraçado que a mesma turma que afirma terem sido perseguidos no regime militar, foram presos no regime democrático.*”; “*O Mito será o maior presidente que esse país já teve.*”; “*Presidente, queremos vc nas ruas hoje!!!! Contra bandidos corruptos, A FAVOR DO POVO*”; “*Ditadura foi para os baderneiros e esquerdistas, pessoas do bem e trabalhadoras nunca tiveram problema...*”; “*Família Bolsonaro me representa. A esquerda piiiira com a competência e honestidade de vocês. Avante Brasil*”; “*Aí sim um homem de coragem!*”; “*boa, jogue duro, o país vai reconhecer*”; “*Jean Willis Disse Que ADORA o TIRIRICA Mas O Que Êle ADORA Mesmo é o PICASSO Do TIRIRICA*”; “*você é mais que demais, te amo*”; “*ESSE VIADINHO DEVE TER O CUZINHO BEM FEDORENTO.DÁ-LHE BOLSONARO:ORGULHO DA NOSSA NAÇÃO BRASILEIRA.*”; “*tenho 27 anos e em toda eleição eu justifico meu voto, mas em 2018 meu primeiro voto vai pro Mito #Bolsonaro 2018*”; “*KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKmelhor presidente*”; “*TMJ!!! Bolsonaro 2018*”.

É clara a construção da narrativa que fez com que Bolsonaro adquirisse o apelido “mito”, ele posta o que bem entende, sem compromisso científico, sem respeito ao outro, na intenção de defender seus ideais. A resposta é recebida no mesmo tom. Fica claro o lugar de referência e de ideal que ele estava ocupando neste momento, e foi dessa maneira que ele foi eleito em 2018. De qualquer maneira,

¹⁰ O vídeo pode ser visualizado em <https://youtu.be/CVis4jDCvzQ>

obscurantismo, homofobia, falas anti-esquerda, também fazem parte do ideal conservador travestido de conservação da família e de nacionalismo, além de outras questões supracitadas anteriormente.

É possível ainda perceber a importância que Bolsonaro adquiriu como um porta-voz de um segmento das classes populares que reproduz seu ressentimento através de colocações a favor de uma ditadura que ao mesmo tempo eles não acreditam que existiu. Entretanto, para localizar em um tempo histórico a construção social que permitiu a ascensão de um político como Bolsonaro tem-se de recorrer à história do país, principalmente na transição da ditadura militar para a democracia, embora esse tópico já tenha sido tratado no capítulo 2 deste trabalho. Para Teles e Quinalha (2020) a democracia brasileira se constituiu durante uma transição onde houve um consenso entre a velha oligarquia conservadora e novos agentes que surgiram durante o processo. O que importava, portanto, era constituir um clima de governabilidade possível e estável, ao mesmo tempo em que havia um discurso de pacificação e reconciliação. Um dos resultados dessa política foi o silenciamento dos movimentos sociais e com a Lei da Anistia, o recém surgido Estado de Direito nasceu marcado pelo de Estado de exceção e sua impunidade. O dossiê dos mortos e desaparecidos, a CPI da Vala de Perus, tiveram um papel bastante importante em mobilizar ações e políticas públicas para as vítimas da ditadura, entretanto, movimentaram ações que buscavam bloquear e evitar o esclarecimento da verdade e a responsabilização penal dos envolvidos. Então ao mesmo tempo em que as instituições já estavam consolidadas como um regime democrático, em relação a justiça e à memória o país parecia cristalizado em seu processo de transição (TELES; QUINALHA, 2020).

Foi durante o governo da presidente Dilma e um ano após a divulgação do relatório final da Comissão Nacional da Verdade, que foi criada em 2012, que começaram manifestações por intervenção militar. Dessa maneira, há um discurso de elogio à ditadura, que desembocou no golpe de 2016 e na eleição de Jair Bolsonaro, conhecido também por defender a ditadura e seus torturadores (TELES; QUINALHA, 2020). Podemos perceber nas postagens encontradas no Twitter, que o apoio pela volta de um regime militar, a ideia de que o comunismo precisa ser extinguido e a intenção de voto com uma espécie de devoção por Bolsonaro, aparecem unidos nas postagens: *“Protocole um pedido de Intervenção Militar e seja o líder da campanha,*

com o apoio de todos os brasileiros. ESPERANÇA!"; "Porque os militares não voltam ao poder... Até quando viveremos nesta terrível perspectiva?"; "já erramos nos governos militares, e não podemos errar novamente, n basta tirá-los do poder."; "precisamos começar do zero. Intervenção constitucional já! Fechar o CN e aposentadoria compulsória STF!"; "Concordo com você. Foram incompetente nas funções de torturador. Deveria ter matado todos os comunistas."; "eu sou a favor dos militares no poder, assim posso ver os bandidos na cadeia e ter prisão perpétua no brasil"; "por um país melhor sou a favor do BRILHANTE tempo da ditadura, naquele período os vagabundos não tinha direito!!!"; "@DepBolsonaro BOLSONARO PRESIDENTE EU APOIO! E VIVA O CORONEL ULSTRA!!"; "Nada, mas nada mesmo, me fará mudar meu voto. Será seu Bolsonaro. Ministro da Defesa tem que ser militar."; "Esquerda badernista, anarquia e bandida. Regime militar e não Ditadura. Naquele regime o povo estava amparado."; "Lembro q na ditadura, terminada c a transição p Sarney, qdo tinha 14 para 15 anos, havia mais democracia q agora!"; "@DepBolsonaro Desculpa, existiram Governos Militares. Ditadura era para as pessoas que queriam que o Brasil fosse uma CUBA."; "POR QUE AINDA NÃO PEDIU PUBLICAMENTE POR INTERVENÇÃO MILITAR - POR QUE NÃO INFORMA O POVO DE QUE ESTAMOS NO COMUNISMO?!"

Em 2018, Michel Temer determinou a intervenção do Exército e da Marinha no Rio de Janeiro, sob o pretexto de uma operação militar de 'Garantia da Lei e da Ordem (GLO)', que durou o ano todo e que resultou em mais de mil e quinhentas pessoas mortas pela polícia (CARDOSO, 2020, pág. 42). Para Cardoso (2020) a intervenção proporcionou a Bolsonaro bastante material de disseminação sobre seus ideais contrários aos direitos humanos. No dia 20 de fevereiro de 2018, no qual aconteceu a votação para a implementação do decreto de Temer, Jair publicou em seu Twitter um vídeo onde declara seu voto a favor da medida, embora ele diga que se fosse presidente faria diferente. Disse ele:

"Eu vou votar favorável ao decreto do Temer, mas se eu fosse presidente meu decreto seria bastante diferente desse daí. Não tá definido, tá indefinido a conduta de engajamento. Ou seja, tá tratando com criminosos que tão com fuzis, com granadas, com armas de guerra e você tem que ter uma autorização do Estado, que eu chamo de retaguarda jurídica, para antes mesmo de você levar um tiro, você alvejar o inimigo. Fora isso, no meu entender, o nosso agente, em especial o integrante das forças

armadas, não terá como exercer adequadamente o seu trabalho e temo ser apenas mais uma medida paliativa que vai durar por vinte, trinta dias, depois vai e volta tudo ao normal novamente. (...) Na questão do combate à violência você sabe o que eu defendo, né? Em primeiro lugar é a posse de arma de fogo para o cidadão de bem. E o outro, se chama de excludente de ilicitude, ou retaguarda jurídica, ou seja, você ver a sua vida ameaçada por terceiro ou a sua propriedade por terceiro, você pode atirar, você responde mas não tem punição. O que nós precisamos no Rio de Janeiro agora é que esses homens que vão estar nessa operação após o cumprimento de qualquer operação, caso venha a abater alguém, ele responda mas não tem punição pra ele.”¹¹

As respostas a esse vídeo são exemplos do eleitorado que Bolsonaro vinha construindo, bem como a base do pensamento bolsonarista. “Sou a favor do que o senhor fala em questão do armamento, porém os critérios para alguém possuir uma arma devem ser bem estipulados, pois não é qualquer um que pode ter. Temos que saber quem realmente é de “bem” pra ser digno desse benefício de segurança.”; “Carta branca só bandido tem pra matar, tá na hora de equalizar as coisas”; “Apoiado 100%, mas o maior culpado é essa população burra sem cultura e sem inteligência...para ir no carnaval as ruas não cabiam uma agulha sequer...agora os “coitados” fdp estão lamentando o desemprego..o maior culpado da merda que o país está é o cidadão.” “Acompanhei a votação ontem e vi deputados (as) q nunca se importaram com segurança publica e agora subiram la pra fazer discursinho. O q tem de gente tentando surfar na onda de bolsonaro agora não é brincadeira!”, “Esse é meu presidente”; “Não se explique. Seus inimigos não acreditam e seus amigos não precisam.”; “Está bem explicado, mas a esquerdalha e os Micheleiros insistem em distorcer os fatos.”; “São um bando de vagabundos que querem o país na merda que está para se drogarem a vontade as custas do sofrimento de milhares de famílias.”; “O que o deputado falou é tão lógico que se não fosse a demagogia e a safadeza de defender os pares. A lei já deveria ser assim.”; “E por isso que ele tem meu voto é de meus familiares”; “Sua posição é IGUAL a posição do General Interventor. VAMOS EXIGIR UMA INTERVENÇÃO GERAL, IRRESTRITA, TOTAL EM TODAS AS INSTITUIÇÕES!! UMA FORÇA TAREFA de LIMPEZA NAS INSTITUIÇÕES, e REFORMAS NAS LEIS DE JUSTIÇA PROTECIONISTA DE BANDIDOS.”; “General

¹¹ <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/965913996955090944>

Heleno: " O ato ou intervenção hostil permite que você reaja. Você não pode ter efeitos colaterais, mas se o sujeito estiver com armas de uso exclusivo das Forças Armadas, ele deve ser alvejado, para que vidas sejam economizadas... ""; "Excelente! A clareza, profundidade e objetividade do ponto de vista de Vossa Excelência reflete a forma que presidirá o País."; "Meu deus. "Caso ele mate alguém, ele responda, mas, que não haja punição à ele." Lacra mito 2018"; "Gosto desse cara, nas entrevistas ele responde de forma coerente, honesta e justa. Sem mentiras e sem ideologias".

O que fica claro com as publicações é que Bolsonaro não se apresenta como um influenciador de pensamentos, lugar destinado aos *think tankers* de direita e ao autointitulado filósofo Olavo de Carvalho, que não serão abordados neste trabalho, apesar de sua massiva influência nisso que chamamos de bolsonarismo, mas como o porta-voz desses pensamentos radicais (WINK, 2021). O apoio à intervenção militar, portanto, tornou-se um de seus temas para a eleição, justamente por fazer coro com a política anti-direitos humanos. Ao mesmo tempo em que a intervenção aconteceu, a violência política e o radicalismo dentro dos grupos ideológicos à direita foram aumentando. Apesar de todo policiamento, o assassinato de Marielle Franco não foi impedido, e o presidente Lula sofreu um atentado em Março de 2017. É claro que o assassinato de Marielle, até o momento em que este trabalho está sendo escrito, não foi solucionado, se configura como crime político e denuncia uma vez mais o racismo presente na nossa sociedade e convoca a pensar saídas para romper com esse ciclo de preconceito, autoritarismo e violência que mata pessoas negras e pobres todos os dias. (SCHWACZ, 2019; CARDOSO, 2020; WINK, 2021; ROCHA; SOLANO; MEDEIROS, 2021)

Em 13 de março de 2018, Bolsonaro divulgou em seu twitter um vídeo¹². Na publicação é possível ler a legenda “- *Traficantes ditam normas na escola. - "Fumar maconha, aqui não!" - O Brasil tem jeito? Como? Comente.*”. No vídeo, que tem a duração de 1 minuto e 59 segundos, aparecem cerca de 17 jovens, ajoelhados no chão, enquanto dois traficantes ameaçam “quebrar todos a pau”, caso voltem a fumar maconha dentro ou perto do território escolar. É possível distinguir duas vozes diferentes na mídia, e ambos os homens ameaçam de diferentes maneiras os adolescentes. A situação é, para dizer o mínimo, vexatória está produzindo

¹² Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/973547101136277510>

humilhação desses jovens. As respostas para esse vídeo e para o questionamento na legenda são: *“Sem grande partido, sem tempo de TV, sem prefeituras, sem governos estaduais, sem fundo partidário, sem a mídia, mas estamos com ele! Chega de mentiras, corrupção e criminalidade com PT, MDB, PP, PSDB, DEM e companhia. Vamos endireitar o nosso Brasil!”*; *“kkkkkkkkkkkkk imagem épica”*; *“Tiraram a matéria de moral e cívica das escolas pra implantar sociologia tá aí o resultado”*; *“Mudar a legislação penal, acabar com audiência de custódia, visita íntima, saidinhas. Responsabilidade penal de acordo com o crime cometido. Não acatar as políticas da ONU.”*; *“Correção mais pesada, por favor!!!! Ninguém aguenta mais tanto desmando!!!! Chegaaaaaaaaaaaaa !!!”*; *“Peça a #IntervencaoMilitarJa é nossa única salvação e você sabe disso @jairbolsonaro”*; *“Simplicidade resolve. Ao invés de ginástica mental interminável, a questão das drogas pode ser resolvida com execução de traficantes e cacete nos usuários, com multa, pois o usuário deve pagar pelos danos que causa à sociedade.”*; *“Quebra no pau essa molecada...”*; *“...o retrato de um Brasil onde a esquerdopatia, por ideologia, pregou a inversão de valores, minou a segurança pública, nos tirou o direito de defesa, adestrou os incautos e partiu rumo ao caos...vamos em outubro abortar e expurgar esta aberração...”*; *“Ohhh delicia , quem gravou ? Quem colocou ordem no barraco? Adoooro”*; *“Leis severas e que funcionem. O exército precisa dominar todo o país.”*; *“A solução é prisão perpétua, pena de morte e escola militar.”* Ou seja, nenhuma resposta considera ruim o ato, e entende que a solução para o Brasil seria mais violência, ditadura, colégios militares, entre outras. Outras partes das respostas são de pessoas dizendo que a esquerda não se manifestou contra o vídeo porque não são policiais agredindo verbalmente os meninos. Nesse sentido, não há nenhum questionamento sobre como Jair Bolsonaro pode ter conseguido acesso a esse vídeo, e autorização para publicá-lo em uma rede social. Por fim, a própria legenda de Bolsonaro não deixa claro se ele é a favor ou contra a ação dos traficantes, mas o que está presente no ato da postagem e na forma como ele estabelece a pergunta na legenda é a intenção de promover a agitação política de modo semelhante à ação política dos agitadores de extrema direita analisada por Lowenthal e Guterman (1949) nos EUA durante os anos 30 e 40 do século passado (LOWENTHAL; GUTERMAN, 1949). Na lógica bolsonarista o que vale é causar polêmicas em seus pronunciamentos, direcionando uma mensagem específica para seus eleitores e fazendo com que a oposição entre em uma espécie de convulsão contra ele, trazendo assim mais público. Essa estratégia foi chamada

“cortina de fumaça” e é reproduzida por diversos governos fascistas ao longo da história e é reproduzido por sujeitos de personalidade autoritária como também demonstra Adorno (2019).

3.4.1 A Mentalidade Autoritária

Para pensar um pouco mais sobre a mentalidade autoritária e os momentos em que é possível reconhecer essa forma de pensamento não apenas em Jair Bolsonaro, mas também em seus fiéis apoiadores, lançaremos mão dos resultados encontrados por Adorno et al (2019), em seu estudo sobre a personalidade autoritária, bem como proporemos uma comparação com a realidade brasileira a partir de tweets encontrados. Para Horkheimer (2019) o homem autoritário é alguém que é influenciado pelo modo de pensar de uma sociedade industrializada e desenvolvida ao mesmo tempo que possui crenças irracionais ou antirracionais. Então ao mesmo tempo que é um sujeito esclarecido, cerca-se de superstições, individualismo e possui um medo de não ser como os demais. Assim como proclama a defesa de suas liberdades também é bastante propenso a submeter-se à uma autoridade que esteja no poder. Neste sentido, há duas vertentes que situam o indivíduo nesse espectro político: sua concepção ideológica e as necessidades subjacentes que podem ou não incluir questões psíquicas. Considera-se ideologia como a estrutura de pensamento acerca do homem e da sociedade que é reproduzida e disseminada nas formas de opiniões, valores e atitudes. Considerando a teorização de Marx (1845/1982) de que a produção das ideias e representações da consciência têm relação direta com a vida material e a comunicação entre os homens, é o processo histórico da sociedade e pessoal de cada um, que aparece refletido em seus ideais.

Se quando o trabalho de pesquisa sobre a personalidade autoritária foi desenvolvido, a fonte de informação fora entrevista e testagem com os interlocutores, e uma das formas de encontrá-los estava na disseminação de propagandas fascistas, com o advento das redes sociais a expressão ideológica encontra-se ao alcance de um clique, em espaço virtual aberto e passível de ser analisado. Portanto, um indivíduo que está engajado em uma rede social produzindo ataques a membros de minorias, que expressa suas opiniões e valores em suas publicações e essas, por sua vez, têm caráter autoritário, pode-se assumir qual a sua ideologia. Schwarcz, (2019) relembra que os governos autoritários no Brasil se apresentam através de uma

espécie de nostalgia ou passadismo que deseja retornar a um “bom tempo”, onde a família, sempre patriarcal e tradicional é referência de valores e moralidade. O que se percebe então são os diversos sentimentos morais que foram citados neste trabalho.

Também é necessário considerar que para que o fascismo funcione como um movimento político ele precisa de pessoas que o sustentem como tal. É, por esse motivo, que essa forma de ideologia lança mão das necessidades emocionais e de questões profundas e irracionais desses indivíduos, mantendo-os submissos e temerosos, mas também cooperativos e ativos. Torna-se necessário também, definir fascismo, ou o que se entende como tal. Há uma dificuldade teórica nessa tarefa, advinda da falta de consenso entre os estudiosos. Não obstante, para Roger Griffin (2019), de modo geral, o fascismo pode ser compreendido como um gênero de ideologia política autoritária cujo fundamento mítico, em suas diversas variantes, seria uma forma palingenética de extremo nacionalismo com viés populista. Ou seja, como ocorre com outras ideologias políticas genéricas, o fascismo pode se manifestar em uma grande variedade de formas, algumas muito diferentes umas das outras, que podem ser entendidas como membros de uma extensa família de variantes relacionadas à mesma forma ideal-típica. Mas, o mínimo denominador comum deste fascismo genérico pode ser encontrado em uma concepção de mundo, cuja ação política encerra um tipo de prática centrada na necessidade de catalisar energias populistas de renovação, de modo a favorecer o renascimento de uma ultra nação imaginada, mas que corre o grave risco da degradação e decadência moral. A palingênese é justamente o desafio de se inaugurar uma nova ordem política, através da ruptura com a “velha ordem”, seja em nível nacional ou civilizacional. Um desafio encampado por uma liderança carismática, que dissemina a propaganda de seu pretense sacrifício para salvar uma nação ameaçada.¹³

Porém, pode-se considerar fascismo através das paixões que o caracterizam. Essa é a posição do historiador Robert Paxton (2007), um dos principais intérpretes do fascismo. Dentre essas paixões estão o apelo à violência, o culto ao militarismo e a existência de um inimigo interno a ser eliminado. Traverso (2021) relembra que desde seu nascimento o fascismo une autoritarismo, conservadorismo e o anticomunismo, e que ele também só chega ao poder se apoiado as vezes de forma

¹³ Para aprofundar a discussão a partir de várias interpretações sobre o fenômeno do fascismo, ver a revisão sobre o tema realizada por Woodley (2010).

explícita e as vezes não, pelas elites tradicionais. Entretanto, o autor defende a necessidade de repensar a utilização do termo fascismo. Segundo ele, é inevitável lembrar o fascismo quando há uma ascensão da extrema direita em diversos países do mundo inteiro, e se fazem pertinentes as comparações históricas advindas desse fenômeno, pois apesar das diferenças existentes, tais como o culto ao mercado em detrimento do culto ao Estado, as propagandas como um todo e mais atualmente a utilização das redes sociais, ainda existem semelhanças como a forma como o líder carismático se apresenta aos grupos sociais e a lógica de transformação radical perante uma crise e o que seria considerado “velho”. É por esse motivo que Traverso (2021) busca diferenciar fascismo, neofascismo e pós-fascismo. Considerando o primeiro sua forma clássica e mais antiga, o segundo a tentativa de renovar, reestabelecer e perpetuar sua forma clássica, e o terceiro enquanto forma de fascismo atual, situada historicamente e que não apenas é um movimento composto e heterogêneo, mas também um fenômeno em transição.

A existência de um líder que se une de forma mística ao nacionalismo exacerbado, criando uma espécie de aliança com caráter ficcional, ao mesmo tempo que produz identificações com seus apoiadores passando a ocupar a posição de ídolo ou mito, seria uma das características presentes nas três formas de fascismo supracitadas (BRUNHARI, 2021; TRAVERSO, 2021). A abertura para produzir uma interlocução com a psicanálise encontra-se justamente nesse ponto. Lacan (1964/1998) relembra Freud e a formulação do pai da psicanálise acerca da relação entre o estado de paixão e a hipnose, que tem a identificação como processo fundamental. Já foi elaborado no capítulo 2 deste trabalho a relação entre identificação e as massas. O que há de novo em Lacan trata-se da ideia de “realidade ascendente”, onde ele considera a fascinação coletiva estudada por Freud, para falar sobre a sobreposição do objeto *a* ao lugar de ideal de eu, que seria, portanto, o que viabiliza que a massa construa identificação e constitua um líder. É justamente a idealização que fará com que o líder ocupe o lugar daquilo que é íntimo e que movimenta a massa, tendo como plano de fundo uma crise do sistema capitalista onde haja uma predominância conservadora (BRUNHARI, 2021).

É possível perceber essa lógica nas ações dos indivíduos. Entretanto, a ação do indivíduo não depende apenas da sua ideologia, mas de uma disposição de caráter nomeada por Adorno et al (2019) como personalidade. A psicanálise contemporânea

não utiliza o termo personalidade para determinar precondições psíquicas de um sujeito. Entende-se que existem estruturas psíquicas com suas formas de sofrer, amar, defender-se, etc., sendo elas: as neuroses (obsessiva e histérica), as psicoses e as perversões. Além disso considera-se a existência de três registros que se enlaçam das mais diferentes formas. São eles: o real, o simbólico e o imaginário. Não se trata, entretanto, de buscar qual a estrutura psíquica de um sujeito autoritário, muito menos de tentar determinar qual o enodamento dos três registros em questão, mas sim perceber como o ambiente social influenciou o desenvolvimento estrutural do indivíduo, o que vai gerar, por sua vez, as possibilidades de ação deste indivíduo sobre o ambiente social (FREUD, 1933; LACAN, 1970). A ação neste caso, será considerada como a postagem na rede social Twitter, já que como escrito anteriormente, há a formação de uma forma de contestação social em meios digitais, que se configura como uma ação coletiva, ou então como uma ação conectiva, com capacidade para mobilizar atitudes no mundo real como marchas, protestos entre outras formas de ação coletiva. Embora ela esteja centrada em meios digitais, ela não deixa de ser influenciada e muitas vezes gerada, por uma espécie de propaganda fascista presente não apenas na mídia clássica e tradicional de viés radical, mas parte dos canais de comunicação digitais e informais de cada político, já que a internet proporciona a ideia, não tão verdadeira assim, de que existe um diálogo com os políticos ou personalidades públicas em questão. Mais do que isso, o uso das mídias e das redes sociais atualmente reproduzem e repetem o mesmo objetivo que havia nas propagandas fascistas, ou seja, a massificação (ADORNO, 1915/2015; BRUNHARI, 2021).

3.4.2 A propaganda e agitação neofascista no séc. XXI

Em 1946 a propaganda fascista tratava-se de panfletos, publicações em jornais e revistas e entrevistas ou palestras transmitidas por rádio para o público. Os temas eram mensagens antissemitas e antidemocráticas produzidas por agitadores de vários lugares do mundo. Adorno (1946/1975) estudou os agitadores americanos. Segundo o sociólogo, essas propagandas tinham como característica principal uma forma de endereçar-se ao público que parecia personalizada. O autor da fala, gastava bastante tempo falando de si mesmo e, seus familiares, o que dava um tom de intimidade com o ouvinte, ao mesmo tempo que falava de sua audiência produzindo uma forma de

identificação com cada um. Apresentam-se como “lobos solitários” e pessoas extremamente íntegras, diferentes dos demais e que são, na verdade, mensageiros de algo melhor que adviria de sua presença na vida pública. Além disso, proclamam não terem interesse no poder sendo assim exemplos de modéstia e virtude. Em uma sociedade que esteja desacreditada de seus líderes e em crise, esse discurso passa a fazer muito sentido, mesmo dentre aqueles sujeitos que não possuem caracteres autoritários.

Lowenthal e Guterman (1949) em seu estudo sobre os agitadores fascistas salientam que o agitador se apresenta ao seu público como moralmente e intelectualmente superior, ao mesmo tempo que em suas atitudes, mimetiza o comportamento do público de modo a gerar uma sensação de identificação e pertencimento. Além disso os autores descrevem como esse perfil de ator político não costuma esperar publicidade de outros, eles a fazem por si mesmos, e se mostram como “pessoas de bem” que não têm nada a esconder e que na sua efusividade e tagarelice não aparentam ter limites. É alguém que não se inibe em suas opiniões, é direto no que diz e com frequência aparece como vítima de mal-entendidos e de contínua perseguição. Alguém, cuja retórica discursiva destaca permanentemente uma espécie de predestinação para cumprir uma missão. Alguém que não teme sacrificar a própria vida em prol da salvação da nação. Essas estratégias e características podem ser percebidas com clareza nos inúmeros materiais produzidos por Jair Bolsonaro em suas redes sociais, sejam elas quais forem. Lowenthal e Guterman (1949) também alertam para o já citado fato de que uma crise se torna o momento ideal para que o discurso dos agitadores seduza a massa, já que o líder se colocará como aquele que irá derrotar o inimigo que está produzindo o desconforto, ou seja, a crise. Ou seja, esses líderes nomeiam a si mesmos como revolucionários, advogados pela mudança, mas não agem dessa forma, não produzem nenhuma modificação na estrutura político-social, apenas reproduzem um discurso de ódio e ressentimento, fomentando cada vez mais a frustração relativa desse grupo que os escutam. Esse sentimento de frustração relativa que os agitadores exploram em seus discursos, pode muitas vezes parecer sem sentido, entretanto, eles são retirados da sensação de descontentamento da massa. Essas reclamações podem ser classificadas como: econômicas, políticas, culturais e morais. Além disso, esse perfil de líder aproveita o processo identificatório que ele provocou no grupo social em

questão e mobiliza sentimentos com seus discursos como por exemplo: desconfiança, o que abre espaço para as mais diversas teorias da conspiração, e a ideia de que ninguém é confiável; dependência, pois ele parte do pressuposto que seus apoiadores são passivos e se apresenta como protetor e como “um líder forte”; exclusão, onde desenvolve-se a contrapartida necessária para o ressentimento de classe, ou seja, a reprodução da lógica de que se algumas pessoas não tem algo, é porque isso lhe foi tomado; a ansiedade, pois pregam a iminência de um desastre que obviamente só pode ser parado por eles; e por fim a desilusão, geralmente presente em momentos de crise e descontentamento, o agitador promete acabar com esses agravos e dessa maneira, fazer justiça.

Pinheiro-Machado (2019) demonstra que essa estratégia de comunicação foi bastante utilizada pelo então candidato à presidência Jair Bolsonaro. Uma de suas estratégias de campanha, além das fake News e robôs de engajamento, foi a criação de grupos em aplicativos de conversa como o Whatsapp e Telegram, onde eram enviadas mensagens genéricas de áudios gravados por Jair, ou mesmo mensagens como “Oi, pessoal”, que criavam a ilusão de proximidade com o candidato. A sensação de que “Bolsonaro sabe meu nome”, como descreve a antropóloga, fez com que muitas pessoas, que estavam desiludidas com o cenário político da época votassem nele. Adorno (1950) havia percebido essa forma de se dirigir ao público e comenta que ela funciona como uma certa satisfação de desejos. Em suas palavras:

“Este é um de seus mais importantes padrões. As pessoas são deixadas à vontade, como se estivessem tomando posse de um narcótico; são aceitas com base na confiança, tratadas como uma elite, que merece saber seus obscuros mistérios, escondidos para quem está de fora. A bisbilhotice é ao mesmo tempo encorajada e satisfeita. (pág, 397)”

Pode-se inferir, portanto, que a sensação de liberdade de pensamento consequência dessa forma de comunicação da publicidade fascista e da lógica do agitador, resultam na possibilidade de cada sujeito sentir-se à vontade o suficiente para disseminar suas ideias. Na atualidade, onde as redes sociais deram espaço e voz, além de uma falsa sensação de anonimato, é possível ler diversos preconceitos, pensamentos antidemocráticos, dentre outras formas de autoritarismo. Há de se considerar o caráter de consumo que as publicações nas redes sociais produzem nos atores sociais, e é justamente esse caráter de consumo que proporciona a coesão entre eles. Então, é dessa maneira que o líder produz a identificação e se sustenta libidinalmente mantendo-se no poder.

Além disso, é preciso considerar que certa vaguidade a respeito dos objetivos políticos é intrínseco ao fascismo. Isso se deve, em parte, à sua natureza intrinsecamente ateuca, em parte ao fato de que seus seguidores acabarão sendo enganados. Os chefes fascistas devem evitar qualquer formulação que, mais tarde, eles precisem esticar. Também deverá ser notado que, relativamente às medidas terroristas e repressivas, o fascismo habitualmente vai além do que ele tinha anunciado. Autoritarismo significa desconhecer limites, não dar nenhum descanso para respirar, conquistar impondo domínio absoluto, exterminar totalmente os inimigos escolhidos. Perante esse significado fascista do que vem a ser "dinamismo", qualquer programa bem talhado funcionaria como limitação, uma espécie de garantia dada ao adversário. Essencial ao autoritarismo é que nada seja garantido, não se coloque nenhum limite a sua brutal arbitrariedade (LOWENTHAL; GUTERMAN, 1949; ADORNO, et all, 2019; SCHWARCZ, 2019).

O neofascismo, tem a mesma raiz do conservadorismo brasileiro, e segundo Schwarcz, (2019), embora a visão culturalista de Sérgio Buarque de Holanda não justifique os atuais acontecimentos, auxilia a entender como a lógica do confronto e do ressentimento que sempre permeou a história do país, entrando e saindo de cena ao longo dos anos, e que encontra em Jair Bolsonaro, um representante. Para a historiadora e antropóloga, os movimentos autoritários de hoje criam o que ela chama de "mitologia de Estado", onde a oposição passa a ser um grande inimigo a ser eliminado e que não permite a coexistência democrática. Esse discurso é permeado de jargões e preconceitos que engessam os indivíduos e produzem uma dicotomia de pensamento que interfere na vida pessoal e política de todos. É possível perceber, portanto, a existência de um denominador comum fundamental, entre o tempo passado e o hoje, que é uma profunda crise econômica de natureza estrutural que drena e corrói a esperança de segmentos das classes trabalhadoras, bem como de segmentos das camadas médias em um futuro melhor. Essa crise econômica estrutural concorre para deslegitimar o sistema político institucionalizado favorecendo o surgimento da liderança carismática de extrema-direita que identifica mediante um discurso plasmado por significantes vazios várias figuras que podem desempenhar a função de bodes expiatórios suscetíveis de culpabilização pelos males da nação.

3.5 Conclusão

A ideologia conservadora, portanto, faz parte da construção do Brasil como um todo, estando mais ou menos presentes nos diferentes momentos históricos que remontam essa nação. A visão de mundo disseminada por essa ideologia permanece praticamente a mesma desde Edmund Burke e tem como características uma forte ligação com pensamentos religiosos, resultando em uma visão naturalista de assuntos como desigualdade social, por exemplo. Além disso, é antirracionalista, antidemocrática e bastante pragmática. Outro autor conservador de grande influência é Roger Scruton, cuja obra influenciou diretamente o falecido “guru” de Jair Bolsonaro, Olavo de Carvalho (1947-2022) e que, portanto, estrutura a agência desse grupo.

Esse pensamento que pretende legitimar a ordem existente da organização social e que garante a permanência dos privilégios é, obviamente dominante nas classes com maior poder aquisitivo, entretanto, como demonstra Bourdieu (1975), pessoas de camadas mais baixas da sociedade reproduzem essa mesma forma de pensamento, tornando-se assim conservadoras. Sabe-se que o eleitorado que elegeu Jair Bolsonaro como presidente em 2018 é composto por pessoas de diferentes e variadas camadas sociais, com diferentes graus de instrução, mas que possuíam um discurso em comum de luta contra a corrupção, e que hoje, como foi comprovado acima, tratava-se de uma espécie de máscara que encobria preconceito e ressentimento, ambas categorias que serão trabalhadas nos capítulos seguintes.

Dessa maneira, podemos concluir que a pequena mobilidade social e desenvolvimento econômico que aconteceu durante os governos petistas tiveram como consequência a reorganização e mobilização de setores das classes médias de perfil conservador no país, que estavam presentes nos protestos realizados ao longo de 2013 e mobilizaram protestos entre 2014 e 2016, além de estarem presentes em uma forma de ação conectiva em redes sociais como o Twitter e Facebook. A mídia corporativa, por sua vez, aparece na história brasileira como personagem fundamental já que auxiliou a construir e disseminar a narrativa de que a operação Lava-Jato se constituía como um movimento contra a corrupção, que a presidenta Dilma haveria cometido um crime de responsabilidade, inclusive transmitindo ao vivo a lamentável votação do *impeachment*, além da forte campanha contra o partido dos trabalhadores, principalmente contra o presidente Lula.

Esse clima político polarizado e de grande crise tornou o cenário ainda mais favorável para que Jair Bolsonaro chegasse ao poder. As pautas deste político sempre se mantiveram as mesmas desde o começo de sua carreira como político quando foi vereador do Rio de Janeiro em 1992. Extremamente radical, de direita, contra a democracia e defensor dos militares, antirracionalista, homofóbico, misógino e agressivo, seus pronunciamentos, posicionamentos, escolhas políticas, *tweets*, fazem coro com o pensamento de uma direita conservadora ressentida que encontrou nele um porta-voz, como foi possível perceber nas publicações expostas neste trabalho.

4. RESENTIMENTO E SUAS DIMENSÕES

*“Bem que eu me lembro da gente sentado ali
Na grama do aterro, sob o sol
Observando hipócritas
Disfarçados, rodando ao redor.
Amigos presos, amigos sumindo assim
Pra nunca mais
As recordações, retratos do mal em si”
Gilberto Gil*

4.1. Introdução

As redes sociais são compostas de pessoas, que expressam nelas seus sentimentos, ideologias, compartilham informações pessoais, dentre outras formas de manifestação que são próprias do gênero humano. Ao se tratar de eventos de âmbito mundial ou de situações particulares de um país, como suas eleições e processos políticos, as redes também são usadas como local opinativo e de expressão. Ou seja, as redes sociais constituem o meio utilizado para expor algumas rumações rancorosas produzidas por um desconforto. O ressentimento é uma das categorias que pode ser percebida com maior evidência nesses processos. Trata-se de entender, portanto, o ressentimento não apenas como uma característica psíquica desenvolvida pelos sujeitos em questão, mas uma forma de relacionamento social que tem estrutura e dinâmica passíveis de serem localizadas na cultura e na história social. Neste capítulo será feita a revisão do conceito de ressentimento, a partir de sua elaboração na filosofia por Nietzsche e culminando com sua recepção na teoria sociológica clássica e contemporânea. A seguir será desenvolvido o argumento de que o ressentimento, como sentimento moral, apresenta-se em uma sociedade onde o princípio da igualdade formal preconizado pelas democracias liberais é continuamente contestado pela persistência de múltiplas desigualdades. Se faz necessária, também, a diferenciação conceitual entre o termo *resentment* e *ressentiment*, termos em inglês e francês respectivamente, que traduzem dois entendimentos sobre a diferença na ação de indivíduos de diferentes classes e ideologias perante a desigualdade social.

4.2. O ressentimento como sentimento moral

Friedrich Nietzsche foi um dos filósofos que mais se debruçou sobre o tema em muitos momentos de sua obra, mas principalmente no livro intitulado “Genealogia da Moral”. Embora o tema também tenha sido explorado por outros autores, o alemão ocupa um lugar de destaque. Na obra citada, o filósofo vai se propor a descobrir como as ideias de bom e mau, bem e mal, se modificaram ao longo do tempo. Entretanto a contraposição que aparece na obra do autor não é o bem contra o mal, mas sim os fracos contra os fortes. Ou seja, há os indivíduos que desejam e aqueles que se submetem. Nesse sentido, a moral do mestre foi substituída pela moral dos servos, esta, por sua vez, tem o próprio ressentimento como criador de valores. O ressentimento, então, está ligado a um não conseguir agir, uma impotência. Logo, o sentir-se fraco e a incapacidade de responder ao agressor é o motivo que Nietzsche caracteriza como “qualidade dos escravos” o que torna o ressentimento uma característica dos fracos. Além disso, para Nietzsche, a memória é uma espécie de doença e o ressentido, por sua vez, sofre da memória reiterada do agravo que acredita ter sofrido, como se estivesse impedido de esquecer, ao mesmo tempo em que sua reivindicação ressentida se trata de uma demanda dirigida ao rival de que ele não seja forte. Por fim, o sofrimento do ressentido advém da inveja criada pela percepção de que os “fortes”, ou seja, aqueles que não recuam diante da vida, vivem, ao contrário dele, e não se reconhece como responsável por seu prejuízo (NIETZSCHE, 1887/1998).

É claro que além das questões psíquicas, como o sentimento de culpa e o masoquismo, explorados pelo filósofo, em relação ao ressentimento, ele também percebe o Estado como um ator importante. Para Nietzsche, o Estado coloca o homem sob a sua tutela, transformando-os em seres ativos e culpados, ao exigir que renunciem seus instintos vitais em troca de proteção. A civilização, ou seja, a interiorização dos mais primitivos instintos de dominação e destruição, passam a se voltar contra os próprios homens gerando culpa e má consciência e justamente aí que a moralidade encontra um espaço fértil para a sua disseminação e o entendimento do autor de que não existe verdade filosófica que não dependa de alguma moralidade. Além disso, a moralidade é considerada por ele uma invenção dos derrotados. O grande exemplo que ele desenvolve está na moralidade cristã, já que esta prega que

a ideia de bem está do lado de quem sofre e é fraco, e o mal, do lado dos fortes. É como se existisse, então, uma espécie de “vingança espiritual”, já que o ganho por estar situado no lado do bem estaria no além morte (NIETZSCHE, 1886/2003; NIETZSCHE, 1887/1998).

Deleuze (1962/1976) explora a noção de ressentimento em Nietzsche, ampliando a noção deste conceito. Para o autor o ressentimento acontece quando as forças reativas se tornarem preponderantes às forças ativas, isso quer dizer que o homem do ressentimento não reage, e a reação que deveria ser possível torna-se sentimento. Além disso, o autor faz a interlocução entre psicanálise e filosofia ao perceber que tanto para Freud quanto para Nietzsche, a fonte de sofrimento do ressentido seria justamente a memória e que para ambos diz respeito a duas memórias, uma consciente e outra inconsciente. A memória a qual se liga o ressentido diz respeito a primeira, e que o coloca em uma posição de almejar por uma vingança, já que não consegue esquecer-se de nada. Diz Deleuze (1962/1976, pág 76) que a vontade de vingança tem grande relação com a não capacidade de ter reagido perante um agravo, independentemente do montante de energia que esse fato possa ter gerado no indivíduo. Ou seja, o ressentido é alguém que não reage, ao mesmo tempo em que culpa o mundo por seu prejuízo, mantendo-se em uma ruminação rancorosa que ataca o objeto em questão. Mais do que isso, como explica o autor, a vingança para o ressentido não é uma meta, mas sim um meio. Há uma vontade de vingar-se, e o ressentimento sentido é a revolta propriamente dita e o triunfo dela, ou seja, é a vitória do fraco enquanto fraco. Então:

“O homem do ressentimento não sabe e não quer amar, mas quer ser amado. Quer ser amado, alimentado, dessedentado, acariciado, adormecido. Ele, o impotente, o dispéptico, o frígido, o insonioso, o escravo. Por isso o homem do ressentimento mostra uma grande suscetibilidade: face a todos os exercícios que é incapaz de realizar, estima que a menor compensação que lhe é devida é justamente a de recolher um benefício. Considera, portanto, como prova de notória maldade que não o amem, que não o alimentem. O homem do ressentimento é o homem do lucro e do proveito. Mais ainda, o ressentimento só pôde impor-se no mundo fazendo triunfar o lucro, fazendo do proveito não apenas um desejo e um pensamento, mas um sistema econômico, social, teológico, um sistema completo, um mecanismo divino” (DELLEUZE, 2001, pág 78).

Além disso, a ruminação rancorosa que contém a imputação de erros a outros, a distribuição de responsabilidade e as acusações perpétuas tomam lugar da agressividade que faria com que o sujeito agisse. Porque ele considera o seu ganho

subjetivo um direito, e por tirar proveito de suas não ações, o que o ressentido consegue fazer é disseminar seu rancor em forma de reprovações, entre outras.

Max Scheler (1993), por sua vez, é o autor que faz com que “ressentimento” adquira o status de um conceito, ao mesmo tempo que desenvolve suas ideias partindo de uma crítica à Nietzsche e à noção do filósofo alemão acerca da moralidade cristã. Para Scheler, a moralidade cristã vinha sendo substituída pela moralidade burguesa tendo seu ápice na Revolução Francesa em 1789. Entretanto, o autor reconhece que os preceitos da moral cristã são bastante suscetíveis ao ressentimento. Em suma, o ressentimento seria então uma experiência de auto envenenamento psíquico, onde há uma sede de vingança jamais satisfeita e que por esse motivo se torna reprimida ao mesmo tempo em que cria a sensação de impotência, resultando em uma distorção de valores e na capacidade de construir julgamentos. Além disso, bem como para Nietzsche, a inveja e a competição também podem ser fontes primárias do ressentimento. A novidade em Scheler encontra-se em sua análise sobre a paixão, que proporciona um maior entendimento acerca do ressentimento político ou econômico, que escolhemos chamar nesse trabalho como “ressentimento de classe” (FANTINI; MORUNO; MOSCOSO, 2013).

A estrutura social promove e perpetua o ressentimento, ou seja, quanto mais democrática e igualitária for uma sociedade, menor será o ressentimento. Entretanto, ele percebe que em uma sociedade onde há um discurso que prescreve uma igualdade de direitos que não se efetiva na prática, sendo poder, educação e riqueza desiguais, o ressentimento ainda será notável: “*La sola estructura social — prescindiendo enteramente de los caracteres y experiencias individuales — implica aquí una poderosa carga de resentimiento.*” (pág 21). Em relação à democracia, existe neste autor uma diferenciação importante entre *democratism* e *democracy*¹⁴. *Democratism* seria uma convicção social de que uma maioria destacada de todos os grupos sociais existentes em uma sociedade, determina seus valores e normas. *Democracy*, por sua vez, descreve o partido onde aqueles que fazem parte, decidem comprometerem-se em aumentar a igualdade e a equidade social com foco em um estado de bem-estar social. Entretanto, isso se faz de diferentes formas, considerando

¹⁴ Os termos serão mantidos em inglês pela falta de palavra na língua portuguesa que os traduza adequadamente.

a influência das diferentes culturas, embora o foco final seja a busca por uma diminuição da desigualdade social (FANTINI; MORUNO; MOSCOSO, 2013).

Scheler (1993) também desenvolve a ideia de “sistema de concorrências”, que seria a consciência de uma suposta inferioridade que estabeleceria também o ressentimento, impossibilitando uma conduta ativa. Mais do que isso, esse sistema mobiliza certas reivindicações de conquistas que deveriam acontecer de forma meritocrática, expondo parte dos valores da sociedade do mercado. Dentre as consequências encontradas por ele está a desestabilização da ordem social, por estabelecer uma certa mobilidade permanente e sem fim, onde o tempo de cada um, indivíduos e grupos sociais, é capturado pela ideia de progresso. Há também a criação de uma insatisfação constante, que perpetua justamente a lógica capitalista de mercado, e por fim, a última consequência seria a transformação de tudo que existe em mercadoria, ou objeto de troca. Essa é justamente a essência do espírito capitalista.

A psicanalista Maria Rita Kehl (2007) propõe-se a realizar uma articulação entre o conceito de ressentimento em Nietzsche, Scheler e a psicanálise. É nesse sentido que a autora explica que a má consciência, em Nietzsche, seria a contrapartida necessária do ressentimento. A culpa que o ressentido insiste em atribuir a um outro, que ele acredita responsável pelo agravo, é a face manifesta do sentimento inconsciente de culpa que o “envenenamento” que poderíamos qualificar como “sócio psíquico” – o retorno das pulsões agressivas sobre o eu – produz. O ressentido seria um vingativo que não se reconhece como tal. Apesar de existir uma dimensão individual do sujeito entendido como ressentido, este trabalho visa debruçar-se sobre a dimensão social do ressentimento, seus diferentes tipos e funções dentro da sociedade. Para tanto, a autora retoma Scheler (1912/1958), pela percepção deste, de que o ressentimento está presente em uma sociedade desenvolvida que sendo fundada sobre uma noção simbólica de igualdade que não se efetiva, produzindo o sentimento de que a desigualdade é uma injustiça. Ou seja, a estrutura social é carregada de uma importante carga de ressentimento.

Max Weber, por sua vez, também se debruçou sobre a questão do ressentimento quando estudou o comportamento econômico judaico. Segundo Tuinen (2011), o sociólogo parte de um conceito chamado “teodiceia dos desprivilegiados”, que seria a fonte do ressentimento, no caso dos judeus e que diz respeito a um

sentimento de ausência de autenticidade e merecimento entre os desprivilegiados. Entretanto, Weber considera essa uma característica não apenas dos judeus, mas também de grupos religiosos e seculares. Apesar disso, Tuinen (2011) explica que ele não enfatiza o seu estudo em relação a impotência que envolve o ressentimento, mas se debruça sobre os grupos de status, as relações de dominação e o conflito social. É por esse motivo que em “A sociologia da religião”, Weber (1966) sugere que o ressentimento é uma consequência da oposição entre não privilegiados contra a classe dominante, onde a ideia de uma ilegalidade de privilégios é entendida como causa da desigualdade. É interessante perceber que o ressentimento não aparece em qualquer religião, estando ausente, por exemplo no hinduísmo e no budismo, segundo o autor, porque essas religiões têm o entendimento de o que o sofrimento é causado por si mesmo, em função de suas atitudes, o que produz uma certa interlocução com o pensamento nietzschiano e suas relações entre ressentimento e a moral cristã. Tuinen (2011) considera a hipótese de que há presença de ressentimento no budismo em relação à entrada das mulheres na religião, que ele chama de feminização do budismo, pois significaria uma certa perda de poder para os homens, e em relação aos leigos e analfabetos, tendo como oposição os monges educados e de vida contemplativa. De qualquer maneira, o que fica exposto nessa hipótese é justamente a lógica operada pelo ressentimento nas questões de grupos.

É possível entender, então, que o ressentimento na sociedade contemporânea está associado diretamente à fluidez das relações hierárquicas de status, ou seja, as características sociais de classe não são relevantes a menos que estejam em processo de mudança onde apareça um conflito. Alinhado a isso está a lógica capitalista de consumo, já que o ter e a exibição de riqueza e status se constituem como caracteres de distinção, que podem passar a causar naqueles que antes detinham exclusividade de acesso desses bens, profundo ressentimento pela classe considerada “inferior”. Isso pode ser chamado de mercantilização da vida cotidiana em que tudo, inclusive o sujeito, torna-se uma mercadoria (TUINEN, 2011; TURNER, 2014). Para seguir o desenvolvimento teórico acerca do ressentimento de classe, é preciso considerar o trabalho do sociólogo Norbert Elias. Elias (2000), em sua obra “O processo civilizador” construiu uma linha do tempo histórica que remonta à saída do feudalismo à entrada no capitalismo. O surgimento da classe burguesa coincide com o declínio da aristocracia e provoca uma mudança de costumes nas diferentes

classes. É nesse momento que o controle das emoções passa a ser o *habitus* da cultura burguesa, disseminado até os tempos atuais. Ainda que essa nova classe social busque imitar o comportamento da elite, é imposto, pelo pensamento conservador e liberal, o ideal de cidadão ativo que não se efetua na realidade, já que havia em seu lugar uma burguesia e classes menos favorecidas extremamente passivas. Neste ponto o autor situa a religião como parte importante do estabelecimento dessa nova moral, que coincide com a formulação do filósofo Nietzsche sobre a moral do escravo e conseqüentemente no ressentimento. Ou seja, Elias (2000) entende que as distinções de *status* e as noções de prestígio social são complexas e se diferenciam nos variados estratos de sociedade, também em razão das transformações que ocorrem na sua estrutura fazendo surgir o ressentimento. Além disso, referenciando Sigmund Freud (1930/2017), o autor concorda com o psicanalista que a repressão do que Freud nomeia como *trieb*, produzem um mal-estar que pode aparecer na forma de diversos sintomas, dentre eles o ressentimento.

Entretanto, para além do ressentimento do cidadão burguês, é possível passar a desenvolver a ideia de um ressentimento de classe, já que ele está intrinsecamente ligado à estrutura social que começa a se formar com o capitalismo e posteriormente com a sociedade democrática de direito, como escrito anteriormente. Essa ideia aproxima-se da “teodiceia dos desprivilegiados de Max Weber citada anteriormente. O conceito de ressentimento em Weber, portanto, vai estar pautado na disputa de classes e entende a classe desprivilegiada como “ressentida”, a partir da desigualdade que perpassa a estrutura social (TURNER, 2014). Barbalet (1992) por sua vez, define ressentimento como uma percepção emocionada de vantagens que não aparentam ser merecidas. Essa noção, afasta-se da de Nietzsche e inclui a dimensão dos relacionamentos sociais e de classe, tais quais disserta T. H. Marshall. Sobre o conflito de classes, Marshall (1938), entende que o antagonismo entre classes é uma forma de ressentimento contra a desigualdade. Isso é dizer que os privilégios de algumas classes produzem uma desigualdade de oportunidades o que por consequência levam à frustração e mais profundamente ao ressentimento. O ressentimento de classe para esse autor, portanto, colocaria a responsabilidade do sentimento de injustiça sentido por um grupo ou classe social, a alguém de uma classe superior que possui privilégios.

Elias (2000) contribui ainda com o debate acerca do ressentimento, explorando a dimensão identificatória, já explorada no capítulo 2. Entretanto, torna-se necessário

retomar esse ponto, pois para o autor, a identificação das situações sociais são transmitidas entre gerações e é um ponto importante na criação de uma espécie de herança ressentida dos chamados *outsiders*, quando esses identificam-se à posição de rejeitados socialmente. Essa formulação de Elias é a afirmação do trabalho realizado pelo autor sobre o caso alemão (1997), onde ele demonstra que a imagem que os alemães construíram de si mesmos estava pautada em um ideal que não se fazia real e que contribuiu para que o orgulho nacional de seus cidadãos fosse contraditório e tivesse suas flutuações. O ressentimento, unido a outros sentimentos como o de inferioridade e a sensação de humilhação coexistiu paradoxalmente com a ênfase dada a sua grandeza e poder militar, principalmente depois de 1871 com a vitória sobre a França na guerra franco-prussiana, e essa lógica, segundo o sociólogo, permanece similar após as grandes guerras no século XX protagonizadas pela Alemanha.

É preciso considerar neste aspecto a história da Alemanha, e a importância que o Primeiro Reich tem na história deste povo. Considerando que a palavra equivalente a Reich em outros idiomas, como o francês e a língua inglesa britânica, seria *empire*, ou seja, império, o primeiro Reich remonta ao Sacro Império Germânico (962-1806) a palavra em si, presumiria uma perda de *status* do povo alemão na comparação com a França e a Inglaterra. A autoimagem do povo alemão, portanto, coincide com uma ideia de poder e potência iniciais que vai perdendo a coesão e encolhendo ao longo do tempo. A Alemanha só volta a crescer novamente de modo a atingir uma forma próxima do Primeiro Reich durante ao processo de unificação alemã, constituindo um Segundo Reich (1871-1918). Entretanto, com a derrota na primeira Guerra Mundial, e com o estabelecimento do Tratado de Versalhes, a Alemanha sofre uma nova derrota perante o mundo. Não ao acaso, o terceiro Reich exerceu tanto fascínio sobre o povo, já que se desenvolve a partir de um certo ressentimento contra as outras nações e que promete devolver aos alemães uma grandeza que em tese lhes seria de direito e que foi tirada “injustamente” (ELIAS, 1997).

Identificação e ressentimento se entrelaçam, já que ambos dizem respeito a uma adesão de pensamento, sentimento e ação nacionalista, desenvolvendo um comportamento de servidão em relação ao líder com o qual se identificam. Esses líderes, por sua vez, disseminam ideias nacionalistas, moralistas, defendem idiosincrasias e antagonismos em relação a povos estrangeiros, produzindo a ideia

de que o outro é um inimigo que precisa ser eliminado (ELIAS, 1997). Para Elias (1997) é justamente essa lógica que contribui para haver uma espécie de “desejo de submissão” nos alemães, e mais:

“Por exemplo, o “desejo de submissão” é muitas vezes suplementado por um “desejo de agressão” numa outra direção. A hostilidade, que é bloqueada da consciência e expressão em relação a superiores poderosos, pode mostrar-se como ressentimento ou ódio contra pessoas que são, ou parecem ser, socialmente inferiores ou mais fracas.” (ELIAS, 1997, pág. 155)

É dessa maneira que os judeus e tantos outros povos sofreram e sofrem em governos autoritários, ocupando o lugar de “bode-expiatório” construído por ideais nacionalistas e ressentidas do Terceiro Reich em 1933.

Barbalet (1972) demonstra que a classe trabalhadora com frequência apresenta uma dualidade em seu senso coletivo e sua noção individual. Ele assevera que ao mesmo tempo em que esses homens são bastante voltados ao coletivo, sentem-se desvalorizados e não reconhecidos por seus sacrifícios em sua posição social. O autor entende que embora a origem desse tipo de ressentimento sejam as relações de classe, também é necessário que o sujeito tenha uma certa disposição psíquica para tanto, o que envolve sentimento de culpa. Além disso, o autor percebe que esse ressentimento não produz ações coletivas ou protestos políticos. Turner (2014), diz que além do conflito entre classes, o fato de na atualidade existir menor solidariedade comunitária, o declínio dos sindicatos, a terceirização do mercado de trabalho, as precarizações nas relações trabalhistas, e a própria globalização, resultam em classes menos organizadas politicamente e de alguma maneira vulneráveis a ideias extremistas e radicais.

Entretanto, entende-se que o contexto brasileiro explora uma dimensão diferente. GETHIN e MORGAN (2018) demonstram que durante os governos do Presidente Luís Inácio Lula da Silva e da Presidente Dilma Rousseff, as políticas de bem-estar social geraram considerável melhora nas condições de vida dos mais pobres, ainda que tenha beneficiado indiretamente a elite brasileira. Entretanto, foram governos que de alguma forma negligenciaram as classes médias. Ou seja, no contexto brasileiro a lógica operada é a mesma, mas no sentido contrário. As classes médias sentiu-se ameaçada de perder os seus privilégios em razão das políticas de bem-estar social e inclusão pelo consumo feita pelos governos petistas. Nesse aspecto, o ressentimento das camadas médias e da elite brasileira, parece ter sido o

ponto de partida para o encantamento com a propaganda conservadora com viés autoritário de Jair Bolsonaro, já explorada no capítulo 3 deste trabalho.

4.2 Uma dimensão simbólica da desigualdade: o ressentimento

O ressentimento no contemporâneo, segundo Kehl (2007), nasce a partir da promessa de uma igualdade que não se cumpre. Nesse sentido, um Estado que seja paternalista promove justamente a ideia de que haverá um pai que resolverá os problemas da população. Então, gera-se uma passividade do sujeito contemporâneo que acaba por não se responsabilizar por aquilo que lhes acontece. É aí então que surge o ressentimento. O ressentimento para a autora é uma constelação de sentimentos que faz o sujeito entender que os outros são responsáveis pelo mal que lhes aflige. Barbalet (1992) por sua vez entende o ressentimento como um sentimento experienciado pelos atores sociais quando algo lhes é negado como, por exemplo, status, oportunidades ou recursos materiais. Da mesma forma, KOENIS (2018) atribui o ressentimento como uma consequência da democracia. O autor separa o conceito em três tipos. O “*elite-resentment*”, “*envy-resentment*” e “*disenchantment-resentment*”. O primeiro diz respeito a um sentimento desenvolvido no conflito de classes presente entre burguesia e proletariado. É um tipo de ressentimento que vai depender de como se dá o trabalho político propriamente dito das instituições de governo. Ele vai estar presente nos diferentes espectros políticos de um país, tendo seu aumento e diminuições em um grupo e outro dependendo do governo eleito. O segundo vai estar mais próximo do conceito desenvolvido por Nietzsche e Scheler, centrando-se na promessa de igualdade existente na forma democrática de governança e na sua comparação com a iniquidade e desigualdades presentes em cada país. Ele está diretamente ligado ao capitalismo e às exigências mercadológicas presentes nessa forma de pensamento econômico. O terceiro, segundo Koenis (2018), é uma forma endêmica de ressentimento manifestado a partir de questões culturais, abrindo debates sobre nacionalismo, globalização, entre outros fenômenos.

Esse entendimento é similar aos de Scheler e Kehl, também quando o autor retoma uma analogia feita por Slavoj Žižek (2020) em uma entrevista acerca do conceito de democracia. Para o autor, a lógica democrática de produção de quando o que aparece no social é iniquidade. O ressentimento, seria, portanto, a consequência

criada quando a promessa de igualdade e equidade não se faz realidade. Ainda assim, um assunto como democracia não pode ser visto de uma maneira simplista. Os próprios conceitos de democracia e ressentimento convocam a um estudo mais complexo desta temática. É interessante ressaltar que esse entendimento de que algo foi negado ou retirado não precisa ter (e muito possivelmente não tem) confirmação concreta na realidade. Nesse ponto estão em questão fatores inconscientes. Engels (MARX & ENGELS, 1982) em sua carta¹⁵ a Franz Mehring fala sobre a falsa consciência, incluindo nela forças impulsionadoras (*triebkräfte*), portanto, esses sentimentos morais que se impõem no social têm relação direta com o inconsciente de cada sujeito. É importante ressaltar que o objeto de estudo neste trabalho não se trata do inconsciente do sujeito, mas sim o que se faz presente na construção e formação do laço social e da cultura. Entretanto, a validade de falar de inconsciente no trabalho parte do princípio que o próprio inconsciente, apesar de individual, tem em si um aspecto cultural indissociável.

Então, torna-se necessário explorar o conceito chamado “ressentimento de classe”, e suas implicações no comportamento político do grupo social que vem sendo estudado. O ressentimento como um conjunto de sentimentos morais, parte, diversas vezes da noção de frustração relativa, já mencionada no trabalho. Para Neveu (2000) o estudo do comportamento coletivo revela que muitas mobilizações acontecem por meio de uma *psicosociologia* da frustração social consequência da existência de aspirações sociais importantes e desejos que acabam sendo frustrados. Para Gurr (1970) a frustração relativa é um estado de tensão entre uma satisfação esperada e rejeitada, que gera um grande descontentamento e violência. Essas satisfações, para o autor, têm relação direta com o que o indivíduo entende como seu por direito em relação a sua condição e situação social. As expectativas adviriam de quatro fontes: condições passadas, ideais abstratos, padrões de um líder e grupos de referência. Essa lógica seria manifestada, portanto, por sentimentos como despeito, inveja, cólera e insatisfação e ela é relativa porque depende de estar inserida em uma lógica de comparação (GURNEY; TIERNEY, 1982).

Raymond Boudon (1982) chama a atenção para o fato de que o sentimento de frustração relativa não é direcionado a qualquer um, mas sim para alguém que não

¹⁵ Carta de Friedrich Engels à Franz Mehring de 14 de julho de 1893.

esteja incluído no grupo de referência do qual fala Gurr. Para Boudon (1982), há mais um sentimento envolvido, chamado de *feasibility* (viabilidade em tradução livre). É em razão deste sentimento que o sujeito pode sentir desconforto quando alguém de situação financeira similar ou pior consegue alguma conquista, do que quando percebe alguém de situação financeira maior conseguindo outras conquistas, por sua vez, muito maiores. Nesse sentido pode-se recuperar o argumento explorado do capítulo dois deste trabalho, quando se argumentou sobre as classes médias brasileiras, e a sua “frustração relativa” em relação aos governos petistas. É justamente a partir do sentimento de “frustração relativa” que há o espaço para o desenvolvimento de um ressentimento de classe. Bourdieu (2007), identifica o ressentimento como fenômeno coletivo socialmente construído a partir do desencontro entre as expectativas de classe e a sua efetivação concreta. Em suas investigações, Bourdieu se deparou com um sentimento de desilusão compartilhado pelos estudantes franceses derivado do fato de se considerarem fadados a obter menos qualificações escolares do que teriam obtido os estudantes diplomados da geração anterior. A lacuna entre as expectativas dos estudantes formados (expectativas socialmente construídas) e as possibilidades concretas de realização efetiva destas expectativas concorria para a produção de um sentimento de “frustração relativa”. Esse sentimento de frustração compartilhado pelos estudantes daquela geração teria alimentado sua indignação catalisando a mobilização estudantil no movimento de protesto de maio de 68. Nesse aspecto, nos deparamos com um ressentimento que não se limita a uma ruminação passiva e rancorosa sobre as oportunidades perdidas, mas que se configura em uma forma ativa como um sentimento de indignação.

“A desqualificação estrutural que afeta todos os membros da geração, levados a obter de seus diplomas um resultado bem menor do que aquele que teria sido conseguido pela geração precedente, encontra-se na origem de uma espécie de desilusão coletiva que predispõe essa geração enganada e desiludida a estender, a todas as instituições, a revolta mesclada de ressentimento que lhe inspira o sistema escolar. Essa espécie de humor anti institucional (que se alimenta de crítica ideológica e científica) conduz, no limite, a uma espécie de denúncia dos pressupostos tacitamente assumidos da ordem social, a uma suspensão prática da adesão dóxica aos desafios que ela propõe, aos valores que professa e à recusa dos investimentos que são a condição de seu funcionamento.” (BOURDIEU, 2007, pág. 136)

François Dubet (2020) relembra o entendimento de Tocqueville acerca do aumento da frustração relativa conforme diminuíssem as barreiras de classes na sociedade americana, para reiterar o quanto as comparações têm lugar decisivo na geração de uma “frustração relativa” e portanto, no ressentimento. O autor traz como exemplo os adolescentes de uma escola que a primeira vista parecem todos iguais, mas quando questionados acerca da sua igualdade, evidenciam desigualdades e diferenças não perceptíveis em um primeiro momento, mas que para eles são decisivas. Essas diferenças, em geral, têm relação com objetos de consumo, bem como quando são avaliadas outras situações como lugares de trabalho. A saída da “frustração relativa individual” para uma “frustração relativa coletiva” que desemboca em um ressentimento de classe está justamente em sentimentos comunitários que tem como base interesses comuns e que com identidades compartilhadas conseguem ir além em suas frustrações. Além disso, para Dubet (2020), a “frustração relativa” e o sentimento de injustiça só se tornarão ressentimento quando a narrativa social do momento não construir para esse grupo algum sentido que norteie esses sentimentos. Alguns *tweets* encontrados elucidam as ideias expostas acima: “*Deve-se educar o povo. Discurso social é bonito, mas inviável na prática. #SemMassaDeManobra #BoraTrabalhar*”; “*a guerra contra o marxismo cultural, gramscismo é infinita e não há vitória, exceto na morte, infelizmente*”; “*Essa esquerda tem que ir passar fome na Venezuela, Cuba.*”; “*o legado do PT é a grande dívida pública em prol de programas sociais. Tudo p/ garantir voto.*”; “*Quando você procura quem critica (bolsonaro), os perfis são: Viciado, Viado, Sapatona, Ladrão, Traficante, defensor de bandido.*”; “*se for professores q ensinam comunismo e socialismo, achando q isso é bom, merecem apanhar*”; “*pior merda q aconteceu no Brasil: fim da ditadura! Só baderneiro esquerdinha não gosta!*”; “*por um país melhor sou a favor do BRILHANTE tempo da ditadura, naquele período os vagabundos não tinha direito!!!*”; “*DIREITOS HUMANOS VEIO DO FUNDO DO INFERNO E AINDA ESTA FAZENDO NO BRASIL TODOS OS TIPOS DE ESPERIMENTOS DO MAU E DA DESGRAÇA.*”; “*Infelizmente como contribuinte nosso dinheiro está sendo empregado na desmoralização da família...*”; “*Esse gov gay e ainda temos que aceitar essa turma de anormais.*”; “*Esses inuteis, mamadores do dinheiro publicos, depois vêm falar de democracia e não ao preconceito*”; “*se preocupe c 60% da população que é pobre neste país, eles não pensam em LGBT, nem tão pouco em direita e esquerda, SÓ ISSO*” (sic).

Torna-se inevitável considerar que as conquistas femininas dos últimos anos, suscitam nos grupos conservadores, sentimentos de “frustração relativa” e ressentimento, já que as mulheres, embora ainda longe do ideal, tem maior liberdade. Essa forma específica de manifestação do ressentimento, aparece com clareza em *tweets* como esses, na ocasião em que Jair Bolsonaro estava respondendo um processo administrativo, por quebra de decoro parlamentar, quando disse à deputada Maria do Rosário que ele não a estupraria porque ela não merecia. Em sua página no Twitter ele publicou:



4:07 PM · Jun 21, 2016 · Twitter for iPhone

Figura 9

As respostas a essa postagem são: *“essa mulher é uma tosca, mal amada...temos que falar a verdade, doa a quem doer! Mulher hipócrita”*; *“Ele falou a verdade eu também não teria coragem de estuprar ela. Essa feiura ta livre de um estropo”*; *“Essa mulher deveria ser cassada...ela está ocupando um cargo político somente para defender os bandidos. #foramariadorosario”*; *“Esquerdalhas e feminazis podem se rasgar pq a vdd vai prevalecer. Bolsonaro ã acoberta bandido como ela. #SomosTodosBolsonaro”*; *“mulheres mal-amadas, porcas, fracassadas etc...”*; *“Vai depilar o sovaco, nojenta!”*; *“Feminismo é doença. Basta ter um pouco de conhecimento de Freud pra entender os sintomas”*; *“vai lavar uma louça!!”*. Em outros momentos também é possível perceber a mesma lógica misógina nesse grupo: *“Antes de cair, a vaca renovou por mais 3 anos o envio de dinheiro ao comunismo cubano.”* A “vaca” em questão é obviamente a presidente Dilma Rousseff, e o dinheiro diz respeito a uma liberação de verbas cedida ao BNDS durante os governos de Lula e Dilma e que foram direcionados a obras de infraestrutura em Cuba, Moçambique e

Venezuela¹⁶. O que chama a atenção é a aparente reivindicação de um dinheiro enviado para uma nação, que na opinião do autor da publicação, não merece valor algum, independente do motivo, e além disso, ignora a existência da mesma política no governo de um homem (Lula), autorizando-se a chamar Dilma de vaca. Dilma pelo fato de ter sido a primeira mulher presidente do país, foi profundamente alvejada por comentários misóginos, machistas e ressentidos, tais como: *“uma tonta que depois vai reclamar por ganhar menos que um homem na mesma função”*; *“pode ver q ela vai assinar qualquer coisa vai da até o Brasil de graça essa anta nem ler sabe”*; *“Mulher miserável essa vaca!!!”* A misoginia é parte do repertório desses grupos sociais, tem relação intrínseca com o autoritarismo, o conservadorismo e com o ressentimento de classe. Bolsonaro é porta-voz de um pensamento que considera as mulheres algo menos que humano e indigno de respeito.

Kehl (2004) ao considerar a expansão do neoliberalismo e das políticas baseadas em meritocracia vigentes hoje, alerta sobre um dos pontos que pode contribuir para a presença massiva de ressentimento nos discursos observados, e concorda com Scheler, como verifica-se no excerto a seguir: “O ressentido é tão incapaz de vingar-se quanto foi impotente em reagir imediatamente aos agravos e às injustiças sofridas.” (pág, 65). Para a autora, o ressentimento se origina na percepção de que a desigualdade é injusta quando os atores sociais têm um pressuposto de igualdade como centro do seu pensamento. É justamente nas sociedades modernas que esse conflito se torna possível, já que o Estado ocupa o lugar de garantidor de direitos, e se propõe a ser o regulador da vida social. Ainda assim, alguns autores (MUTZER & MUSOLF, 2002; FASSIN, 2013; URE, 2015) têm desenvolvido uma diferenciação no conceito de ressentimento, separando-os pelo idioma do vocábulo. Então, a palavra em francês *“ressentiment”* refere-se ao ressentimento no aspecto nietzschiano do termo, ou seja, como um sentimento de impotência diante de um ultraje sofrido, enquanto o vocábulo em inglês *“resentment”* refere-se a outro tipo de ressentimento, ou seja, ao um sentimento de injustiça capaz de promover algum tipo de mobilização social, como veremos na próxima seção deste capítulo.

¹⁶ Notícia completa aqui: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/04/04/venezuela-cuba-e-mocambique-devem-mais-de-r-2-bilhoes-ao-bndes.ghtml>

Entretanto, é preciso dissecar um pouco mais as causas que fazem que indivíduos e grupos sociais acumulem ressentimento, e qual a relação entre elas e o conceito de igualdade formal, tão difundido nas democracias liberais. Para Scheler, a democracia possui um papel importante no surgimento do ressentimento. Antes disso, o autor faz uma separação entre democracia em seu sentido político e democratismo, que seria uma espécie de visão de mundo, caracterizada sociologicamente como formadora de valores e normas. São esses ideais que produziriam a coesão social. É por esse motivo que um partido político com compromisso com a democracia pode reproduzir ou não o democratismo, determinando os diferentes valores que serão valorizados. Essas diferenças foram analisadas pelo autor que compreendeu, por exemplo, que a democracia inglesa privilegiaria a liberdade e os direitos sociais individuais em detrimento de outras formas de igualdade. Já a democracia francesa teria como foco a equalização e a padronização do espírito e de sua cultura, deixando o enriquecimento de lado. A Rússia, estando em um lado oposto, e tendo se desenvolvido a partir da fraternidade revolucionária teria buscado a igualdade material. E por fim, a análise do autor considera que a Alemanha seria uma mistura desses tipos de democratismos e se preocuparia com a liberdade e a diversidade espiritual das pessoas.

Mas, se o ressentimento é um sentimento moral, precisamos de um conceito para relacioná-lo de forma mais clara com a moralidade. Neste sentido, o conceito bourdieusiano de sociodicéia possui enorme valor explicativo para fundamentar o nexos relacionados à moralidade que subjaz ao conceito de sentimentos morais, dado que é capaz de contemplar as hierarquias de valor socialmente produzidas e ancoradas nas visões de mundo. Nesse aspecto, o ressentimento enquanto um sentimento moral deve estar de alguma forma referido a uma hierarquia axiológica para poder servir de parâmetro para todo tipo de comparação suscetível de gerar insatisfação e/ou um sentimento de injustiça baseado na crença de que status e privilégios de classe, tidos e acumulados ao longo do tempo e por gerações, e que correm o risco de desaparecer por conta do advento de uma mudança de ordem socioeconômica.

Segundo Denord (2020), Bourdieu se vale da noção de sociodicéia para qualificar conceitualmente um conjunto de discursos que justificam a persistência da dominação e a prevalência das desigualdades sociais. Em substituição ao conceito

de ideologia mais adequado para descrever um discurso mais homogêneo e unificado, o conceito de sociodicéia foi inspirado nos “Ensaio sobre Teodicéia” de Leibniz e na sociologia de Max Weber que mobiliza o conceito de teodicéia para compreender a ação social e as diferenças de status social existentes no mundo a partir da obtenção ou perda da crença na graça divina, como observado anteriormente. Não obstante, para Bourdieu, como instrumentos que justificam a manutenção de uma dada ordem social, as teodiceias funcionam na verdade como sociodicéias:

“Se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes. Segundo Weber, a questão da origem do mal (...) torna-se uma interrogação sobre o sentido da existência humana apenas no caso das classes privilegiadas, sempre à procura de uma ‘teodiceia de sua boa sorte’. Em geral, tal questão constitui uma interrogação social a respeito das causas e razões das injustiças e privilégios sociais. Assim, as teodiceias são sempre sociodicéias.” (BOURDIEU, 2007, pp. 48-9).

Com efeito, a função das sociodicéias é naturalizar e consagrar os privilégios daqueles que estão situados nas posições superiores da estrutura de estratificação social, e que podemos chamar de dominantes. É justificar o sucesso, a felicidade, a bem-aventurança dos dominantes e o fracasso, a desgraça, a desventura dos que ocupam as posições subalternas na estrutura de classes. No mundo social, outras instituições além das religiões, também produzem racionalizações da mesma espécie. Exemplar, nesse sentido, é o papel desempenhado pelo sistema de ensino em geral e pela instituição escolar em particular através da difusão da ideologia da meritocracia que inclusive pode fomentar o que Bourdieu denomina como uma nova forma de racismo, qual seja, o “racismo da inteligência”, que justifica para os dominadores sua dominação como algo que faz parte da ordem natural das coisas e, por consequência, o acesso aos privilégios de classe inerentes a essa condição hierárquica:

“O racismo da inteligência é um racismo da classe dominante que se distingue por uma enorme quantidade de propriedades daquilo que se costuma designar como racismo, isto é, o racismo pequeno-burguês que é o objetivo central da maior parte das críticas clássicas ao racismo, a começar pelas mais vigorosas, como a de Sartre. Este racismo é próprio de uma classe dominante cuja reprodução depende em parte da transmissão do capital cultural, capital herdado que tem como propriedade o fato de ser um capital incorporado, e, portanto, aparentemente natural, inato. O racismo da inteligência é aquilo através do que os dominantes visam a produzir uma ‘teodiceia de seu próprio privilégio’, como diz Weber, isto é, uma justificativa da ordem social que eles dominam. É isto que faz com que os dominantes se

sintam justificados de existir como dominantes; que eles se sintam como possuindo uma essência superior. Todo racismo é um essencialismo e o racismo da inteligência é a forma da sociodicéia característica de uma classe dominante cujo poder repousa em parte sobre a posse de títulos que, como os títulos escolares, são considerados como uma garantia de inteligência e que substituíram, em muitas sociedades, mesmo em relação ao próprio acesso a posições de poder econômico, os antigos títulos, como os títulos de propriedade e os títulos de nobreza.” (BOURDIEU, 1983, pp. 205-206).

De outro modo, a sociodicéia conservadora compartilhada por segmentos significativos das camadas médias no Brasil ao favorecer a crença na naturalidade de sua posição de classe, favorece também a reprodução das hierarquias axiológicas que autorizam e chancelam preconceitos indexados pela classe social, pelo gênero e pela raça.

4.3 Distinção conceitual entre *Ressentiment* e *Resentment*

Mutzer e Musolf (2002), acreditam ser de grande relevância a separação de sentidos do ressentimento, para sua complexificação. Dessa forma os autores separam o sentido específico correspondendo-o com o vocábulo em inglês “*resentment*” e o sentido genérico com o termo em francês “*ressentiment*”. O primeiro diz respeito à emoção em si, enquanto o segundo se refere ao sentimento que é endereçado pelo indivíduo, para aquele que acredita ser detentor de um poder e de vantagens que o prejudicaram de alguma forma.

Os autores seguem dialogando com a noção de moralidade em Nietzsche, já que o alemão defende que o pensamento judaico cristão provocou uma mudança de valores onde igualdade, altruísmo, humildade entre outros começam a ser impostos e valorizados, mas que no entendimento dele seriam sinais de fraqueza, e como escrito anteriormente, equivaleria a moral do escravo. Quando eles comparam com Scheller percebe-se uma diferença, já que para este o ressentimento é produzido por uma repressão da espontaneidade e da possibilidade de expressão.

A diferença central entre um e outro está no elemento que une as visões de Scheller e Nietzsche, mesmo em geral elas sendo diferentes. Essa diferença é a vontade de agir e reaver o agravo do qual se fala. O ressentido é aquele que não quer se vingar, ou como escreve Kehl, (2007) “quer não se esquecer”. Scheller exemplifica essa diferença de uma forma simples. Um animal selvagem que é preso por um caçador e o morde não está tentando se vingar, está apenas se defendendo. O sentimento de vingança aconteceria depois de haver terminado o agravo e o ser

seguisse pensando em agir contra aquele que o atacou. O ressentido, por sua vez, não será capaz de agir propriamente e colocar-se-á em uma posição de vitimismo, como se o fato de ele não ter tido condições de se defender fosse culpa de um outro.

Nesse mesmo sentido, Didier Fassin (2013) exemplifica o vocábulo *ressentiment* com a questão da África do Sul. Esse sentimento que foi nomeado com a palavra em francês, poderia ser chamado em português como revolta, embora esse termo tenha uma conotação negativa. Isso se deve ao fato de que o que esse grupo étnico sente não é ressentimento, mas sim uma condição antropológica que se relaciona com a história de preconceito. Então, eles não formam um grupo ressentido, ao contrário, eles buscam justiça social.

Neste sentido, a hipótese de Koenis (2018), já citado anteriormente, argumenta que a democracia com seu princípio da igualdade, seria uma das causas do *ressentiment*. Ure (2015), por sua vez, traz outros elementos para a existência deste tipo de ressentimento, como a identificação e compartilhamento das normas sociais e relacionamentos políticos, além da preocupação com a autoestima individual, a ideia de honra ferida e a necessidade de reconhecimento. Para o autor, entretanto, os agentes conseguem superar o ressentimento quando eles comunicam o que se sentem e sentem-se valorizados pelos olhos públicos, entendendo assim, que uma certa ordem normativa teria se estabelecido. Este fato poderia auxiliar a entender por que as redes sociais, e aqui está incluído o Twitter, são fontes infundáveis para a exposição das mais diferentes ideias sendo elas ressentidas ou não. Não obstante, para Michael Ure:

O que se entende por “*resentment*”, por sua vez, tem uma função social, influenciando inclusive na chamada justiça restaurativa, por marcar injustiças e violações nos direitos dos cidadãos, criando a demanda pela restauração da igualdade de direitos. Dessa forma, o ressentimento também pode ser uma forma de garantia das normas democráticas, mesmo que sendo uma emoção (URE, 2015).

Por fim, também é preciso considerar que a ideia de que se pode escolher em uma sociedade democrática, quando é acompanhada de uma crescente individualização e seletividade de oportunidades, leva o sujeito a pensar que o outro é um inimigo a ser eliminado, e a buscar por constantes rivais, resultando na sensação de fracasso e na produção de ressentimento (TOMELLERI, 2013). A individualização, portanto, faz com o que cada um seja o responsável por sua própria felicidade e a

medida de todas as coisas. Uma das consequências, seria a existência de uma grande flexibilidade de escolhas em vários quesitos como controle, comportamento e crenças, mas ao mesmo tempo, a aparente autonomia faz com que o campo das relações sociais seja ignorado, produzindo formas de ressentimento. Além disso, a sensação de liberdade faz parecer que tudo está ao alcance de todos, caso trabalhem o suficiente, fazendo com que muitas pessoas vivam pela conquista de poder, muitas vezes comercializando as relações humanas e descobrindo que a lógica capitalista, na verdade, produz bastante sofrimento (TOMELLERI, 2013).

Nesse sentido, Barbalet (1992) retoma o fato de que apesar das muitas promessas advindas do capitalismo e dos avanços tecnológicos, a modernidade é marcada pelo agravamento estrutural de situações como as desigualdades social e econômica. Trata-se de uma contradição, pois ao mesmo tempo que há uma evolução em diversos aspectos da vida, o acesso a recursos, conhecimento e oportunidades, permanece extremamente desigual. É justamente nesse ponto que existem as condições fenomenológicas para a disseminação do ressentimento, como escrito anteriormente (SCHELER, 1993; BARBALET, 1992; TOMELLERI, 2013).

4.4 Conclusão

É de notória clareza a existência de uma relação inseparável entre Estado e ressentimento. Seja no âmbito filosófico, como Nietzsche, que considera a posição paternalista do estado como fonte de fraqueza e, portanto, de ressentimento, seja no ideal de igualdade que não se efetiva, do qual assevera Scheler, seja na relação entre um líder e a massa tal qual identifica Freud, relacionando com a covardia moral do neurótico. Elias, por sua vez, entende que a reprodução de sentimentos e ações nacionalistas têm como fonte a identificação a um líder ao qual devem servir. Esses líderes, por sua vez, também disseminam ideias nacionalistas, moralistas e ressentidas.

São essas ideias que abrem espaço para a existência de uma sociodicéia, ou seja, de uma justificativa social dos males sociais, que é permeada de ressentimento. A culpa de todos os agravos sociais está no outro grupo, na outra classe que retira algo que seria dessa outra “de direito”. No contexto brasileiro, entra em questão a perda de exclusividade de certos “privilégios” conquistados pelas classes mais baixas durante os governos petistas. São essas pequenas conquistas que despertam, uma

não tão adormecida assim, ruminação rancorosa e moralista, que se disfarça de luta contra a corrupção entre outros discursos utilizados para justificar o ressentimento de classe existente.

Por fim, também é preciso considerar o quando o modo de produção capitalista influencia na produção do ressentimento nas sociedades atuais, já que ao mesmo tempo ele produz um hiperconsumo, a comercialização das relações, e uma ideia de individualidade e autonomia que faz com que o sujeito não apenas de considere o outro na sua construção subjetiva, como também produz um certo laço perverso, onde o outro ocupa lugar de gozo, e caso não possa estar nesse lugar, produz-se a necessidade de eliminar como um inimigo. O ressentimento, portanto, aparece como um sintoma social que ignora o outro como sujeito de direitos, e que trata o diferente como um inimigo a ser eliminado.

5. CONCLUSÃO

As redes sociais notoriamente produzem um efeito bastante interessante em diferentes aspectos da vida individual e social dos agentes. Este trabalho demonstra como se deu a criação de uma nova forma de ação coletiva e de protesto social que acontece *online*. Mais do que isso, as publicações no *Twitter* não apenas servem aos propósitos da contestação social, mas se produzem por seu efeito de aparente comunicação com um interlocutor que sem a existência da *internet* seria quase inalcançável, o que faz com que inúmeras mensagens de apoio, afeto e ódio, sejam dirigidas sem grande criticidade. Além disso, um dos efeitos de ter uma página em que se pode publicar qualquer coisa é a exposição da sociodicéia de cada um, argumentando sua visão de mundo qual seja ela, o que permite a um leitor atento analisar as categorias exploradas, os sentimentos morais envolvidos e a expressão, as vezes mais e as vezes menos declaradas formas de ressentimento de classe.

Dessa maneira, foi preciso recuperar o conceito de classe em sua extensão histórica, para que fosse possível determinar qual o entendimento acerca da classe média sobre o qual disserta esse trabalho. Entende-se classe, portanto, de forma mais ampla do que Marx e Engels (1845/1982), e Weber, assumindo a ideia bourdieusiana de classe que se refere a reprodução do *habitus* da classe em questão e de suas lógicas de opressão. O que foi percebido, então, é a reprodução de um *habitus* conservador, contrário a qualquer mudança social e que se opõe a possibilidades de mobilidade social das classes mais baixas. Esses sentimentos de caráter moral são qualificados como frustração relativa, ou seja, trata-se da inconformidade exposta em publicações, sobre a impressão de haver uma perda das características que mantinham e reproduziam certa distinção social. Este processo também é considerado sociologicamente uma forma de ressentimento de classe.

Além disso, foi preciso considerar também, como se constituiu a formação de classes brasileira, o que leva inevitavelmente a estudo de como se deu a escravidão no país, e de como a lógica escravagista e racista encontra diferentes maneiras de se fazer presente no contexto atual do país. A forma como os escravos libertos e imigrantes entraram para o “mercado de trabalho” perpetuou a ideia de que o trabalho braçal não era digno da elite, além de fundar e reproduzir a ideia de que aqueles que pertencem a uma classe subalterna não têm vontade de trabalhar. Muito dessa lógica

foi percebida nas inúmeras publicações que comemoravam o *impeachment* da presidente Dilma, considerando que a “mamata” teria terminado, bem como inúmeras publicações com o mesmo teor preconceituoso, mas que ligam o governo de Jair Bolsonaro com o fim de certa dependência dos mais pobres. Outras publicações que demonstram a atualidade do preconceito de classe e raça dizem respeito a morte de Marielle Franco, durante intervenção militar no Rio de Janeiro em 2018, que não apenas faziam piada com sua negritude e orientação sexual, mas também comparações entre sua execução e a morte de policiais catarinenses em um assalto.

Foi possível perceber a importância das classes médias brasileiras ao longo dos anos e da história do país, e de como em momentos de destaque na história nacional ela ocupa a posição de protagonista frente os eventos, sejam eles o final do governo de Getúlio Vargas, o golpe militar em 1964 ou o golpe institucional de 2016. Especialmente nos últimos anos os processos identificatórios entre esse grupo social e uma liderança carismática com forte viés autoritário e potencialmente ‘neofascista’ produziram vasta convulsão social exposta nos *tweets* e no resultado das eleições de 2018. Foi considerada a lógica das redes sociais digitais e a certa sensação de anonimato que ela produz, entretanto, seria uma ilusão considerar os sentimentos morais expostos simples efeito da *internet*, dessa maneira, são exposições de um pensamento onde a aporofobia, a homofobia, a misoginia, o anticomunismo, o ressentimento e o ódio determinam a sociodicéia de um grupo social que pertence as classes médias e ao campo conservador.

Se para a definição conceitual das classes médias foi considerada a reprodução do *habitus* de classe, para a definição de conservador considerou-se a reprodução de uma sociodicéia que tem como justificativa moral o ressentimento de classe, e um posicionamento contra toda e qualquer ideia progressista, além de uma veemente defesa do irracionalismo, de nacionalismo extremo e da exposição de diversas formas de preconceito. São os sentimentos morais e as reações às questões sociais que demonstram a relação entre classe média, conservadorismo e a direita brasileira e que por sua vez, abrem espaço para a reemergência do conservadorismo, bem como a ascensão do bolsonarismo.

Jair Bolsonaro aparece nas publicações encontradas como um grande ídolo e referência política, para aqueles que se identificam com seus ideais. A imagem construída de Bolsonaro coincide com a lógica do agitador estudada por Lowenthal e

Guterman (1949) e reproduz certas formas de pensamento que são autoritárias conforme estudado por Adorno (2019). O bolsonarista é, portanto, um dos grandes agitadores das redes sociais, que perpetuam ataques a minorias, anseiam pela volta de um regime militar, militam contra ideologia de gênero e qualquer outra ideia progressista. Ou seja, são justamente os progressos sociais e econômicos que fazem com que seja estabelecida a frustração relativa que funciona como disparador de uma sociodicéia em que o ressentimento e demais sentimentos morais façam sentido e sejam divulgados em publicações como as analisadas por este trabalho.

Além disso, verificamos a hipótese de que o ressentimento de classe por parte de indivíduos pertencentes às camadas médias que realizam postagens no Twitter está assentado em uma sociodicéia e correspondente habitus de classe que justifica seus privilégios de classe como algo natural. Tratar-se-ia de uma sociodicéia conservadora que justifica a desigualdade de classes a partir, por exemplo, do primado de uma ideologia meritocrática. Neste caso, a expectativa ou receio de uma privação relativa no acesso a bens materiais e simbólicos seria capaz de deflagrar a contestação social através de uma rede social virtual em defesa da manutenção de um dado *status quo*. Portanto, o estudo sobre o ressentimento para a compreensão da contestação de natureza conservadora nas redes sociais virtuais só funciona quando relacionado à estrutura social, ou seja, à estrutura de classes no Brasil. Ao mesmo tempo então, que em tese se almejaria alguma igualdade, quando há algum movimento nesse sentido, as classes privilegiadas sentem a mudança estrutural, ainda que pequena, como uma grande ameaça, e esse medo, ainda que de alguma maneira inconsciente, aparece de forma clara nas múltiplas manifestações apresentadas neste trabalho.

Por conseguinte, os fenômenos estudados, apresentados e analisados neste trabalho têm profunda relação com a formação do Brasil como um todo, seja a sua divisão de classes, a existência e permanência das lógicas escravocratas e racistas, e pensamentos misóginos. Se as classes médias e as elites aparecem na história brasileira aparecem como grandes protagonistas e mobilizadores sociais, os conservadores sempre estiveram presentes como um plano de fundo, e ainda que algo da atual realidade se modifique, sabemos que eles seguirão presentes. Este é um tema que precisa seguir sendo estudado, os efeitos do Bolsonarismo para o país ainda estão por serem descobertos e qualificados, devido a sua recente aparição

ainda que ele siga lógicas antigas e perpetuadas. De qualquer maneira, este trabalho possui uma incompletude que de maneira nenhuma pretendeu se desfazer. Este é um convite para que futuros pesquisadores sigam produzindo estudos de modo a complementar e avançar além do que foi possível nesse momento.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. Propaganda fascista e antissemitismo. In: SIMMEL, Ernts. Antisemitism: A social disease. **Madison: International University Press**, Vol. 9, T. Frankfurt, p. 397-407, 1946/1975.
- ADORNO, T.; et all. **The Authoritarian Personality**. Nova York: Harper, 1950.
- ALONSO, Ângela. A gênese de 2013: formação do campo patriota. **Journal of Democracy**. Vol. 8, nº. 1, pp. 97-119, maio de 2019.
- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti; MACIEL, Lousie Claudino. A individualidade em Simmel e Elias: Contribuições Teóricas para uma sociologia do indivíduo. **Lua Nova**, nº. 101, pp.259-290, 2017. Acesso em 30/08/2021 disponível em <https://doi.org/10.1590/0102-259290/101>
- ASSIS, Rodrigo V. de. As sociologias do indivíduo em perspectiva: Bernard Lahire, Danilo Martuccelli e Jean-Claude Kaufmann. **42º encontro anual da ANPOCS**, Minas Gerais, 2021.
- ARRETCHE, Marta. Democracia e redução da desigualdade econômica no Brasil: a inclusão dos *outsiders*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 33, nº. 96, pp. 01-23, 2017.
- BARBALET, Jack M. A Macro Sociology of Emotion: Class Resentment. **Sociological Theory**,10(2):150-163, 1992.
- BASTOS, Pedro Paulo Z. Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff e o golpe de 2016: poder estrutural, contradição e ideologia. **Rev. Econ. Contemp.**, Vol. 21, Número Especial, pp.1-63 2017.
- BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra. **The logic of connective action: Digital media and the personalization of contentious politics**. New York: Cambridge University Press, 2013.
- BOLTANSKI, Luc. **Distant Suffering Morality, Media and Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- BOUDON, Raymond. **The unintended consequences of social action**. London: The Macmillan Press, 1982
- BOURDIEU, Pierre. Racismo da inteligência. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, pp. 205-208.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: MICELI, Sérgio (Org.). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. Séminaires sur le concept de champ. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**. 1975/2013. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-actes-de->

la-recherche-en-sciences-sociales-2013-5-page-4 .htm. Acesso em 1º de novembro de 2019.

BOURDIEU, Pierre. Décrire et prescrire [Note sur les conditions de possibilité et les limites de l'efficacité politique]. **Actes de la Recherche en Science Sociales**, Vol. 38, pp. 69-73, 1981. DOI: <http://dx.doi.org/10.3406/arss.1981.2120>

BRUNHARI, Marcos Vinicius. Fascismo e Discurso Capitalista: um objeto sintético. **Rev. Latinoam. Psicopatol. Fundam.** São Paulo, 24(3), 597-617, 2021. DOI <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n3p597.7>

BURKE, Edmund. Reflexões sobre a revolução na França. Tradução José Miguel Nanni Soares. São Paulo: Edipro, 2014.

CAVALLETO, George. **Crossing the Psycho-Social Divide: Freud, Weber, Adorno and Elias.** Ashgate (e-BOOK), 2007.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA - Cultura, Poder e Sociedade, II, 2019, Santa Maria. **Anais [...].** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2019, p. 11. Tema: A recriação da direita no atual cenário político regional. Um olhar com perspectiva histórica.

CORTINA, Adela. **Aporofobia: a aversão ao pobre, um desafio para a democracia.** Tradução de Daniel Febre. São Paulo: Contracorrente, 2020.

DANTAS, Audálio. A mídia e o golpe militar. **Estudos Avançados**, Vol. 28, nº. 80, pp. 59-74, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142014000100007>

DELEUZE, Gilles. Trad. Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DENORD, François. Sociodicée. In: SAPIRO, Gisèle (Dir). **Dictionnaire International Bourdieu.** Paris: CNRS Éditions, 2020.

DUBET, François. **O tempo das paixões tristes.** São Paulo: Vestígio, 2020.

ELIAS, Norbert. **Os alemães.** A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

ELIAS, Norbert. **The Civilizing Process: Sociogenetic and Psychogenetic Investigations,** revised edition. Oxford: Blackwell, 2000.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders.** Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2000.

ELIAS, Norbert. Le concept freudien de société et au-delà. In: ELIAS, Norbert. **Au-delà de Freud: sociologie, psychologie, psychanalyse.** Paris: Éditions la Découverte, 2010.

FANTINI, Bernardino; MORUNO, Dolores; MOSCOSO, Javier. **On Resentment: past and present.** Cambridge Scholars Publishing, UK, 2013.

FASSIN, Didier. On Resentment and Ressentiment. The politics and ethics of moral emotions. **Current Anthropology**, Chicago, Vol. 54, nº. 3, pp. 249-267, jun. 2013.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**. Ensaio de interpretação sociológica. São Paulo: Editora Globo, 2006.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Volumes 1 & 2. São Paulo: Editora Globo, 2007/2008.

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914 – 1916)**. Tradução de Paulo César de Souza. Obras Completas Vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FREUD, Sigmund. Psicologia das Massas e Análise do Eu. In: FREUD, Sigmund. **Psicologia das Massas e Análise do eu e outros textos (1920 - 1923)**. Tradução de Paulo César de Souza. Obras Completas Vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na Cultura**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: 1ª edição L&PM, 1930/2017.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. In: FREUD, S. **O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias e outros textos (1930 – 1936)**. Tradução de Paulo César de Souza. Obras Completas Vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 1933/2020.

FREUD, Sigmund **Compêndio de Psicanálise**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: 1ª edição L&PM, 1939/2017.

GERTH, H. H, MILLS, C. Wright. Orientações Intelectuais In: WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.,1946.

GETHIN, Amary; MORGAN, Marc. Brazil Divided: Hindsight on the growing politicization of inequality. **Word Inequality Lab**, 2018.

Guimarães, V. C., & Celes, L. A. M. O psíquico e o social numa perspectiva metapsicológica: o conceito de identificação em Freud. **Psicologia. Teoria e Pesquisa**, nº. 23, pp. 241-246, 2007.

GINER, Salvador. Sociodiceia. **Clivatge**, nº. 3, pp. 32-50, 2015.

GRIFFIN, Roger. **Modernismo y fascismo**. La sensación de comienzo bajo Mussolini y Hitler. Madrid: Akal, 2011.

GURNEY, Joan Neff & TIERNEY, Kathlenn J. **Relative deprivation and social movements**. A critical look at twenty years of theory and research. The Sociological Quarterly, nº. 23, pp. 33-47, 1982.

GURR, Ted Robert. **Why men rebel**. London: Routledge, 2011.

HIRANO, Sedi. **Castas, Estamentos e Classes Sociais**. São Paulo: Editora: Alfa-ômega, 1974.

HORKHEIMER, Max. Prefácio. In: ADORNO, T. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Unesp, 2019.

HUANG, R. **RQDA**: R-based Qualitative Data Analysis. R package version 0.3-1, 2018. Disponível em: <http://rqda.r-forge.r-project.org>.

JONES, Owen. **Chavs**: The demonization of the working class. New York: Verso, 2011.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

KOENIS, Sjaak. Democracy and Resentment. In: TUINRM, Sjoerd van (Ed.). **The Polemics of Ressentiment**: Variations on Nietzsche. London: Bloomsbury Publishing, 2018.

LACAN, J. **O Seminário, livro 5**: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1958/1999.

LACAN, J. **O seminário, Livro 11**. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1964/1998.

LACAN, J. **O seminário Livro 17**. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1970/1992.

LAHIRE, Bernard. Elias, Freud, and the Human Science. In: DÉPELTEAU, François; LANDINI, Tatiana. (Ed.). **Norbert Elias and Social Theory**. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

LOPES, JRB. Sistema industrial e estratificação social. In: **Sociedade industrial no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, pp. 149-168. ISBN: 978-85-9966-277-9. Available from SciELO Books.

LOWENTHAL, Leo & GUTERMAN, Norbert. **Prophets of Deceit**. A Study of the Techniques of the American Agitator. New York: Harper & Brothers, 1949.

LÖWY, Michael. Neofascismo: um fenômeno planetário – o caso Bolsonaro. 2019. Disponível em <<https://aterraeredonda.com.br/neofascismo-um-fenomeno-planetario-o-caso-bolsonaro/>> Acesso em 02 de novembro de 2019.

MANNHEIM, Karl. O pensamento conservador. In: MARTINS, José de Sousa (Org.). **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: HUCITEC, 1986.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Trad. Phillip C. Schmitter. Zahar, Rio de Janeiro, 1938.

MARX, Karl; ENGELS, F. **Obras Escolhidas**. Lisboa: Edições “Avante!”, (1845), 1982.

MESSEMBERG, Debora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado**. Vol. 32, nº. 3, pp. 621-647, 2017.

MORGAN, Marietta; COTE, Tyler; FARLEY, Tyler; & MURPHY, Paul. Less Is More Ideological: Conservative and Liberal Communication on Twitter in the 2016 Race. In:

GALDIERI, Christopher J.; LUCCAS, Jennifer C.; & SISCO, Tauna S. (Eds.). **The Role of Twitter in the 2016 US Election**. New Hampshire: Palgrave Macmillan, 2018.

MUTZER, Bernard N.; MUSOLF, Gil R. Resentment and Ressentiment. **Sociological Inquiry**, Michigan, Vol. 72, nº. 2. pp. 240-55, 2002.

NEVEU, Érik. **Sociología de los movimientos sociales**. Quito, Ecuador: Abya-Yala, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro**. São Paulo, Companhia das Letras, 1886/1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral** (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OAKESHOTT, M. **Ser Conservador**. Belo Horizonte: Gabinete de Estudos Gonçalo Begonha, 2016.

OLIVEIRA, Adalberto Cardoso de. **A construção da sociedade do trabalho no Brasil: uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Amazon, 2019.

OLIVEIRA, Adalberto Cardoso de. **À beira do abismo: uma sociologia política do bolsonarismo**. Rio de Janeiro: Amazon, 2020.

OLIVEIRA, Adalberto Cardoso de. **Classes médias e política no Brasil: 1922-2016**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020.

OLIVEIRA, Adalberto Cardoso de; PRÉTECEILLE, Edmond. **Classes médias no Brasil**. Do que se trata? Qual seu tamanho? Como vem mudando? **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Vol. 60, nº4, pp. 977-1023, 2017.

ORTELLADO, Pablo, GALLEGO, Esther Solano e RIBEIRO, Márcio Moretto. **Uma sociedade polarizada**. Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

O'SULLIVAN, Noël. Conservatism. In: BALL Terence & BELLAMY, Richard (Eds.). **The Cambridge History of Twentieth-Century Political Thought**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003, pp.151-164.

PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia Mury. Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo. **Cadernos IHU Ideas**, Brazil, 2018. Disponível em https://www.academia.edu/37751341/Da_Esperanca_ao_Odio_Pobreza_e_Politica_do_lulismo_ao_bolsonarismo

PINHEIRO- MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2019.

PINTO, Eduardo Costa. **Bolsonaro e os Quartéis**: a loucura com método. Rio de Janeiro: Instituto de Economia da UFRJ, 2019. Disponível em https://www.ie.ufrj.br/images/IE/TDS/2019/TD_IE_006_2019_PINTO.pdf

POLLETA, Francesca; CHEN, Pang Ching B; GARDNER, Beth G.; & Motes, Alice. Is the internet creating new reasons to protest? In: STEKELENBURG, Jacquelin van; ROGGE BAND Conny, & KLANDERMANS Bert (Eds.). **The Future of Social Movement Research**: Dynamics, Mechanisms, and Processes, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.

PONTES, Nicole L. M. T. de. Habitus e libido social: Revisitando Bourdieu através da psicanálise. **Estudos de Sociologia**, Vol. 2, nº. 17, 2011.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. **Estrutura de classe e mobilidade social no Brasil**. Edusc, São Paulo, 2007.

RIDENTI, Marcelo. **Classes Sociais e Representação**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

RILEY, Dylan. A teoria das classes de Pierre Bourdieu. **Estud. sociol.** Araraquara, Vol. 24, nº. 46, pp.181-210, 2019.

ROCHA, Camila, SOLANO, Esther & MEDEIROS, Jonas. **The Bolsonaro Paradox**. The public sphere and right-wing counterpublicity in contemporary Brazil. Cham, Switzerland: Springer, 2021.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1999.

RSTUDIO Team. **RStudio**: Integrated Development for R. RStudio, PBC, Boston, MA, 2020. URL: <http://www.rstudio.com/>.

SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. In: HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SCHELER, Max. **El resentimiento en la moral**. Madrid: Caparrós, 1993.

SCHWARCZ, Lilia M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

SCRUTON, Roger. **O que é conservadorismo**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SODRÉ, Nelson W. **A história da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1966/1983.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2016.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

STRECK, Lenio; CARVALHO, Marco Aurélio de. **O livro das suspeições**. São Paulo: Grupo Prerrogativas, 2021.

SWIDLER, Ann. **Talk of Love: How Culture Matters**. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

TELES, Edson; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Espectros da ditadura: da Comissão da Verdade ao bolsonarismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020, E-book.

TELLES, Helcimara. **A Direita Vai às Ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protestos antigoverno**. **Ponto e Vírgula**, São Paulo, nº. 19, pp. 97-125, 2016.

TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo**. Populismo e a extrema-direita. Belo Horizonte: Âyiné, 2021.

TILLY, Charles. **Regimes and repertoires**. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

TOMELLERI, Stefano. The sociology of resentment. In: FANTINI, Bernardino; MORUNO, Dolores M.; MOSCOSO, Javier (Eds.). **On Resentment: Past and Present**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, UK, 2013.

TUFEKCI, Zeynep. **Twitter and tear gas: The power and fragility of networked protest**. New Haven, CT: Yale University Press, 2017.

TUINEN, Sjoerd van. **The Polemics of Ressentiment: Variations on Nietzsche**. London: Bloomsbury Academy, 2011.

TURNER, Bryan S. Norbert Elias and the Sociology of Resentment. In: LEMMINGS, David; BROOKS, Ann. (Eds.). **Emotions and Social Change**. Historical and Sociological Perspectives. New York: Routledge, 2014.

URE, Michael V. Resentment/Ressentiment. **Constellations**, Vol 22, nº. 4, pp. 599-613, 2015.

VAN DIJK, W. W.; OUWERKERK, J. W. **Schadenfreude: Understanding pleasure at the misfortune of others**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; WAAL, Martin. **The platform society: Public Values in a connective world**. New York: Oxford University Press, 2018.

WEBER, M. **Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology**. Berkeley, CA: University of California Press, 1978.

WEBER, M. Sociologia da religião (tipos de relações comunitárias religiosas). In: WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Ed. da UnB, 1966/1991.

WELLER, WIVIAN; BASSALO, LUCÉLIA DE MORAES BRAGA A insurgência de uma geração de jovens conservadores: reflexões a partir de Karl Mannheim. **Estudos Avançados** [online]. 2020, Vol. 34, nº. 99 [Acessado 5 janeiro 2022], pp.391-408. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-014.2020.3499.023>

WINK, Georg. **Brazil, Land of the Past**. The ideological roots of the new right. Cuernavaca, México: Bibliotopía, 2021.

WOODLEY, Daniel. **Fascism and political theory**: critical perspectives on fascist ideology. London: Routledge, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. **Eles não sabem o que fazem**. O sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.